



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ADRIANE GOMES ARAUJO COSTA

**UMA CARTOGRAFIA DE VIVÊNCIAS E DESEJOS
FEMININOS: CONVERSANDO COM JOVENS DO DISTRITO
DE RETIRO, CORAÇÃO DE MARIA - BA**

Feira de Santana
2022

ADRIANE GOMES ARAUJO COSTA

**UMA CARTOGRAFIA DE VIVÊNCIAS E DESEJOS
FEMININOS: CONVERSANDO COM JOVENS DO DISTRITO
DE RETIRO, CORAÇÃO DE MARIA - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Alessandra Alexandre Freixo

Feira de Santana – BA
2022

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

C87c Costa, Adriane Gomes Araújo
Uma cartografia de vivências e desejos femininos: conversando com jovens do distrito de Retiro, Coração de Maria / Adriane Gomes Araújo Costa. –,2022.
132p.: il.

Orientadora: Alessandra Alexandre Freixo
Dissertação(mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação , 2022.

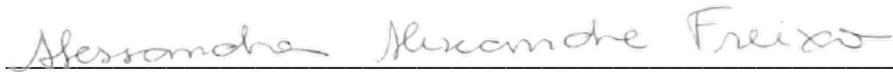
1. Jovens mulheres - Desejo - Sexualidade. 2. Jovens mulheres - Gênero - Desejo - Coração de Maria, BA. 3. Mulher jovem - Zona rural. 4. Violência de gênero - Facebook (rede social). I. Freixo, Alessandra Alexandre, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 396:613.88(814.22)

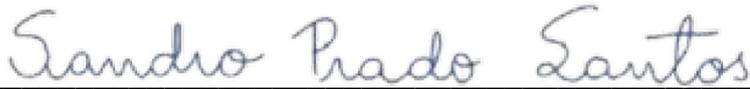
ADRIANE GOMES ARAUJO COSTA

**UMA CARTOGRAFIA DE VIVÊNCIAS E DESEJOS FEMININOS: CONVERSANDO
COM JOVENS DO DISTRITO DE RETIRO, CORAÇÃO DE MARIA - BA**

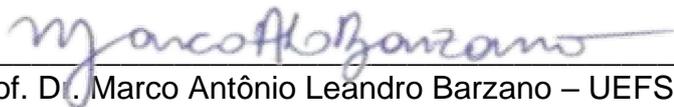
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Educação, Sociedade e Culturas, Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:



Prof (a). Dr (a). Alessandra Alexandre Freixo – UEFS
Orientadora



Prof. Dr. Sandro Prado Santos – UFU
Primeiro Examinador



Prof. Dr. Marco Antônio Leandro Barzano – UEFS
Segundo Examinador

Feira de Santana, 08 de setembro de 2022.

Resultado: APROVADA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sua infinita bondade e misericórdia em minha vida, e por ser uma fonte inesgotável de amor.

A minha querida orientadora, Alessandra. Mais que uma orientadora, uma amiga. Agradeço por toda dedicação, incentivo e cuidado que sempre teve comigo. Muito obrigada por me aceitar como orientanda, e por sempre me incentivar a aceitar e procurar desafios!

A minha mãe, Anaide, meu maior exemplo de amor e cuidado. Obrigada por ser a minha maior incentivadora e a minha melhor rede de apoio! Ao meu pai, Arcanjo, por ser meu protetor e me ensinar a batalhar pelas coisas que acredito. Obrigada por sempre me apoiar! A minha irmã, Gisely. Somos tão diferentes e tão iguais. Obrigada por ser tanto para mim. Com você aprendo a levar a vida com mais leveza!

A família que eu construí: meu esposo, Renilson, pela relação pautada no companheirismo, amor e amizade que construímos ao longo dos anos. Ao nosso filho, Gabriel, que me mostrou o tamanho da minha capacidade de amar e me dá forças para continuar, todos os dias!

A Gabriela, por me oferecer mais que amizade, uma irmandade. Obrigada por compartilhar comigo tantos momentos de alegria!

A Eliane, que mesmo distante, se faz presente em minha vida. Obrigada por continuar sendo a minha pessoa!

A Islane e Wanderval, por termos construídos esse laço tão belo de amizade, unindo as nossas famílias!

Agradeço as Jovens Mulheres que aceitaram o desafio de retomar a caminhada comigo, compartilhando suas vivências e desejos. Obrigada pelo tempo, por cada palavra escrita e pronunciada, sem vocês essa cartografia não existiria!

A Banca examinadora, professores Sandro Prado e Marco Barzano, por terem contribuído de maneira decisiva para o mapeamento da cartografia.

A UEFS, por preparar este Programa de Pós-Graduação em Educação com profissionais capacitados e engajados com o processo formativo individual e coletivo de seus discentes.

Agradeço a CAPES pelo apoio a realização desse trabalho, que incentivou a minha permanência no programa de mestrado por meio da manutenção da bolsa e pela licença maternidade sem prejuízo da mesma.

A todos os envolvidos, Muito Obrigada!

“O desejo é a criação do mundo”
(Suely Rolnik)

RESUMO

Esta Cartografia foi construída em duas etapas, a primeira buscou conhecer as formas como são construídas as relações de gênero e sexualidade entre as jovens mulheres do Distrito rural de Retiro do Município de Coração de Maria, Bahia; a segunda, como essas relações de gênero influenciam em suas vivências e na construção e experimentação do desejo. Esta pesquisa possui cunho qualitativo, aliando os referenciais teórico-metodológicos da Cartografia e da Netnografia, incorporando o diário de bordo e o *Google Meet* como ferramentas fundamentais para realizar a pesquisa, que aconteceu durante o isolamento social, decorrente da pandemia de COVID-19. Refletimos sobre as relações entre autoestima e a influência da mídia e o quanto o mercado da estética tem influenciado e construído padrões uniformes que ignoram a diferença como elemento intrínseco aos seres. Identificamos as barreiras visíveis e invisíveis que tem permeado a construção e realização dos nossos desejos. Além disso, uma questão importante: há espaço para esses desejos ou temos que reivindicá-los? O campo dos desejos ainda está sob constante vigilância. O devir-feminino é uma potência de desejos que, sob o domínio do pensamento colonizador que recusa a diferença, foi colocado sob a constante punição. Mas isso não impede de continuarmos identificando os marcadores que delimitam a nossa sexualidade e tudo que vem após e com ela. Esta Cartografia mapeou a construção de devires femininos, cheios de subjetividade e desejo, e como estão vivenciando o mundo.

Palavras-chave: Experiência; Desejo; Subjetividade; Jovem Mulher; Zona rural.

A CARTOGRAPHY OF FEMININE EXPERIENCES AND DESIRES: TALKING TO YOUNG WOMEN FROM THE DISTRICT OF RETIRO, CORAÇÃO DE MARIA – BA

ABSTRACT

This Cartography was built in two stages, the first sought to know the ways how the gender and sexuality relations are constructed among young women of rural District of Retiro of the county Coração de Maria, Bahia; the second, how those gender relations influence their experiences and the construction and experimentation of desire. This research has a qualitative nature, combining the theoretical-methodological references of the Cartography and the Netnography, incorporating the logbook and Google Meet as fundamental tools to conduct the research that happened during the social isolation due to the COVID-19 pandemic. We reflected about the relation between self-esteem and the influence of the media and how the beauty industry has influenced and built uniform patterns that ignore the difference as an intrinsic element of the living beings. We identified the visible and invisible barriers that have permeated the construction and realization of our desires. Besides that, an important question: is there space for those desires or do we need to reclaim them? The field of the desires still are under constant vigilance and punishment. The becoming-feminine is a potency of desires that, under the domination of the colonizing notion that refuses the different, was put under constant punishment. But that doesn't prevent us from continuing to identify the markers that delimit our sexuality and everything that comes after and with it. This Cartography mapped the constructions of the feminine becomings, full of subjectivity and desire, and how they are experiencing the world.

Keywords: Experience, Desire, Subjectivity, Young Woman, Countryside.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: PRAÇA DO RETIRO	64
Figura 2: PRAÇA DO RETIRO	65
Figura 3: GRUPO NO WHATSAPP.....	69
Figura 4: CADERNOS PARA PRODUÇÃO DOS DIÁRIOS.....	70
Figura 5:SERÁ QUE NO BRASIL TODOS TEM A MESMA OPORTUNIDADE?	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
EU TENHO UMA OPINIÃO! CARTOGRAFANDO CASOS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM UM GRUPO NO <i>FACEBOOK</i>	14
1. VOCÊ ESTÁ NA CARTOGRAFIA	14
2. TERMOS E POLÍTICAS DESTA CARTOGRAFIA	15
3. ENVIANDO SOLICITAÇÕES DE AMIZADE	19
4. LINHA DO TEMPO	21
4.1. Caso 01: <i>Sexting</i> (publicado em 17 de julho)	23
4.2. Caso 02: violência de gênero na sala de aula (publicado em 08 de agosto)	33
4.3. Violando o direito de livre expressão da orientação sexual (publicado em 30 de agosto)	45
5. OBSERVAÇÕES ALÉM DA LINHA DO TEMPO	55
NOVAS REDES DE ENCONTROS	57
1. METODOLOGIAS PARA O REENCONTRO	58
1.1 Uso de tecnologias em tempos pandêmicos	58
1.2 O protagonismo da experiência em um diário de bordo	61
1.3 Campo de pesquisa: processo e participantes	63
2. (RE) ENCONTRO	68
2.1 Subjetivações em diários de bordo	71
3. ENCONTRO DE DESEJOS	77
3.1 Desejos de ser	84
3.2 Desejos: há espaço para eles?	98
3.3 Desejos de fazer	104
CARTOGRAFAR É EXPERIMENTAR DESAFIOS	112
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	123

INTRODUÇÃO

Esta cartografia foi construída em duas etapas, a primeira teve como objetivo conhecer as formas como são construídas as relações de gênero e sexualidade entre as jovens mulheres do Distrito rural de Retiro do Município de Coração de Maria, Bahia; a segunda, como essas relações de gênero influenciam em suas vivências e na construção e experimentação do desejo. Este é meu endereço desde o nascimento até a escrita deste trabalho, e aqui cursei toda a educação básica e desenvolvi uma cartografia com algumas estudantes de uma escola municipal há quatro anos. Como descrevi em Costa e Freixo (2019), as participantes do trabalho, outrora desenvolvido, eram alunas do ensino fundamental II e moradoras da Zona Rural do Município de Coração de Maria. A pesquisa culminou na escrita monográfica de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, intitulada: EU TENHO UMA OPINIÃO! CARTOGRAFANDO CASOS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM UM GRUPO NO FACEBOOK. Esta cartografia nos permitiu compreender as percepções que as adolescentes possuem sobre as formas de violência de gênero em um grupo de discussão no *Facebook*¹ (COSTA; FREIXO, 2019, p. 114).

O profícuo trabalho iniciado ao fim da graduação deixou diversas pistas para novos caminhos. Cartografar é isso, permitir afetar-se pelos caminhos! Esta caminhada é continuação desse trabalho. Por isso, almejei a oportunidade de percorrer nos sentidos desses novos horizontes no mestrado. Com a chegada e permanência da pandemia causada pelo vírus da COVID-19, as escolas encontram-se fechadas desde então, assim como tantos outros estabelecimentos, repartições e eventos foram afetados. Em meio a tantas incertezas diante do isolamento social em nosso país, escolhi retomar as pistas originadas ao fim da primeira etapa da cartografia, junto com as mesmas participantes que iniciaram essa caminhada comigo.

Mas porque conhecer as formas que são construídas as relações de gênero e sexualidade, e não apresenta-los a tal situação? Em geral, estamos

¹ Abreviação para *Facebook*.

acostumados a receber e aceitar receitas prontas, padrões que devem ser seguidos, sem ao menos questionar-nos sobre a lógica de seguir tais regras. É cultural, social e educacional refletirmos em nossas ações o que é visto como certo pela maioria. Mas quem é essa maioria? Será que existe uma reflexão para os atos e normas que seguimos e que muitas vezes executamos por influências do censo comum? São questionamentos como esse que nos levam a pensar se as jovens, enquanto mulheres moradoras de zona rural, percebem e reconhecem em situações cotidianas as implicações do gênero e da sexualidade em suas vidas. É sabido que existem inúmeras situações do cotidiano feminino social que são repletos de julgamento e condenação baseados nessas relações, mas a intenção aqui não é falar para elas o que existe em suas vidas (se existir), mas permear caminhos que possibilitem a reflexão e construir um conhecimento que permita reconhecer e identificar, em situações cotidianas, os impactos das relações de gênero e sexualidade.

Nesse mundo pandêmico que estamos vivendo, nunca foi tão elegante não encontrar as pessoas. Respeitando as medidas preventivas de Saúde daquele momento e utilizando a experiência em desenvolver pesquisa em redes sociais, utilizei o *Whatsapp Messenger* para comunicação, e o *Google Meet*² serviu como nossa sala de encontros. Percebo que as mídias e as redes sociais abrem um leque de oportunidades e maneiras diferentes para seus usuários e usuárias, propiciando um ambiente de debate, afeto, união e embates. Então, lançar mão de recursos que fazem parte do cotidiano, permitem o conforto garantido pelo conhecido, diante de uma situação desconhecida, como a de participar de uma pesquisa. “As interações sociais no ciberespaço podem ser de forma síncrona ou assíncrona” (REID, 1991 *apud* RECUERO, 2011). Desse modo, existem diversas maneiras de interagir no espaço virtual, conversas em tempo real e *chats* são exemplos de uma interação social síncrona, que ocorre principalmente através do

² Disponibilizado pelo Google para realização de videoconferências a nível empresarial, para todos. Disponível em: <https://apps.google.com/intl/pt-BR/meet/how-it-works/> Acesso em 01 de fev. de 2021.

*Whatsapp*³ e *Messenger*⁴; na assíncrona, as pessoas podem deixar recados no *Whatsapp* e no *Messenger*, postar na linha do tempo do *Facebook*, colocar legendas tendenciosas nas fotos do *Instagram* e *Facebook*, mencionar em um *story*⁵ do *Instagram*⁶. Enfim, existem várias opções de interação na vida social da *Internet*.

Também nas redes sociais, temos acompanhado o crescimento do debate sobre temas polêmicos que afetam as mulheres. As mídias sociais tem dado visibilidade para mulheres que por muitos anos estiveram ocultas na escuridão do medo, da solidão, da injustiça e do machismo velado. Acompanhamos também a libertação de tantos —EU's aprisionados, que são encorajados pelas publicações de outras pessoas no *Instagram*, por exemplo. Às vezes há até uma construção de um personagem em cima de si mesmo, escrevendo legendas que despertam para si, algo ou alguém. “O eu privado torna-se uma representação pública na *Internet* que se exhibe para uma plateia abstrata e anônima” (ILLOUZ, 2011, p. 112). Dessa forma, passam a conhecer um ao outro, da maneira que deseja ser conhecido.

Ao pronunciar a palavra sexualidade em determinados ambientes, inclusive na escola, a primeira coisa sugerida é o sexo enquanto relação entre corpos humanos adultos do sexo oposto. A sexualidade — o sexo, como se dizia — parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular que, eventualmente, se confidenciava a uma amiga próxima. “Viver plenamente a sexualidade era, em princípio, uma prerrogativa da vida adulta, a ser partilhada com um parceiro do sexo oposto” (LOURO, 2000a). E esse senso comum perdura entre a sociedade. Presenciei situações em que pessoas demonstram

³ O WhatsApp é gratuito (Sujeita à cobrança de Dados) e oferece um serviço de mensagens e chamadas simples, seguro e confiável para celulares em todo o mundo. Disponível em: https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br. Acesso em 01 de fev. de 2021.

⁴ *Facebook Messenger* é o serviço de mensagens e bate-papo gratuito do *Facebook*, que possui seu próprio aplicativo e plataforma. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/facebook-messenger-o-quee/>. Acesso em 01 de fev. de 2021.

⁵ Traduzido como histórias, o *Stories* do *Instagram* é um recurso que tem como objetivo melhorar a interação entre os usuários. Consiste na possibilidade de publicar fotos ou vídeos que ficam acessíveis por até 24 horas. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/instagram-stories-o-que-e/>. Acesso em 01 de fev. de 2021.

⁶ O *Instagram* é uma rede social na qual o usuário rola o *feed* de notícias para ver fotos e vídeos das pessoas a quem segue. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/instagram-o-que-e/>. Acesso em 01 de fev. de 2021.

total aversão a discussão de conteúdos ligados a sexualidade, por só conseguirem enxergar a sexualidade como relações sexuais, logo, são conteúdos desconfortáveis e libidinosos para ser abordado na comunidade escolar. “É relevante refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa cultura coloca para a sexualidade “(LOURO, 2000b). Enfim, esses (pre)conceitos construíram uma base com bastante solidez para uma sociedade extremamente patriarcal e machista, construídos historicamente que permeiam até os dias atuais, que assustam e amedrontam por serem tão intolerantes e desrespeitosos.

É de suma importância colaborar para o autoconhecimento e o auto reconhecimento de mulheres, pessoas que lutaram e lutam diariamente por uma sociedade justa com mais equidade e menos patriarcado e culturas opressoras de silêncio cheias de misoginia. Por isso, esse trabalho vem a contribuir de maneira positiva na construção e percepção social das jovens mulheres, da importância do empoderamento feminino e do auto reconhecimento enquanto pessoa, que deve ser respeitada independente do gênero ou sexo. Então, o trabalho está problematizado no anseio em conhecer as formas como são construídas as relações de gênero e sexualidade entre as jovens mulheres do Distrito rural de Retiro do Município de Coração de Maria, Bahia, e como essas relações influenciam em suas vivências e na construção e experimentação do desejo.

Nos próximos capítulos você terá a oportunidade de conhecer a cartografia construída junto a oito adolescentes estudantes do ensino fundamental I, iniciada em 2018, retratando o primeiro contato da pesquisadora com o método cartográfico e com a pesquisa em educação. A seguir, no segundo capítulo, apresento os novos percursos que surgiram de lá para cá, ampliando esta cartografia dando continuidade à caminhada, seguindo as pistas rizomáticas apontadas na cartografia anterior, momento em que refletimos sobre como as relações de gênero são construídas, e como a realidade familiar, social e educacional influenciam no desejo dessas jovens mulheres, moradoras da zona rural em um pequeno município. Cartografar é isso, permitir afetar-se pelos caminhos!

EU TENHO UMA OPINIÃO! CARTOGRAFANDO CASOS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM UM GRUPO NO *FACEBOOK*

1. VOCÊ ESTÁ NA CARTOGRAFIA

Bem-vinda/vindo a esta cartografia sobre violências de gênero que traçou caminhos permeando o universo feminino adolescente, utilizando a rede social *Facebook*⁷ *Messenger*, como meio de alcance a essas participantes. Construída a partir da necessidade de conhecer as formas como são construídas as relações de gênero entre adolescentes da Escola Municipal Centro Social de Pedras, localizada na zona rural de Coração de Maria, focando então em casos de violência de gênero. A instituição escolhida constitui um dos pilares na minha formação acadêmica, pessoal e profissional. Localizada próxima a minha residência desde a infância, cursei parte do ensino fundamental, trabalhei como docente, e voltei como pesquisadora por reconhecer o elo estabelecido por ela nos moradores da região, através da educação.

O cotidiano feminino é repleto de situações de julgamentos e determinações estabelecidas nas relações sociais de gênero e sexualidade. Debater sobre o silenciamento e repressão feminina possibilitam permear caminhos que ajudem a identificar todas essas vertentes no cotidiano, desde as formas mais subjetivas até as mais evidentes. O protagonismo das participantes foi um dos eixos da pesquisa, por isso, a rede social *Facebook Messenger* foi escolhida para nos fornecer uma sala de encontro virtual, visto que já era utilizado por elas, permitindo conversarmos com mais liberdade e menos timidez. Além disso, otimizando e respeitando o tempo das demais atividades das participantes. Ao longo do texto, você, leitora e/ou leitor, vai perceber que o mesmo está estruturado e nomeado análogo às nomenclaturas e significados da referida rede social. Percebi nas mídias sociais, uma ferramenta confortável para

⁷O Facebook ajuda você a se conectar e compartilhar com as pessoas que fazem parte da sua vida. Disponível em: <https://www.facebook.com/>> Acesso em 06 de fev. de 2019.

a pesquisa e um rico ambiente propício a construção individual e coletiva de conhecimento.

Essa monografia, outrora construída, contribuiu na construção e percepção social das adolescentes, para a importância do empoderamento feminino e do autorreconhecimento enquanto pessoa, que deve ser respeitada independente do gênero ou sexo. Por isso a questão central do trabalho foi: Como estão construídas as concepções de violência de gênero entre estudantes do ensino fundamental da escola Municipal Centro Social de Pedras? Tendo em vista compreender o processo de construção de percepções em torno das relações de gênero que implicam na violência e na sexualidade, entre adolescentes da Escola Municipal Centro Social de Pedras, por meio da mediação de mídias sociais. Criei um grupo na rede social *Facebook Messenger*, buscando debater em torno de questões de violência de gênero entre as adolescentes, discutindo situações cotidianas de construção de gênero e sexualidade, por meio desta mídia social.

2. TERMOS E POLÍTICAS DESTA CARTOGRAFIA

Os termos de serviços são baseados nas pistas Cartográficas apoiadas na Netnografia, que estão apresentadas nos próximos parágrafos.

O método cartográfico baseia-se em uma pesquisa sem delimitações pré-estabelecidas. É uma pesquisa com embasamento, porém não há um molde que delimite os rumos da pesquisa estabelecendo a direção a ser seguida. Enquanto pesquisadora acompanho o processo, cuja função principal é orientar e mapear as subjetividades das participantes da pesquisa. “A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos”. (PASSOS; BARROS, 2009).

Deleuze (2006, p. 48), afirma que “numa cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo. [...] análise das linhas, dos espaços, dos devires”.

Como afirmam Passos e Barros (2009, p. 17):

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.

Para contemplar os objetivos traçados para este trabalho, optamos aliar a Cartografia à Netnografia, como estratégia de mapeamento do processo de construção de relações de gênero e sexualidade entre as estudantes. A Netnografia surge como algo que acompanhava o crescimento da informatização na vida das pessoas, dando o suporte necessário ao processo cartográfico da pesquisa, funcionando como um elo entre mim (a pesquisadora) e as participantes da pesquisa (as estudantes).

Para Nogueira, Gomes e Soares (2012), a Netnografia “é uma abordagem que propõe utilizar, na medida do possível, os mesmos critérios da pesquisa etnográfica, para pesquisas que se desenvolvam, parcial ou integralmente, no ambiente virtual”. Outros autores citam que a Etnografia é uma metodologia de pesquisa originária da antropologia, que está intimamente relacionada com o conceito de cultura.

Para o etnógrafo, a observação direta, participante e crítica é a melhor técnica a ser utilizada, de forma a conseguir dados fenomenológicos que representem a concepção de mundo dos participantes. Essa observação não é genérica, mas particular, detalhada e explorada em profundidade, somente assim o resultado da etnografia torna-se valioso: uma reconstrução do cenário cultural estudado na visão do pesquisador. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p.4)

Todo texto ou discurso presente na Netnografia durante o trabalho foi analisado através da abordagem de George Mead (1950), sendo que a última

unidade de análise não é a pessoa, mas o comportamento ou o ato. Isto é, analisar o contexto que proporcionou ao indivíduo a reagir e se expressar de determinado modo.

A cartografia foi iniciada no ano de dois mil e dezoito (2018), tendo início no primeiro semestre letivo do mesmo ano, em uma Escola Municipal de Coração de Maria. A Escola Centro Social de Pedras está localizada na Zona Rural sendo frequentada por estudantes das proximidades. Junto a nós, oito amigas (inicialmente nove, mas uma desistiu), com idades entre 12 e 15 anos do Ensino Fundamental II trilharam o caminho cartográfico conosco, sendo as participantes do nosso grupo focal. Para Flick (2009, p.187), “os grupos focais partem de uma perspectiva interacionista e buscam mostrar o modo como uma questão é construída e alterada ao ser debatida em uma discussão de grupo”.

O objetivo do primeiro encontro foi apresentação pessoal e do projeto de pesquisa evitando formalidades orais desnecessárias, explicando os principais aspectos e a motivação na escolha do tema. Além disso, foi o momento utilizado para despertar o interesse das estudantes para participarem da pesquisa, para formar o grupo fechado no *Facebook*, solicitar a criação de perfis fictícios, que permitiram as participantes se sentirem seguras para expressar suas opiniões, garantindo anonimato das participantes no decorrer da escrita, porém não posso garantir se elas mantiveram sigilo entre si, mas orientei para que assim fizessem, pois existia o risco de quebra de anonimato. Para evitar que isso acontecesse, pedi que as estudantes não postassem nenhuma foto ou informação pessoal que pudesse identificá-las, seja no próprio grupo criado, ou além deste, já que se trata de uma rede social de abrangência mundial.

As conversas foram apresentadas no trabalho em forma literal através de *prints*^{8 9} e, quando julguei necessário, selecionei comentários que possuem os reflexos da educação sexual das estudantes incorporando no texto em transcrição literal.

⁸ Apesar de estarem inseridos como figuras no texto, os *prints* (capturas de tela) são de fato elementos textuais e, portanto, não inserimos títulos, como figuras, para dar mais fluidez à leitura.

⁹ Captura de tela.

Assim como existem as políticas de dados do *Facebook Messenger*, a nossa cartografia também tem as suas, baseadas nos princípios éticos da pesquisa. A ética deve servir como princípio norteador de todo e qualquer trabalho científico, respeitando os direitos de cada participante. A resolução 512/2016 (BRASIL, 2016) define a ética como

Uma construção humana, portanto histórica, social e cultural, prezando pelo respeito, dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, participando de modo livre e consciente, tendo seus direitos respeitados e garantidos.

Para realização dessa pesquisa, as participantes assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), concordando com a participação. Por serem menores de idade seus responsáveis legais também assinaram um termo, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que informou os objetivos da pesquisa, a metodologia, os benefícios, arquivamento das mensagens compartilhadas no grupo do *Facebook*, garantia de anonimato, concordando livremente em participar ou deixar de participar a qualquer momento.

Vale salientar a importância do aceite da instituição escolar para realização da pesquisa, cadastrada e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) sob o número CAAE 84716318.0.0000.0053.

3. ENVIANDO SOLICITAÇÕES DE AMIZADE

Junto a coordenadora pedagógica da escola, me reuni com doze (12) possíveis amigas, estudantes das turmas de oitavo (8º) e nono (9º) ano. A coordenadora permaneceu conosco durante a conversa sobre o projeto. Enquanto eu explicava sobre o que se tratava a proposta, percebia nos olhos delas o desejo de participar e de saber cada vez mais sobre o assunto. Enviada a solicitação, sete adolescentes aceitaram. As demais, não participaram porque duas delas estavam acima da faixa etária desejada para a pesquisa, 12 a 15 anos, outras duas estavam sem acesso à internet, e a outra colega não justificou o desinteresse. Para as adolescentes que aceitaram participar da pesquisa, entreguei o TALE e o TCLE, explicando a importância de ambos e fazendo as recomendações necessárias para a assinatura e devolução. Até aí tudo parecia bem, mas dias após o encontro, quatro dessas sete adolescentes desistiram de participar, seus responsáveis legais não autorizaram a participação.

Nesse momento, além de ficar muito triste e decepcionada, me dei conta da importância em falar de sexualidade nas escolas, da importância do meu trabalho, pois pude ver e sentir o preconceito existente sobre este tema, que me fez pensar, se a mesma pesquisa fosse feita com meninos, haveria essa resistência? Historicamente, a sexualidade foi construída de forma normativa, cuja normatividade exclui o conhecimento e a valorização da sexualidade feminina, atrelando-a apenas a reprodução da espécie, ou seja, as relações que existem entre o sexo e o poder determina quem pode falar e ouvir sobre sexo. “Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos” (FOUCAULT, 1988 p. 29-30).

Precisei trilhar novos caminhos, que pudessem me levar a outras emoções, então enviei novas solicitações. Nesse momento, pude estender o convite para alunas de outras turmas que estavam interessadas a participar. Ao chegar à escola, já havia despertado a curiosidade das turmas, afinal, eu não pertencia a suas rotinas escolares. Logo, a notícia do que me levava a estar ali se espalhou,

e algumas estudantes demonstraram interesse em estar junto a mim no trabalho, tentavam me avisar sobre isso por meio das outras adolescentes que já estavam em contato comigo. Quanta ironia! O destino uniu as necessidades da pesquisa a vontade de conhecimento daquelas estudantes. Adicionei as adolescentes das turmas do sétimo ano que estavam na faixa etária exigida para pesquisa, e então pude formar um grupo com nove adolescentes. Essas idas e vindas me afetaram a ampliar não apenas o universo das participantes, mas também as temáticas relacionadas ao gênero ampliando as possibilidades para a cartografia, que será melhor evidenciado no capítulo seguinte. Vencido esse obstáculo, surge o exercício da paciência para esperar o tempo de cada participante para criar seus perfis na rede social *Facebook Messenger*. Sim! A paciência foi e é de suma importância, pois se tratava de algo nunca feito por elas, que estavam acostumadas a realizarem as atividades escolares com fins de nota para a unidade.

Por isso, foi tão importante sensibilizá-las sobre a possibilidade de ampliarem seus conhecimentos e suas expectativas ao participarem deste trabalho, pois a afetividade pelo que é feito torna tudo mais prazeroso. Falando nisso, foi maravilhoso receber mensagens das participantes cobrando o início do trabalho e de um novo caso para discutirmos, isso estimulou meu centro do prazer. Desde o início, preocupo-me em desenhar uma metodologia que nos motivassem a fazer esse trabalho de forma prazerosa, por isso, vi na mídia social *Facebook Messenger* a possibilidade de tornar essa sensação mais palpável, visto que já era uma ferramenta familiar para todas nós.

Ao entrarmos na página oficial do *Facebook*, nos deparamos com a seguinte frase: “Abra uma Conta! É Gratuito e Sempre Será!”. Como resistir a um enunciado convidativo desses, não é mesmo?! Rendi-me aos encantos do *Facebook (Face)* e consegui que as adolescentes se rendessem também. E lá vamos nós nos personificar através do *Face*. A maneira encontrada para garantir (entre elas e na publicação da pesquisa) o anonimato foi à criação e utilização de perfis *fakes*¹⁰. Bem criativas, a escolha dos nomes foram de nacionais a

¹⁰ Perfil falso.

internacionais, de pessoas anônimas até personagens e famosas atrizes. As imagens, desde foto mensagens até tortas deliciosas de chocolate.

Enquanto pesquisadora precisava estar por inteira em um corpo de cartografa, por isso, também criei o meu perfil fictício, almejando estar o mais próximo possível das demais colaboradoras do trabalho, afinal estávamos produzindo uma cartografia, juntas! Saliento que, eu fui à única que não manteve sigilo sobre a real identidade do perfil, pois se assim fizesse, descaracterizaria o processo metodológico da pesquisa.

4. LINHA DO TEMPO

Após todas nós criarmos nossos perfis *Fakes* e nos tornarmos amigas, criei o grupo para nossa discussão, inicialmente intitulado de Monografia, alterei seu nome para uma frase que expressasse de forma clara o foco do grupo, nomeado de “Eu tenho uma opinião!”. Com o grupo formado e todas as participantes adicionadas, publiquei uma mensagem para acolhê-las e reforçar alguns combinados. Nessa oportunidade, uma das participantes desistiu, justificando que “daria trabalho”.



Valentina Soares criou o grupo **Eu tenho uma opinião!** 16 de julho

Visualizado por 5

 Curtir  Comentar

 Escreva um comentário...    

 **Jennifer Santos** e outras 9 pessoas estão neste grupo.

 Ver todos os membros



Valentina Soares atualizou a foto do grupo. 16 de julho

...


EU TENHO
UMA OPINIÃO

 Maria Flor e Cristina Yang Visualizado por 7

 Curtir  Comentar

**Valentina Soares**

16 de julho



Boa noite, gatas!

O grupo está formado, e só para lembrar como vai funcionar: postarei aqui no grupo algumas histórias baseadas em fatos reais, e quero que vcs leiam e depois comentem, sempre falando a opinião de vocês, sem medinhos tá! Quero que sejam supeerr sinceras viu.... Se tiverem dúvidas sobre assuntos de sexualidade podem postar aqui também, estou aqui para ajudar, aliás, estamos todas nos ajudando, não é mesmo! Enfim, que comecem os trabalhos.



Cristina Yang, Marina Rui Barbosa Marina e Elisabeth Monseha

Visualizado por 7

Na linha do tempo, foram publicados os casos, para juntas estudarmos e conversarmos sobre os temas polêmicos e necessários que eles apresentavam. As transcrições das falas das participantes estão em itálico, com o intuito de proporcionar uma melhor experiência de leitura.

O primeiro caso foi “*Sexting*”, que trata sobre a divulgação de conteúdo com conotação sexual de uma garota de 16 anos enviado para seu namorado via *Whatsapp*, sendo divulgado no grupo das amigas e amigos da escola. O segundo caso é “Violência de Gênero na Sala de Aula”, que trata sobre ofensas machistas sofridas por uma garota, feitas por um colega da classe. O terceiro é intitulado de “Violando o direito de livre expressão da orientação sexual”, que trata da relação afetiva entre duas garotas, que ao serem descobertas sofrem ameaças e agressões verbais de colegas da escola motivados pela atitude de um pai descontente com o relacionamento das adolescentes.

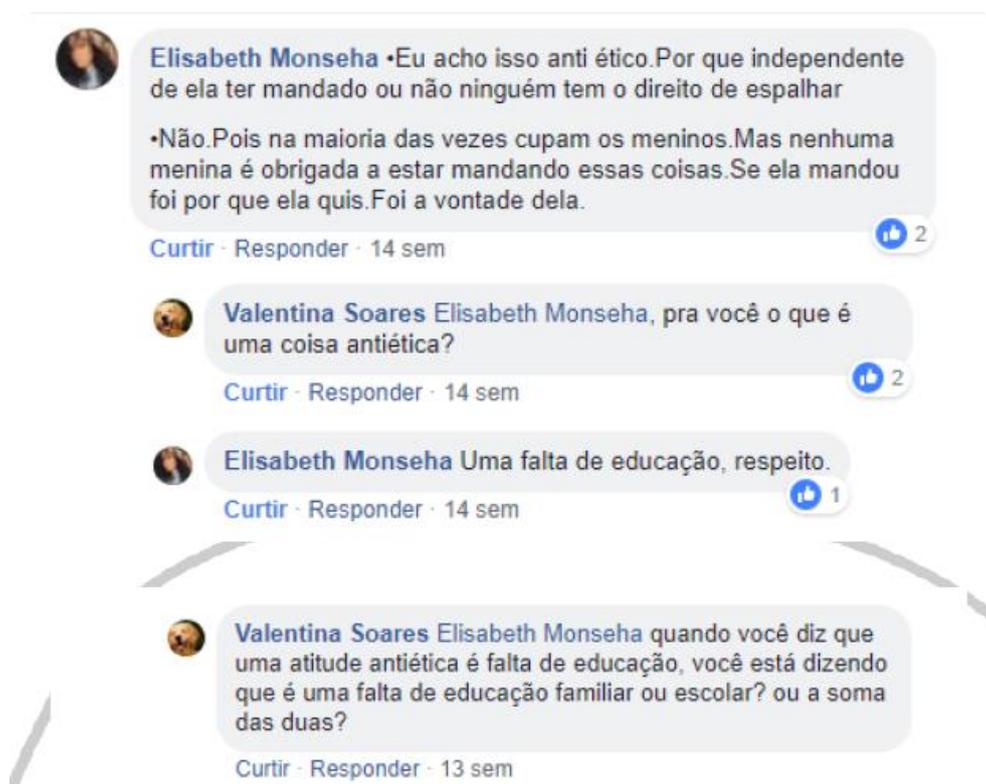
4.1. Caso 01: *Sexting* (publicado em 17 de julho)

O caso *Sexting* (APÊNDICE A), trata do compartilhamento de conversas com conteúdos sexuais de um casal heterossexual da escola. Vale salientar que tanto quem compartilha quanto quem o faz, estão praticando o *sexting*.

Essa prática de visibilização da intimidade tem sido chamada de *sexting*, termo criado no século XXI, no Estados Unidos da América, por meio da junção de duas palavras: sex (sexo) e *texting* (mensagem).

O fenômeno do sexting tem como premissa o compartilhamento e postagem de mensagens, fotos e vídeos de cunho erótico/sensual/sexual por meio das tecnologias digitais. (BARROS; RIBEIRO, 2016, p. 412-413)

Quando perguntadas sobre suas opiniões acerca do compartilhamento das conversas, percebi que todas compartilhavam a mesma opinião de ELISABETH MONSEHA, além disso perguntei se elas concordavam com a forma que os colegas da escola agiram de forma correta, punindo Leila e isentando Felipe da culpa. Note que não sou apenas uma narradora, mas também personagem da história, representada pelo pseudônimo VALENTINA SOARES.



 **Elisabeth Monseha** A soma das duas  1
Curtir · Responder · 12 sem

 **Bridget Evans** Eu acho isso anti ético, por que independente dela ter mandado ou não ninguém tem o direito de espalhar esses tipo de coisas
Obs: ela não sabia que iriam expor as conversas  2
Curtir · Responder · 14 sem

 **Elisabeth Monseha** Concordo  2
Curtir · Responder · 14 sem

 Escreva uma resposta...    

 **Cristina Yang** Acho isso antiético pq independente de ela ter mandado ou não ela e namorada dele não era pra ele espalhar nada em grupo de amiguinhos
Não, pq na maioria das vezes às pessoas culpam mais os meninos , mas as meninas também tem a opção de mandar ou não , foi a vontade dela  1
Curtir · Responder · 14 sem

 **Beatriz Araújo** eu acho quer isso e errado muita das vezes as pessoas julgar a menina mas nem uma para fala com ela mas foi a vontade dela envia a foto para o seu namorado mesmo ela sabido quer e errado. não porque não cabe as pessoas julgarem a ela porque não ser sabir do dia da manhã foi errado mas foi a vontade dela e ela não saberia quer ele faria isso com ela e ela estava confiado nele
Curtir · Responder · 13 sem

 **Jennifer Santos** Não.Pois na maioria das vezes culpam os meninos..
Más nenhuma menina é obrigada a manda fts sexuais,Se ela mandou foi por que ela quis,Ninguém é obrigado a nada.Foi a escolha dela!
Curtir · Responder · 13 sem

Durante o bate-papo com as garotas, percebi que concordavam que o compartilhamento das mensagens do casal (Leila e Eduardo) foi uma atitude

“antiética” de quem o fez, baseando-se no fato que “ninguém tem o direito de espalhar esse tipo de coisas”. E elas têm razão! Mas, afinal o que é ética? Pergunta difícil, não é mesmo! É mais fácil exemplificar ações antiéticas a saber definir o que vem a ser essa ‘tal’ de Ética. A ética está diretamente relacionada de como a ação individual afeta a outra pessoa ou a sociedade. Atualmente, existem diversas definições para ela, dentre essas:

A ética, com efeito, trata do comportamento do homem, da relação entre a sua vontade e a obrigação de seguir uma norma, do bem e do mal, do que é justo e injusto, da liberdade e da necessidade de respeitar o próximo. A ética, enquanto campo de estudo e reflexão, revela que nossas ações têm efeitos na sociedade e que cada homem deve ser livre e responsável por suas atitudes (PEQUENO, p. 42-43, 2016).

“Ninguém tem o direito de espalhar esse tipo de coisas”, isso é fato. Mas por que ainda é uma prática tão comum, que vem aumentando cada vez mais expondo, principalmente, as adolescentes? Se estiver duvidando, faça uma busca rápida no *Google* sobre fotos íntimas de adolescentes compartilhadas nas redes sociais, e verá que são fotos de adolescentes e mulheres em quase totalidade. O que dá o direito ao outro de fazer isso? Já que o significado da palavra Direito “significa exatamente aquilo que é reto, correto ou justo” (RABENHORST, 2016, p.13).

Essa é mais uma forma de violentar simbolicamente uma mulher, pois está ferindo um direito garantido, o direito à privacidade. Atitudes assim despertam um questionamento acerca do uso das redes sociais: elas têm sido utilizadas para fortalecer as formas de violência de gênero? “Posto que, uma vez espalhados pela rede, tais conteúdos trariam como consequência uma espécie de linchamento moral às vítimas, que seriam julgadas e atacadas por seus comportamentos sexuais” (LINS, 2015 p.2). Creio que a ausência da ética e a invasão da privacidade alheia tem sido facilitada pela ilusória sensação de nunca ser descoberto ou descoberta por suas atividades ilícitas por estar “protegido” pelas telas de *Desktops* e/ou *smartphones*.

Mais adiante, percebi que foram surgindo opiniões diferentes quando perguntadas se elas concordam com os colegas que puniram Leila (namorada)

e isentaram Felipe (namorado) da culpa do material ser compartilhado. Nesse ponto, elas ficaram divididas. BRIDGETH pontuou em sua fala que a namorada só enviou mensagens com conteúdo sexuais porque não sabia que seriam compartilhados. CRISTINA e ELISABETH demonstram compartilhar do mesmo fundamento em seu argumento, em que na maioria das vezes as pessoas culpam os meninos por incentivar o envio de mensagens com conteúdos sexuais, mas que nenhuma garota é obrigada.

*(BRIGET EVANS) :Obs: ela não sabia que iriam expor as conversas.
(ELISABETH MONSEHA): Pois na maioria das vezes culpam os meninos. Mas nenhuma menina é obrigada a estar mandando essas coisas. Se ela mandou foi por que ela quis. Foi a vontade dela.
(CRISTINA YANG): Pq na maioria das vezes as pessoas culpam mais os meninos, mas as adolescentes também tem a opção de mandar ou não, foi a vontade dela.*

Em suas falas, noto que há uma culpabilidade depositada na garota, a responsabilizando como única pessoa responsável por essa tomada de decisão, mas quando defendem que foi a “*vontade dela enviar*”, há uma subjetividade implícita nesse argumento. Essa vontade estaria fortalecendo a ideia de culpa, por ter escolhido enviar o conteúdo ou que a garota possui autonomia em sua vida e, portanto, os julgamentos alheios são descabidos.

Mas, observando os discursos, sinto como o machismo influência na atribuição da ‘culpa’ em Leila, demonstrando que a menina/mulher é e dever ser ‘o sujeito’ responsável pelo relacionamento e pelos caminhos que ele trilha. Então, se algo assim acontece às pessoas do convívio social do casal diz que “foi irresponsabilidade dela”, “não se confia em homem”, “mandou por que quis, agora aguente”. Inúmeras vezes ouvimos pessoas fazendo afirmações dessa natureza.

Talvez você questione o motivo pelo qual atribui o machismo ao discurso de adolescentes. Infelizmente, o machismo não é uma prática estritamente masculina, mesmo que a definição pareça que sim. É mais comum do que parece, mulheres sendo machistas entre si, através de comentários, olhares, atitudes e repressões. Somos fruto de toda uma educação cultural e científica machista, na qual aprendemos que a mulher é o sexo frágil, e por isso fomos

ensinadas a não “andar sozinhas à noite, para evitar que coisas ruins aconteçam”, “usar decote ou roupa curta”, senão depois não pode reclamar dos homens, porque eles não se controlam, a mulher “é que se guarda”.

A pesquisa do Instituto de Pesquisas Aplicadas (Ipea) de 2014, que apontava que 58% dos entrevistados acreditavam que a roupa influenciava no estupro. No mesmo ano, tivemos a fala de um deputado federal brasileiro para uma deputada, apontando que não a estupraria porque não merecia, remetendo à sua aparência (ÁVILA, 2017, p. 104).

Elas começam a exprimir em suas respostas que o certo e errado são conceitos muito pouco definidos de acordo com a situação. Quando perguntadas se é certo ou errado enviar conteúdos sexuais para seu namorado, a palavra confiança e intimidade surgem como algo imprescindível para essa tomada de decisão: *“Depende do tempo do namoro pq se tiver muito tempo, eu acho correto pq eles já criaram uma intimidade entre ambos. Obs: se tiver pouco tempo de namoro eu acho incorreto pq eles não se conhece direito”*. Para BRIDGET, a intimidade é algo que é construído após um longo período juntos, e a partir daí há confiança suficiente para compartilhamentos de tal natureza. Em outras falas, há concepções semelhantes.



Valentina Soares Vcs acham que é errado que uma menina(o) envie conteúdos sexuais para o(a) namorada(o)? Pq?

Curtir · Responder · 6 sem · Editado

^ Ocultar 13 respostas



Bridget Evans Depende do tempo do namoro pq se tiver muito tempo, eu acho correto pq eles já criaram uma intimidade entre ambos.

Obs: se tiver pouco tempo de namoro eu acho incorreto pq eles não se conhece direito

Curtir · Responder · 13 sem



Valentina Soares E vcs, Juliana Mascarenhas Cristina Yang Elisabeth Monseha Maria Flor Marina Rui Barbosa Marina o que acham?

Curtir · Responder · 13 sem

 **Valentina Soares** E vc, Flávia Santana?

Curtir · Responder · 13 sem

 **Elisabeth Monseha** •Dependendo do tempo de namoro ou intimidade eu não acho muito o certo.Mas se for da vontade da menina mandar né.

Curtir · Responder · 13 sem · Editado

 **Marina Rui Barbosa Marina** Eu não acho certo, mas se ela confia no menino ao ponto de manda fotos íntima, então nada contra

Curtir · Responder · 13 sem



 **Cristina Yang** Eu não acho certo ,mas se ela tiver confiança nele e se ela quiser mandar a escolha e dela ...

Curtir · Responder · 13 sem



 **Flávia Santana** Eu acho isso errado msm assim pode ter o tempo q for pode ter o ano q tiver de namor

Curtir · Responder · 13 sem



 **Flávia Santana** Namoro* 

Curtir · Responder · 13 sem

 **Jennifer Santos** Eu não acho certo,Mais se ela tiver confiança nele e,quiser mandar a escolha é dela!

Curtir · Responder · 13 sem



 **Flávia Santana** Eu acho isso um erro dela mas vai por consciência

Curtir · Responder · 13 sem

 **Beatriz Araújo** ser já estiver uma cofiado um no outro talvez possa mas ninguém tem a obrigação de quando estiver namorado manda fotos intimas porque no namoro deve ter confiança .

Curtir · Responder · 13 sem

BRIGET e BEATRIZ, quando discordam das trocas de *sexting* em suas falas, não citam exceções, isto é, tanto menino quanto menina não devem trocar conteúdos que possuam conotação sexual, colocando apenas como fator crucial a intimidade e a confiança no outro. Mas, durante o diálogo, a maioria das participantes apontava a garota Leila como única responsável pelo envio das mensagens com conotação sexual, por exemplo, “*Mas se for da vontade da menina mandar né*”, “*Eu não acho certo, mas se ela tiver confiança nele e se ela quiser mandar a escolha e dela...*”. Ao praticarem o *sexting*, “são as adolescentes as que mais sofrem violências, o que nos possibilita verificar algumas desigualdades em relação às questões de gênero”(BARROS; RIBEIRO, 2016, p. 431).

Para FLÁVIA e MARIA FLOR, nunca será admitido à troca e o envio de mensagens com conotações sexuais em um relacionamento. Historicamente, foi construído esse paradigma do encobrimento da sexualidade, no qual as pessoas foram ensinadas a controlar e esconder a sua sexualidade, principalmente as mulheres. “O *sexting* acaba por produzir uma atualização no dispositivo da sexualidade, pois expõe algumas questões que foram marcadas ao longo da modernidade como privadas, por exemplo, o corpo nu, o erotismo, a intimidade; enfim, a sexualidade” (BARROS; RIBEIRO, 2016, p. 420).

No caso discutido, há uma situação relatada que é bem comum na vida de pessoas que utilizam as redes sociais, inclusive em relacionamentos entre casais, que é a exposição da vida pessoal nas redes. Utilizando esse trecho do caso, indaguei-as sobre como isso poderia ter contribuído para que as conversas do casal fossem compartilhadas. Pude notar que houve um consenso entre as adolescentes, concordando com o fato do compartilhamento do conteúdo das conversas está atrelado à exposição do casal nas redes sociais.



Valentina Soares em um dos trechos do texto há o seguinte, " Leila é uma menina super antenada nas redes sociais, utilizando todos os recursos tecnológicos de que dispõe para fazer novas amizades e divulgar fatos de sua vida pessoal. Seu namoro com Felipe Eduardo é amplamente socializado nas redes sociais, fato que dá margem para os pitacos das amigas e amigos." O QUE VOCÊS ACHAM DE PESSOAS QUE EXPÕEM DEMAIS OS SEUS RELACIONAMENTOS NA INTERNET? VCS ACHAM QUE A CONVERSA DELES SÓ FOI ESPALHADA NA ESCOLA PQ ELES EXPUSERAM DEMAIS O RELACIONAMENTO NA INTERNET OU ISSO PODE ACONTECER COM QUALQUER PESSOA?

Curtir · Responder · 12 sem · Editado



1



Elisabeth Monseha Eu acho que isso pode acontecer com qualquer pessoa.

Curtir · Responder · 12 sem



Valentina Soares Cristina Yang Cristina Yang Bridget Evans Maria Flor Flávia Santana Juliana Mascarenhas Jennifer Santos Beatriz Araújo o que acham?

Curtir · Responder · 12 sem



1



Cristina Yang Eu acho que isso pode acontecer com qualquer pessoa .
Mas acho que isso também aconteceu pq eles expõem demais seu relacionamento nas redes sociais .

Curtir · Responder · 12 sem



Cristina Yang Acho desnecessário pessoas que expõem demais o relacionamento nas redes sociais pq o relacionamento e entre eles e não precisa esta expondo

Curtir · Responder · 12 sem



Jennifer Santos Eu acho que isso pode acontecer com qualquer pessoa, Mais isso aconteceu porq eles expõem dms o relacionamento deles nas redes sociais!

Curtir · Responder · 12 sem



Marina Rui Barbosa Marina Eu acho q isso pode acontecer com qualquer pessoa
Mais acho tbm Q isso só aconteceu pq eles expõem de mais o relacionamento nas redes sócias!!

Curtir · Responder · 12 sem



Flávia Santana Isso pode acontecer com qualquer pessoa também pq ele expõem demais seu relacionamento mas rede sociais e eu acho q namoro não pode se praticamente convivendo em rede sociais

Curtir · Responder · 12 sem



Beatriz Araújo eu acho que pode acontecer com qualquer um de nos. eu acho quem expõem seus relacionamentos na internet ta ser importado em mostra a sua felicidade mas para os outros do quer para ser mesmo.

Curtir · Responder · 12 sem



Flávia Santana Eu acho que isso pode acontecer com qualquer pessoa se expõem seu relacionamento na redes sociais pode acontecer com qualquer pessoa

Curtir · Responder · 11 sem



Flávia Santana Só fazer isso

Curtir · Responder · 11 sem

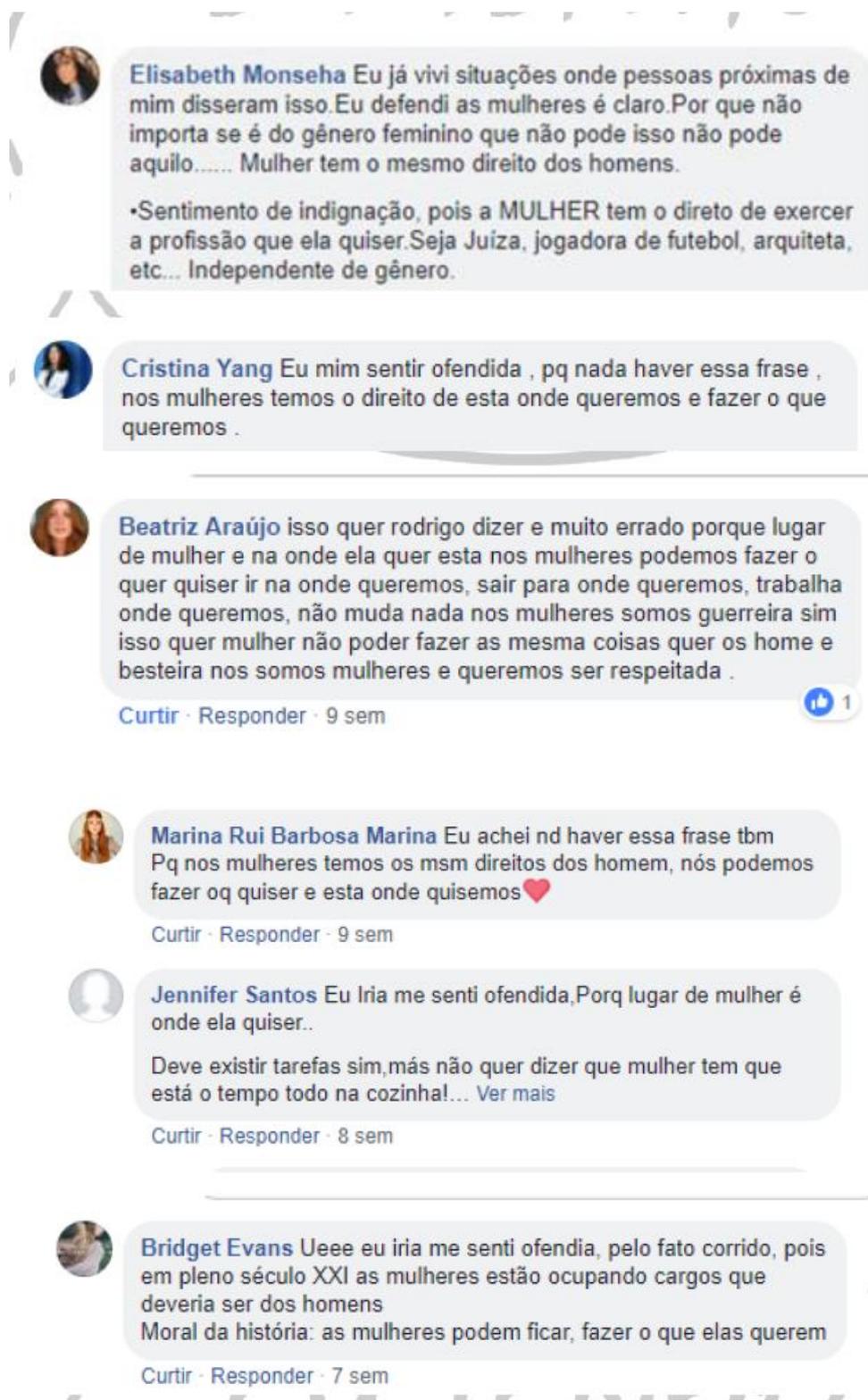
Com a propagação das redes digitais e aparelhos que facilitem o seu uso em todo lugar, a exibição de fatos da vida pessoal se torna algo indispensável para a visibilidade, a ponto de expor a intimidade de alguém ou de um casal, ocasionando um *sexting*. A maioria das adolescentes concordaram que houve o *sexting* de Leila e Eduardo porque eles expuseram muito seu relacionamento nas redes sociais. Então, a hipervisibilidade do casal teria motivado a violência ao seu direito de privacidade, já que os grupos que praticam esse tipo de violência também têm acesso as redes sociais.

Existem poucas evidências que redes como *Facebook*, *Skype*, *Instagram* ou *Twitter* estão nos tornando sujeitos mais compassivos ou tolerantes; pelo contrário, é comum o uso desses espaços para práticas desrespeitosas, violentas ou discriminatórias a determinados grupos sociais, mostrando que os discursos que alimentam os preconceitos não são estáticos, mas se atualizam e se reproduzem com a mesma velocidade com que incorporamos as tecnologias em nossas práticas cotidianas (ABREU, 2016, p. 198).

4.2. Caso 02: violência de gênero na sala de aula (publicado em 08 de agosto)

O segundo caso ao qual conversamos, intitulado de “Violência de Gênero na sala de aula” (APÊNDICE A), trata-se de uma discussão proposta pela professora sobre instituição familiar e relações de gênero, na qual surge uma polêmica envolvendo ocupações atreladas ao gênero e relações de poder sobre sujeitos, que nesse caso é entre o poder do homem sobre a mulher.

O poder pode ser exprimido de várias formas, e uma das mais singelas maneiras de exercer e ser resultado desse processo, é o poder vivido (tanto para quem o detém, quanto para quem está sujeito ao mesmo) na forma simbólica e sutil, em que as relações de opressão são mascaradas com discursos e práticas e perpetuadas em toda uma comunidade. Iniciamos a discussão com a frase pronunciada por Rodrigo a sua colega de turma, “Lugar de mulher é na cozinha, esquentando a barriga no fogão e esfriando no tanque”, com a intenção de saber como elas se sentiram ao lê-la.



A resposta de BRIDGET pareceu ser uma fonte inesgotável de anseios a serem falados e ouvidos, então perguntei, “Como viviam as mulheres de outro

século? Quais seriam os cargos "que deveriam ser dos homens", mas para minha decepção, ela não respondeu. BRIDGET estava passando por mudanças constantes em sua vida pessoal, inclusive ela me alertou para o fato de não ter mais disponibilidade para continuidade na pesquisa, devido a tais mudanças.

Percebo que há, em todos os argumentos, a certeza em saber que podem ocupar qualquer espaço, e que o gênero não é um determinante para isso, pronunciando palavras que anseiam liberdade. Sim, liberdade! Libertar-se do poderio histórico dos homens sobre as mulheres, dos costumes de uma sociedade patriarcal muito bem estabelecida em nossa sociedade que vem nos subjetivando a longos séculos, não é fácil, requer uma luta diária, pois esse patriarcado configura-se também em diversas formas de violência de gênero, psíquica, financeira e física, privando-a da autonomia.

Para Butler (2015) a sujeição "é o processo em que nos tornamos subordinados ao poder e ao mesmo tempo devimos sujeitos sociais. O sujeito se constrói ao passo dessa subordinação, isto é, a subordinação acaba sendo parte integrante da formação do sujeito".

Como forma del poder, el sometimiento es paradójico. Una de las formas familiares y agónicas en que se manifiesta el poder consiste en ser dominado/a por un poder externo a uno/a. Descubrir, sin embargo, que lo que —uno/all es, que la propia formación como sujeto, depende de algún modo de ese poder, es algo muy distinto (BUTLER, 2015, p.12).

Historicamente, foram sendo atribuídos papéis e responsabilidades aos integrantes de uma família de acordo com o gênero, sob domínio patriarcal. Como afirma Narvaz e Koller (2006), com a descoberta da agricultura, da caça e do fogo,

as comunidades passaram a se fixar em um território. Aos homens (predominantemente) cabia a caça, e às mulheres (também de forma geral, embora não exclusiva), cabia o cultivo da terra e o cuidado das crianças. Uma vez conhecida a participação do homem na reprodução e, mais tarde, estabelecida a propriedade privada, as relações passaram a ser predominantemente monogâmicas, a fim de garantir herança aos filhos legítimos. O corpo e a sexualidade das mulheres passou a ser controlado, instituindo-se então a família monogâmica, a

divisão sexual e social do trabalho entre homens e mulheres. Instaura-se, assim, o patriarcado, uma nova ordem social centrada na descendência patrilinear e no controle dos homens sobre as mulheres (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.50).

Dando continuidade a conversa, tentei aproximar o relato do caso lido com a vida e a experiência familiar de cada menina, questionando se em uma família, deve existir tarefas e/ou responsabilidades atribuídas em conseqüências do gênero? Em sua casa, como acontece? As respostas suscitavam novas questões, por isso apresentarei as conversas individualmente, para melhor compreensão, pois cada menina tem a sua vivência familiar.



Elisabeth Monseha Eu já vivi situações onde pessoas próximas de mim disseram isso. Eu defendi as mulheres é claro. Por que não importa se é do gênero feminino que não pode isso não pode aquilo..... Mulher tem o mesmo direito dos homens.

•Sentimento de indignação, pois a MULHER tem o direito de exercer a profissão que ela quiser. Seja Juíza, jogadora de futebol, arquiteta, etc... Independente de gênero.

•Em algumas coisas ambos tem suas responsabilidades. Mas as tarefas de casa o que a mulher faz o homem também deve. Seja o caso de uma mãe ter só um filho do sexo masculino ela deve ensinar a ele sim a fazer as tarefas de casa.

Curtir · Responder · 10 sem



Valentina Soares E se a mãe tiver um filho e uma filha, é correto que a mãe ensine ao filho a fazer as tarefas domésticas, já que tem uma menina?

Curtir · Responder · 10 sem



Valentina Soares Vc diz que "em algumas coisas ambos têm suas responsabilidades". Quais seriam as coisas que ambos não tem a mesma responsabilidade?

Curtir · Responder · 10 sem

-  **Elisabeth Monseha** Sim.
Curtir · Responder · 9 sem
-  **Elisabeth Monseha** O homem tem a responsabilidade de Proteger a família, arcar com a renda financeira. A mulher tem a responsabilidade de cuidar dos filhos, e algumas outras mais.
Curtir · Responder · 9 sem
-  **Valentina Soares** Elisabeth Monseha mas, se estamos lutando por um mundo justo para Mulheres, pq não dividir as responsabilidades financeiras da casa e a de cuidar dos filhos com o Homem?
Curtir · Responder · 9 sem
-  **Elisabeth Monseha** Tbm pode  1
Curtir · Responder · 9 sem

Note que em suas respostas, Elisabeth foge do foco de uma das perguntas, “*Em sua casa, como acontece?*”, mas acredito que os argumentos que embasaram suas respostas, demonstrando seu modo de ver as situações descritas, são reflexos de sua vivência, pois suas concepções são construídas em tempo e espaço. Durante a conversa ela diz que “*Seja o caso de uma mãe ter só um filho do sexo masculino ela deve ensinar a ele sim a fazer as tarefas de casa*”, talvez você se pergunte por que não a questionei sobre o fato do ensinar dever ser uma função compartilhada com o pai, quando a mesma coloca como função materna, já que isso é um dos pontos da nossa discussão.

Como falei anteriormente, as concepções são construídas, principalmente pelas vivências pessoais. A vivência de constituição de família da autora da personagem (ELISABETH) é de uma mãe que é a chefe da família composta por um filho e uma filha (ELISABETH), logo esse é o exemplo de vida que ela tem, na qual a mãe é a única que exerce com responsabilidade a função de ensinar.

Anteriormente, falei o quão difícil é libertar-se do patriarcado, e aqui vemos um exemplo disso. No início da conversa Elisabeth apresenta argumentos sólidos quanto a contrariedade das responsabilidades serem atribuídas em uma família de acordo com o gênero, mas em sua fala, há evidências de uma constituição social baseada no patriarcado, *“O homem tem a responsabilidade de Proteger a família, arcar com a renda financeira. A mulher tem a responsabilidade de cuidar dos filhos, e algumas outras mais”*.

O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos (NARVAZ; KOLLER, p.50, 2006).

Mesmo que o patriarcado e o capitalismo sejam conceitualmente diferentes, ambos contribuem para a submissão feminina. O sistema capitalista em uma sociedade patriarcal condena a mulher a ser dependente financeira do marido, cuidando dos afazeres domésticos, ou com remunerações inferiores a do homem, motivadas pelo preconceito que a mulher não pode ser a mantenedora da família.

O triunfo do capitalismo, imperial, neoliberal, militarista e depredador revela uma das formas mais elaboradas do patriarcado, que têm mostrado, nos diversos atentados terroristas, nas últimas guerras e na crescente “feminização” da pobreza, sua pior face (NARVAZ, KOLLER, p.51, 2006).

Continuemos com as conversas das outras adolescentes.



Valentina Soares Cristina Yang como tem certeza disso? E por que seu pai não faz as mesmas tarefas das sua mãe?

Curtir · Responder · 7 sem

Cristina Yang Valentina Soares porque tenho certeza que minha mãe iria educar ele pra isso . Não sei 🤔

Curtir · Responder · 7 sem

Valentina Soares Cristina Yang é uma pena não saber!

Curtir · Responder · 7 sem

Cristina Yang Valentina Soares rrsrsr

Curtir · Responder · 7 sem

CRISTINA parece idealizar uma configuração de família que difere totalmente da sua. Inicialmente, ela parece não estar conformada como a forma que as tarefas são divididas em sua casa e, por isso, fez essa idealização. Mas, mais adiante, percebo que não há um conformismo sobre a situação, pois ela diz não saber o motivo que o seu pai não realiza as mesmas tarefas domésticas que sua mãe. Mas, a atribuição da função de 'educar' permanece na mãe, mesmo sendo uma família com pai e mãe, fato estritamente relacionado a estrutura familiar patriarcal e machista, na qual a mulher deve se encarregar pelo sucesso e/ou fracasso de sua prole.

CRISTINA YANG afirma *“que se eu tivesse um irmão a mesma responsabilidade de fazer minhas tarefas de casa ele teria tbm”*, entendo que, Cristina não se conforma com a maneira que a divisão de tarefas seja atribuída e o gênero. Esse pensamento pode ser “fruto das pequenas sementes” lançadas pelo movimento feminista, que busca a igualdade de direitos.

Segundo Mansbridge, identidades feministas costumam ser adquiridas, não concedidas, o que significa dizer que "(...) quando as feministas escrevem se unem, agem em conjunto e lêem o que outras feministas escrevem, suas teorias ganham significados, pois as fazem pensar e as experiências de transformações pessoais e interações tornam-as interiormente responsáveis" frente aos movimentos feministas (BARRETO, 2014, p.69).



Beatriz Araújo isso quer rodrigo dizer e muito errado porque lugar de mulher e na onde ela quer esta nos mulheres podemos fazer o quer quiser ir na onde queremos, sair para onde queremos, trabalha onde queremos, não muda nada nos mulheres somos guerreira sim isso quer mulher não poder fazer as mesma coisas quer os home e besteira nos somos mulheres e queremos ser respeitada .

Curtir · Responder · 9 sem



Valentina Soares em sua casa, Beatriz Araújo, seu pai e seus irmãos fazem as mesmas tarefas que você, suas irmãs e sua mãe realiza?

Curtir · Responder · 9 sem



Beatriz Araújo de vez em quando sim, essa questão que os home não poder ajudar na tarefar de casa e muito errado home tem sim o direito de ajuda na tarefar de casa

Curtir · Responder · 6 sem



Valentina Soares Beatriz Araújo é direito ou dever do homem ajudar na tarefa de casa?

Curtir · Responder · 6 sem

Em seus comentários, BEATRIZ ARAUJO enaltece a importância da mulher sentir-se bem onde deseja estar, sendo respeitada por suas escolhas e também traz a concepção de que o homem pode ajudar na tarefa de casa, isto é, não é um dever ou responsabilidade dele e por isso ele só ajuda. Há um dito popular que exclama que “o homem busca uma esposa parecida com sua mãe”, ou seja, alguém para continuar cuidando dele e de suas coisas depois da vida adulta. Isso é o reflexo de uma conformação cultural em que homens não cuidam dos afazeres domésticos, pois “é coisa de mulher”, e se o faz, “é um homem bonzinho por que ajuda a esposa”. Na comunidade em que moramos (eu e as adolescentes), é comum ouvir de pessoas mais velhas que “uma boa esposa não pede ajuda ao marido, senão ele arruma outra”. São pensamentos dessa natureza que, ainda hoje, regem a nossa sociedade.



Jennifer Santos Eu iria me senti ofendida, Porq lugar de mulher é onde ela quiser..

Deve existir tarefas sim, mas não quer dizer que mulher tem que está o tempo todo na cozinha!
Lugar de mulher é onde ela quiser..

Na minha casa nunca houve esse problema, Cada um faz sua parte
❤️ 😊

Curtir · Responder · 8 sem



Valentina Soares Jennifer Santos, quais são as partes que vc, sua mãe e seu pai fazem?

Curtir · Responder · 7 sem



Jennifer Santos Valentina Soares Minha mãe faz o almoço, lava roupa..
Eu limpo a casa..
Meu pai faz coisas roça, e tal !

Curtir · Responder · 7 sem



Valentina Soares Jennifer Santos por que as tarefas são divididas assim? Seu pai faz ou já fez alguma tarefa que sua mãe realiza todos os dias?

Curtir · Responder · 7 sem



Jennifer Santos Valentina Soares Sim, Como lavar a louça, varrer à casa, essas coisas !

Curtir · Responder · 7 sem



Valentina Soares Jennifer Santos ele reclama quando realiza essas atividades?

Curtir · Responder · 7 sem

 **Valentina Soares** Jennifer Santos quando vc diz que " não quer dizer que mulher tem que está o tempo todo na cozinha" isso significa que em algum momento da sua rotina, a mulher tem que estar na cozinha?

Curtir · Responder · 7 sem

 **Jennifer Santos** Valentina Soares Ele nunca reclamou !

Curtir · Responder · 7 sem



 **Valentina Soares** Jennifer Santos que bom

Curtir · Responder · 7 sem

 **Jennifer Santos** Não ,Mulher tem que faz as coisas de casa sim ,Más..Não significa que tem que tá o tempo todo ali.. Mulher tem que ter seu tempo tbm !

Curtir · Responder · 7 sem

 **Valentina Soares** Jennifer Santos então é obrigação da mulher fazer as coisas de casa, mas não é obrigação do marido?

Curtir · Responder · 7 sem

 **Jennifer Santos** Os dois tem direito de faz as tarefas de casa,Más..a mulher tbm tem que ter seu tempo! E o msm direito da mulher ,é do homem tbm!

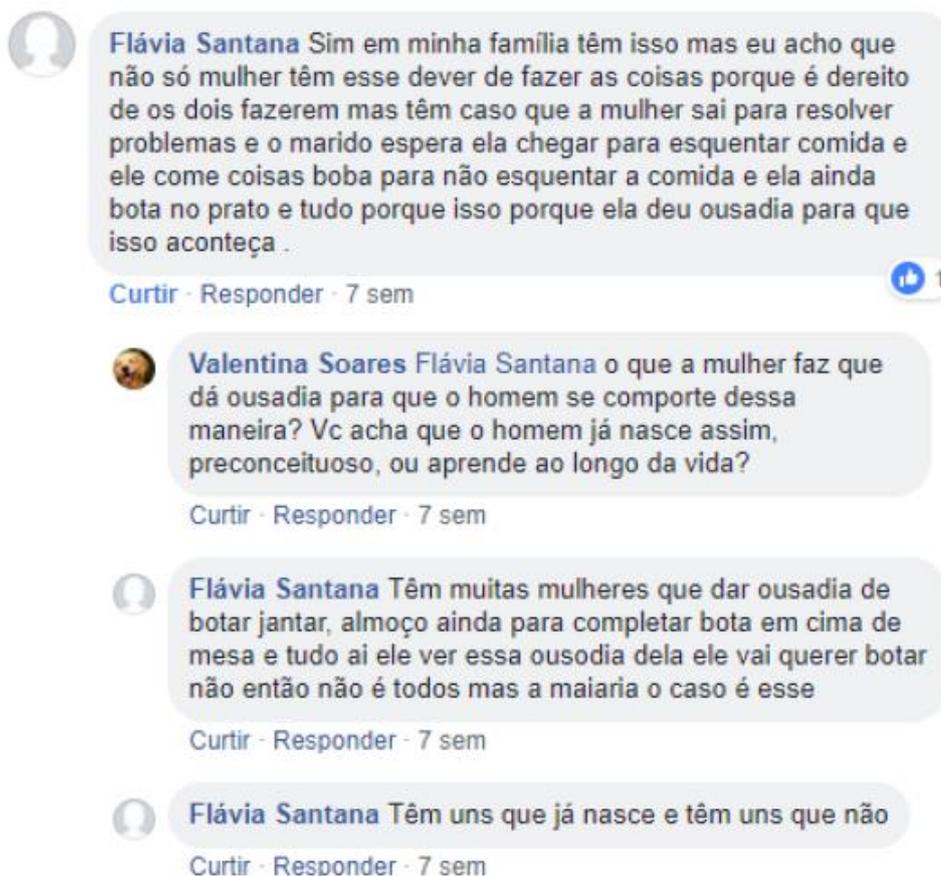
Curtir · Responder · 7 sem · Editado

 **Valentina Soares** Jennifer Santos tá bom 

Curtir · Responder · 6 sem · Editado

A família de JENNIFER SANTOS parece não apresentar problemas em relação a atribuição das tarefas, há divisão das tarefas, que não ocorre de forma sistemática, isto é, não há regras específicas que selecione a tarefa como sendo responsabilidade de alguém específico. Ainda assim, o seu comentário

demonstra apoiar a ideia de que as tarefas domésticas são por essencial, responsabilidades femininas.



Perceba a indignação do discurso de FLÁVIA. Ela afirma que em sua casa há divisão de tarefas atreladas ao gênero mais se opõe a essa atitude. Por um instante, ela parece ter feito o desabafo, consigo “ouvir” a mudança de entonação em sua voz ao fazer a leitura. Os exemplos que FLÁVIA citou, podem ter sido fictícios, mas são fatos que preenchem muitos lares. O ato de depositar na mulher a exclusividade de cozinhar e alimentar os seus, é muito comum, principalmente aqui, que é uma comunidade rural, onde os preconceitos ditam as regras da família e a educação dos filhos. Um exemplo disso, está no discurso de Leila quando ela diz que *“Têm uns que já nasce e têm uns que não”*, sobre como se constitui um homem preconceituoso.

Nos comentários do segundo caso surgiu um elemento novo, os *emoticons* ou pictogramas, que são elementos visuais que, na contemporaneidade,

compõem um sistema de sinalização e comunicação. “Sua natureza figurativa e lúdica tem a capacidade de comunicar mensagens complexas”(MORO, 2016, p.53). Sou adepta ao uso dos *emoticons*, sempre me despeço com um durante minhas conversas, e utilizo-os para expressar sentimentos ou posicionamentos de forma menos complexas e mais divertidas, caso usasse palavras.

Os significados não verbais são meios de comunicação que transmitem uma mensagem e que são construídos, modificados e ressignificados através do tempo, dentro de uma cultura e de uma sociedade. O uso que fazemos das coisas, e como as representamos, gera significados dados por quem as utiliza. As práticas integradas podem se multiplicar com o tempo, dando ao pictograma uma condição de reconhecimento de comunicação (MORO, 2016, p.54).

Acredito que foram motivadas a usar os pictogramas em nossas conversas por sentirem-se à vontade, fugindo da formalidade que mantiveram no primeiro caso. Além disso, todas nós passamos a utilizar com mais frequência a escrita comum nas redes sociais, fazendo abreviaturas como “vc” (você), “porq” (porque) e “rs” (risos). Essas abreviaturas são marcadores do discurso, possuindo estrutura informal e oralizada.

São recursos dessa natureza que constituem a conversação através das redes sociais em algo único e autêntico, recheado de sentimentos, expressados das diversas formas não verbalizadas, mas não impede que transmita seus significados. Esse é um dos motivos que me levam a acreditar que o *Facebook Messenger* e outras redes sociais podem ser ferramentas que auxiliem e implementem na educação escolar, sob uma perspectiva mais crítica que valorize a afetividade dos/das estudantes como fator importante para a aprendizagem.

4.3. Violando o direito de livre expressão da orientação sexual (publicado em 30 de agosto)

O último caso dessa caminhada aflorou em mim diversos sentimentos. O primeiro deles foi tristeza. Entristeceu a minha alma a saída anunciada (desde o segundo caso) de uma de nossas integrantes do grupo (BRIDGET), a que mais se animou desde o princípio. Mas, a vida é repleta de surpresas, e em uma dessas surpresas BRIDGET mudou-se para outra cidade, por motivos pessoais, despediu-se de mim através do *whatsapp*. Sim, do *whatsapp*! Mantenho contato com todas as adolescentes, curtimos e comentamos as fotos, status e stories (*Instagram*) uma das outras. Já nos conhecíamos antes, e mantemos uma relação saudável e sincera.

Conheço as mães e pais de todas as adolescentes. O fantástico nisso tudo é que conseguimos manter a ética que normatiza o trabalho, nunca conversamos sobre os casos fora do espaço apropriado. Quando nos encontramos falamos de diversos assuntos, e pelo Whats também, mas mantemos o combinado de restringir o assunto da pesquisa somente ao grupo no *Facebook Messenger*.

Outro fato que também me entristeceu foi a impossibilidade de MARYNA RUI BARBOSA acessar a nossa página para conversar sobre o último caso, já que ela perdeu a sua senha de acesso. Mas, houve outros sentimentos também. Senti-me animada com a sinceridade das adolescentes, não demonstram hipocrisia, a maioria transpareceu sensatez, e ao mesmo tempo angustiada com a forma de pensar o outro expressa por algumas adolescentes. Mas acima de tudo Gratidão, adiante explico a minha gratidão.

O caso intitulado “Violando o direito de livre expressão da orientação sexual” (APÊNDICE A) aborda uma situação ocorrida em uma escola, na qual um pai de uma colega vê duas alunas se beijando e se reporta indignado na diretoria. Os comentários são espalhados na turma, causando a intimidação das adolescentes a ponto das mesmas ficarem com medo de voltar à escola. Inicialmente fiz as seguintes perguntas:

Hipoteticamente, sua filha ou seu filho estuda na mesma escola que Cássia e Daniela, e você presenciasse a mesma situação que o pai do caso acima presenciou. O que você faria? E se você tivesse uma amiga e descobrisse que era lésbica? Mudaria alguma coisa na relação entre vocês? Nessa escola já aconteceu alguma situação parecida? Poderia descrevê-la? Qual sua opinião sobre o assunto? (VALENTINA SOARES)

As perguntas foram direcionadas desta maneira para abordar as possíveis situações que podem ter acontecido, ou não, e como elas se posicionariam diante disso. Quando perguntadas sobre qual posição assumiria caso presenciassem a mesma situação que o pai presenciou, a maioria compartilhou da mesma opinião, além disso, deixaram claro que nada parecido ocorreu na instituição escolar que estudam.

 **Elisabeth Monseha** · Como eu nunca tive oportunidade para presenciar, não sei qual seria minha reação.
· Não, pois descobri de uma a pouco tempo, e continuamos a mesma coisa.
· Não.

Curtir · Responder · 5 sem · Editado  1

↳  Valentina Soares respondeu · 3 Respostas

 **Cristina Yang** · Eu acho que não faria nada ,também não sei qual seria a minha reação ...
· Nunca ,não vou largar a minha amizade só pelo fato dela ser lésbica .
· Não

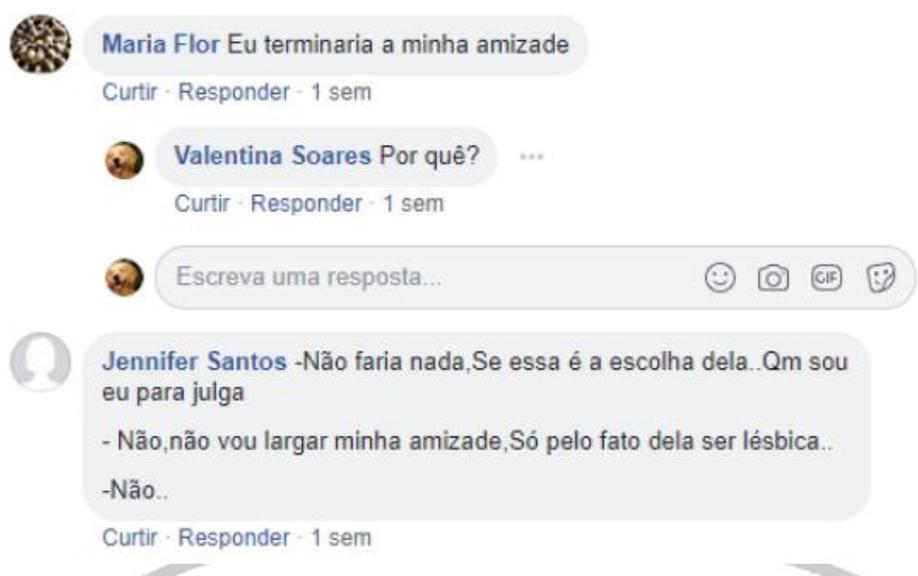
Curtir · Responder · 4 sem

 **Flávia Santana** E eu não terminaria minha amizade por motivo algum principalmente por ser lésbica nossa amizade continuava sempre ela podia ter mil defeito mas que importa é o nosso amor !!

Curtir · Responder · 4 sem  1

 **Beatriz Araújo** nunca aconteceu nada parecido comigo ,mas ser acontecesse eu não iria para a secretaria não eu não saberia a a minha reação mas eu não iria julgar elas ser antes eu conhecer não caber a mim julgar caber a deus . ser eu tivesse uma amiga lesbica não mudaria nada entre nos duas eu ajudaria ela passa por isso .nunca aconteceu nada parecido na minha escola mas ser tivesse acontecer eu não julgaria nada .

Curtir · Responder · 4 sem



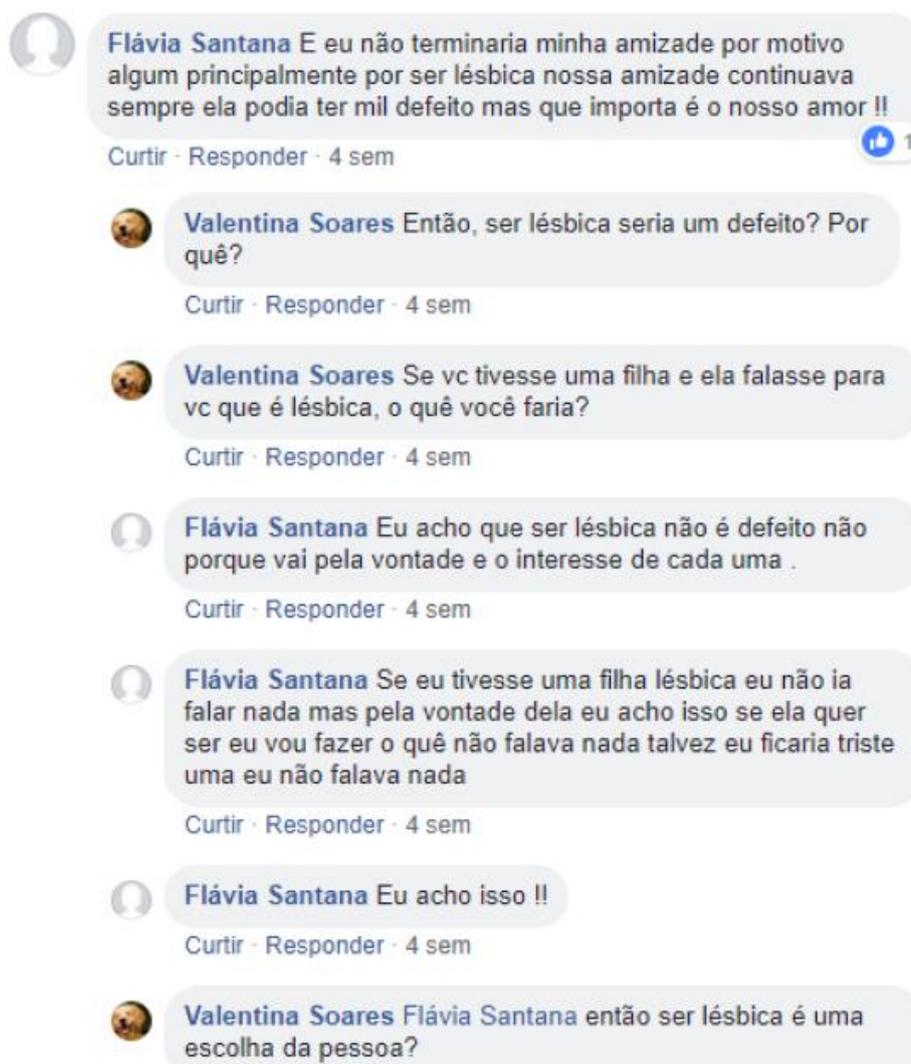
A pergunta seguinte questiona a possibilidade de uma amizade ser afetada caso elas descobrissem que a suposta amiga fosse lésbica. ELISABETH disse com firmeza que *"Não pois descobri de uma a pouco tempo, e continuamos a mesma coisa"*. CRISTINA, FLÁVIA, BEATRIZ e JENNIFER deixaram claro que não *"terminariam"* a amizade por isso.

"Mas ser acontecesse eu não iria para a secretaria não eu não saberia a minha reação mas eu não iria julgar elas ser antes eu conhecer não caber a mim julgar caber a deus". Note que o argumento utilizado por BEATRIZ para justificar a sua ausência de julgamento, reflete, acima de tudo em uma educação cristã, em que não é incumbência dela (ou de qualquer outra pessoa) julgar a vida de outra pessoa, e talvez seja por isso que ela escreveu *"eu não iria julgar elas ser antes eu conhecer"*, expressando, implicitamente, que cada indivíduo vive em realidades diferentes e que se ela não conhece, ela não deve criticá-la.

MARIA FLOR foi sincera e direta, mas não quis argumentar o seu posicionamento. Ao afirmar que *"terminaria a minha amizade"* caso descobrisse que a sua amiga fosse lésbica, e não mais se posicionou no grupo muito menos continuou o bate-papo. O que me deixou bastante preocupada. Mas, respeitando os princípios éticos, não tentei conversar com ela fora do grupo, pois concordamos que só conversaríamos sobre os casos no grupo, porém ao

“finalizar” este trabalho pretendo conversar com ela sobre o comentário, em um momento oportuno.

Adiante, as perguntas foram se modificando de acordo com a resposta das adolescentes.



Em seu discurso, FLÁVIA demonstra a grandiosidade do amor em uma amizade, “*ela pode ter mil defeito mas que importa é o nosso amor!!*”. Para ela, nada é maior que esse sentimento e por isso, se há amor nada mais importa. Ao ler essa declaração concretizei a minha ideia de que nem todas as pessoas estão perdidas (do caminho do amor humano). Além disso, ela demonstrou a todo o momento a importância do respeito as decisões da outra pessoa, corroborando

com “eu acho isso!!”, e quando nos encontramos e nos abraçamos é essa a energia que ela emana, cheia de doçura e reciprocidade. A sua gentileza é admirável. Outro dia a vi na Igreja e acenei para ela, quando chego a casa me deparo com um pedido de desculpas no *whatsapp* por não ter ido falar comigo “de perto”. O amor em pessoa.

Talvez, você que está lendo este texto tenha se perguntado o porquê de ter formulado a pergunta no sentido de uma filha ser lésbica, e não outra pessoa. Quando comecei a escrever esse projeto, tentei ao máximo adequar as realidades da nossa comunidade, afinal todas nós crescemos em comunidades muito próximas e estudamos pelo menos parte da vida, na mesma escola, mesmo que em tempos diferentes.

Dessa forma, propor que elas se coloquem como as mães, pais e familiares de pessoas homossexuais, que sofrem preconceito junto com os seus e suas, foi uma forma de tentar despertar a empatia nelas, que pode ser imediata ou não, mas uma semente foi semeada, e se regada da maneira correta pode vir a florescer.

Nesse caso, através do procedimento da ultra-sonografia, transforma-se o “bebê” antes mesmo de nascer em “ele” ou “ela”, na medida em que se torna possível um enunciado performativo do tipo: “é uma menina”! A partir desta nomeação, a menina é “feminizada” e, com isso, inserida nos domínios inteligíveis da linguagem e do parentesco através da determinação de seu sexo. Entretanto, essa “feminização” da menina não adquire uma significação estável e permanente. Ao contrário, essa interpelação terá que ser reiterada através do tempo com o intuito de reforçar esse efeito naturalizante (ARÁN; PEIXOTO JÚNIOR, 2007,p.134).

A sua fala é comum a de grande maioria de mães, pais e familiares quando relatam a “descoberta” da orientação sexual de seus filhos e filhas que divergem do esperado, que seria o sexo biológico como determinante da atração afetiva, que seria pelo sexo oposto. Mas, assim como FLÁVIA, ela assumiu uma postura sincera, assumindo que não ficaria contente, mas não demonstrou atitude violenta.

-  **Valentina Soares** Se vc tivesse uma filha e ela falasse para vc que é lésbica, o quê você faria?
Curtir · Responder · 6 sem
-  **Elisabeth Monseha** No momento entraria em choque né, Mas com o tempo quem sabe não me confirmaria.
Curtir · Responder · 6 sem
-  **Valentina Soares** Elisabeth Monseha pq vc entraria em choque?como seria esse choque?
Curtir · Responder · 6 sem
-  **Elisabeth Monseha** Por que seria uma surpresa.Você dar a luz a uma menina e ela dizer que é lésbica. Surpresa total.
Curtir · Responder · 1 sem
-  **Elisabeth Monseha** No momento eu não sei nem como eu reagiria.
Curtir · Responder · 1 sem
-  **Valentina Soares** entendi!  1
Curtir · Responder · 1 sem
-
-  **Valentina Soares** seria diferente do que vc idealizou, é isso?
Curtir · Responder · 1 sem
-
-  **Elisabeth Monseha** Isso  1
Curtir · Responder · 1 sem
-  **Valentina Soares** okay 🤔🤔
Curtir · Responder · 1 sem

Para JENNIFER SANTOS não há dúvidas, ser lésbica é uma escolha. E para ela, a escolha é baseada no fato de “*ela se sente bem, com uma pessoa do mesmo sexo que ela..*” E que pelo fato de ser uma escolha, a qualquer momento, pode voltar a se relacionar com homens. Em primeira instância, relacionei a

concepção de Jennifer sobre a lesbianidade como uma confusão de conceitos entre lésbica e bissexual. Mas, penso que as relações afetivas não devem ser somente explicadas como algo biológico e “consciente”, mas que os caminhos trilhados por essa pessoa, suas vivências e experiências é que as levam a trilhar caminhos, homossexuais ou heterossexuais.



The image shows a screenshot of a Facebook comment thread. The thread consists of several comments from users Valentina Soares and Jennifer Santos. Each comment includes the user's name, profile picture, the text of the comment, and interaction options like 'Curtir' (Like) and 'Responder' (Reply), along with the time since the comment was made. Some comments also show a thumbs-up icon and a count of likes.

Valentina Soares Na sua opinião a menina/mulher escolhe ser lésbica? Jennifer Santos
Curtir · Responder · 1 sem  1

Jennifer Santos Sim !
Curtir · Responder · 4 d

Valentina Soares E como e porque ela faz essa escolha Jennifer Santos?
Curtir · Responder · 22 h  1

Jennifer Santos Por que ela se sente bem, Com uma pessoa do mesmo sexo que ela..
Curtir · Responder · 22 h

Valentina Soares Entendi. Então, já que a pessoa escolhe ser lésbica, em algum momento da vida ela pode escolher ser hétero?
Curtir · Responder · 21 h  1

Jennifer Santos Sim..
Curtir · Responder · 21 h

Valentina Soares Pq?
Curtir · Responder · 21 h

Valentina Soares Pq?
Curtir · Responder · 21 h

Jennifer Santos Por que ela não quer más se relacionar, com pessoas do mesmo sexo..
Curtir · Responder · 21 h

Valentina Soares Jennifer Santos entendi!

Acredito que as pessoas não decidem isso através da escolha, escolha é quando decidimos usar ou não o batom, deixar ou não que a barba fique grande, ir de chinelo ou de tênis, rasteira ou salto. Quando tomamos decisões dessa natureza, estamos escolhendo, nos baseando em motivos pessoais ou sociais, diferente da orientação sexual, nunca li, vi ou ouvi alguém dizer eu escolhi ser gay ou eu escolhi ser hétero, são coisas que perpassam a lógica da escolha.

Trata-se de uma questão de identidade e não de uma doença. Sendo fruto de um determinismo psíquico primitivo, não pode ser taxado como um desvio de conduta ou escolha pessoal. Como não é uma opção livre, não deve ser objeto de marginalização ou reprovabilidade social ou jurídica (DIAS, 2010, p.1).

Ao longo da vida, vamos nos identificando enquanto homo ou hétero através das relações estabelecidas com outras pessoas, de acordo como os sentimentos manifestam a nossa corrente sanguínea por meio do nosso sistema endócrino e do sistema nervoso central, aumentando a frequência cardíaca e a excitação por alguém do sexo oposto ou do mesmo sexo.

São pequenos detalhes que se somam ao longo da vida, que alguns se percebem mais cedo, outros nem tanto. Além disso, se fosse mesmo uma escolha, não acredito que mesmo vivendo em mundo tão preconceituoso e homofóbico alguém escolheria se expor a essa “escolha” a ponto de sair para trabalhar, estudar, se divertir e voltar morta/o ou ferida/o por ter “escolhido” ser homossexual.

As relações de poder não desempenham, em relação ao saber, unicamente um papel de facilitação ou de obstáculo; não se contentam em favorecê-lo ou estimulá-lo, em falsificá-lo ou limitá-lo; poder e saber não estão ligados um ao outro pelo simples jogo dos interesses ou das ideologias; (...) o poder faz com que o saber lhe seja subordinado e o faz servir a seus próprios fins, (...)se imprime sobre ele e lhe impõe conteúdos e limitações ideológicas (FOUCAULT, 1997, p.18).

Esse poder que foi construído historicamente junto com a humanidade, colocou o/a heterossexual como um/a humano/a melhor, por vezes superior aos que não se encaixam no padrão heteronormativo. Padrões que ditam masculinidade e feminilidade, que devem ser restritos aos meninos/homens e adolescentes/mulheres, respectivamente não devem ser seguidos pelo sexo oposto. E algum comportamento que não é conivente com esses padrões são submissos a essas relações de poder, que foram estabelecidas levando em conta o que é verdade para a maioria, burgueses e preconceituosos, que disseminam e investem nesse poder como um saber em uma sociedade.

Nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento, que é em si mesmo uma forma de poder, e que está ligado, em sua existência e em seu funcionamento, às outras formas de poder. Nenhum poder, em compensação, se exerce sem a extração, a apropriação a distribuição ou a retenção de um saber. Nesse nível, não há o conhecimento, de um lado, e a sociedade, do outro, ou a ciência e o Estado, mas as formas fundamentais do “saber-poder” (FOUCAULT, 1997, p. 19).

Nesta cartografia é possível perceber diversas faces da violência de gênero. Fato que ainda é muito comum em nosso país e na comunidade onde as adolescentes (e eu) moramos, e por esse motivo muitas vezes os tipos desta violência são ignorados ou não notados. Mais uma vez concordando com Foucault (1997), “percebo a instituição da violência de gênero como mais uma estratégia e fruto das relações existentes entre saber e poder”.

É importante compreender que sexualidade vai além da composição química e biológica dos corpos, e sim, resultado da inserção e da modelagem e construção desse indivíduo dentro de um contexto social e histórico, no qual a cultura tem forte contribuição e funciona como uma demarcação social. Nesse sentido, o corpo não pode ser visto como algo imutável e igual entre todas e todos. O corpo será desenvolvido e modelado de acordo com tais perspectivas sociais e culturais, sendo vivido e experimentado de maneiras e formas diferentes, logo estará em constantes mudanças, decorrentes das mudanças

culturais, por isso o corpo se constitui em uma identidade concreta, em que demonstra, mesmo de forma singela, os ideais de vida da pessoa.

5. OBSERVAÇÕES ALÉM DA LINHA DO TEMPO

Há quatro anos criamos uma conexão via *Facebook Messenger*, conectamos um pouco de nossas vidas, entrecruzamos caminhos e produzimos história! Em 2018, pude experimentar passear pelas falas daquelas adolescentes que juntas a mim deram os primeiros passos para o que está sendo produzido agora.

De lá para cá muitas coisas aconteceram. Não somos mais as mesmas, pois estamos em constante transformação. As adolescentes não estudam mais na mesma escola, mas residem no mesmo lugar, até Bridget que havia mudado de cidade quando estávamos cartografando juntas, retornou para o município.

Mantendo contato com as adolescentes, umas mais de perto e outras nem tanto, colho os frutos das afetividades que construímos e experimentamos juntos desde o início de 2018, ano de início da cartografia, do nosso primeiro contato. O *Facebook* ficou um pouco para trás nesse processo, acabamos adotando o *Instagram* para compartilhar registros de momentos por meio de fotos, e também para enviarmos publicações que julgamos interessantes (notícias, fofocas e *memes*). Acompanhamos a vida uma das outras via *whatsapp* também, principalmente no último ano, sob efeito do distanciamento social.

Hoje, posso afirmar que comemoro anos de amizade com essas jovens mulheres, que tanto contribuíram para minha formação profissional e pessoal, e agradeço por terem permitido que eu lançasse sementes em seus espaços de cultivo de amor e conhecimento. Cultivar essas afetividades e acompanhar o crescimento de suas personalidades por meio de rápidas conversas, de ouvir seus sonhos e objetivos. Recentemente recebi uma mensagem de uma das participantes, em que ela compartilhava comigo suas aspirações profissionais e pedindo-me que lhe explicasse um pouco mais sobre as Ciências Biológicas

(área que sou licenciada), pois estava interessada em seguir por seus caminhos. A cada dia, aprendo que cartografar é além da pesquisa, é antes um exercício de paciência e observação, paciência para perceber que as respostas levam tempo para serem encontradas, pois elas nunca estarão prontas, mas em constante transformação. A observação pode nos conferir essa capacidade de perceber as diferentes formas de resultados que uma pesquisa pode apresentar.

Atualmente, retomo a cartografia por uma necessidade de (re)visitar experiências, de ampliar os horizontes, e proporcionar um espaço de fala e escuta para as novas personalidades das mesmas mulheres que há quatro anos iniciaram essa caminhada comigo. O desejo de retomada surgiu justamente pelo desejo fazer emergir as nossas necessidades e como a nossa inserção social tem moldado as nossas expectativas e as visões de mundo e as possibilidades que há para jovens mulheres de zona rural. E com tamanha satisfação estou delimitando no próximo capítulo possíveis rotas além *Facebook* para criar esses espaços de fala, escuta e coletividade.

NOVAS REDES DE ENCONTROS

Como explicitado no capítulo anterior, esta cartografia está seguindo o percurso delineado em 2018, quando ela fora iniciada. O trabalho monográfico intitulado *EU TENHO UMA OPINIÃO! CARTOGRAFANDO CASOS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM UM GRUPO NO FACEBOOK* será a base para os passos a seguir. Na tentativa de explorar alguns assuntos que não foram contemplados anteriormente, na tentativa de acolher suas trajetórias individuais e coletivas enquanto jovens moradoras de zona rural.

Agora, além de proporcionar o protagonismo das participantes, queremos que suas histórias ocupem um lugar de destaque nesta cartografia. Identificando e explorando os marcadores de gênero e sexualidade dessas jovens oriundas e residentes de um distrito em um município rural. Aqui, os casos discutidos não serão fictícios, almejo a escuta e a fala de situações reais que atravessam e determinam o cotidiano de cada uma e do coletivo.

Inicialmente, a ideia seria abrir espaço para que outras mulheres participassem da construção desta etapa da cartografia, porém, percebi que seria importante manter as participantes que iniciaram o trabalho em 2018, visto que essa etapa é uma continuidade do anterior.

Desenvolvo esta dissertação com o objetivo de compreender o processo de construção de percepções das relações de gênero e sexualidade entre jovens mulheres no distrito de Retiro do Município de Coração de Maria- Ba, e como essas relações influenciam em suas vivências e na construção e experimentação do desejo.

Para isso, tracei os seguintes objetivos específicos: cartografar afetações cotidianas das jovens estudantes da educação básica a respeito das relações de gênero e sexualidade, por meio da produção de diários de bordo; discutir situações cotidianas de construção de gênero e sexualidade, por meio do *Google Meet*; investigar os principais marcadores de gênero e sexualidade na vida da mulher moradora do Retiro na zona rural de Coração de Maria.

Nos tópicos a seguir, apresento um pouco dos aportes teóricos e do processo metodológico nessa contínua busca no universo feminino.

1. METODOLOGIAS PARA O REENCONTRO

Quanto aos seus objetivos, esta pesquisa apresenta um cunho qualitativo, aliando os referenciais teórico-metodológicos da Cartografia e da Netnografia, da mesma forma que foi realizado na primeira etapa. Nesta fase, incorporo o diário de bordo e o uso do *Google Meet* como ferramenta fundamental para realizar a pesquisa durante a pandemia.

Nos tópicos a seguir será apresentado o arcabouço teórico-metodológico que norteou esta segunda etapa da pesquisa, bem como uma descrição do processo, envolvendo as estratégias de produção de dados e seus aspectos éticos que asseguram a participação consciente, e a garantia de idoneidade nas transcrições das falas e registros das participantes.

1.1 Uso de tecnologias em tempos pandêmicos

No primeiro trimestre de 2020, época que será eternizada na história brasileira, como o início da Pandemia causada pelo vírus da COVID- 19, o país (e o mundo) vivenciou uma experiência única de distanciamento social. Com o fechamento de inúmeras infraestruturas sociais e econômicas, a fim de controlar aglomerações e a rápida disseminação do vírus, as Tecnologias de Informação e a internet foram às ferramentas que parte das instituições recorreram para não findar as atividades neste período. Tal distanciamento fortaleceu a aprendizagem e a pesquisa mediada pelas tecnologias, que há alguns anos já estava sendo utilizada, em menor escala.

As ferramentas tecnológicas educacionais como a internet já eram populares antes mesmo do distanciamento social ser adotado pelas

instituições de ensino. Elas vinham atendendo a sociedade mundial e instituições como metodologia de ensino e aprendizagem. Essas inovações tecnológicas já vinham suprindo lacunas, sociais e educacionais, juntando a tecnologia e a educação e proporcionando mecanismos de evolução a fim de atender as demandas sociais educativas (CARNEIRO et. al, 2020, p.4).

Diante deste cenário, a internet e suas ferramentas oferecem um ciberespaço de comunicação, interação e trocas. A questão não é mais buscar a informação, mas sim, organizá-la. “A cibercultura seria o esteio para as informações que se dispersam volumosamente nos vastos oceanos da cibernética” (ARAÚJO, 2015, p.93). Através dela, muitas metodologias de ensino, aprendizagem e pesquisa podem ser desenvolvidas, acompanhando as modelagens culturais de seus usuários.

Sob os efeitos da Globalização, o uso das tecnologias digitais e de informação tem se tornado cada vez mais popular e necessária. Ganhando destaque cada vez mais, é necessário entendermos quais mudanças sociais são causadas por esses efeitos. “Mesmo por vezes sendo atribuída à globalização uma definição simplificadora dos processos sociais contemporâneos, não se pode negar a importância que tal processo possui”(FARIAS, 2014, p. 47).

Durante as últimas décadas o mundo tem passado pelo período mais significativo de inovação tecnológica e reestruturação global desde as primeiras décadas do século XX. Uma parte da grande transformação para o novo estágio do tecnocapitalismo envolveu uma reestruturação e uma reorganização fundamental da economia, da política e da cultura no mundo, para qual o termo globalização serve como palavra-chave. Ela está cercada de debates sobre pós-fordismo, pós-modernismo e uma série de pós, os quais, por si só, significam uma ruptura fundamental com o passado. Ela está, portanto, envolvida de forma central em debates sobre as características e mudanças que definem a era atual (KELLNER, SHARE, 2008, p. 196).

Compreender o processo de globalização é de suma importância para o entendimento do papel da tecnologia atribuído na sociedade contemporânea. A internet pode ser utilizada como uma ferramenta de produção de conhecimento, através do método de aprendizagem colaborativa, na qual é possível construir uma relação individual e coletiva de busca e troca de conhecimentos, pois esse

é o foco da aprendizagem colaborativa, a participação ativa de todas e todas que compõem o grupo.

Em sua tese de doutorado, Araújo (2015, p. 124) construiu uma tabela enumerando os fatores que compõem uma aprendizagem colaborativa. Segundo ele, nesta metodologia O foco está concentrado no processo de construção da aprendizagem, o trabalho é indivisível em partes estáticas, não há clara e restrita divisão de tarefas, depende de engajamento e senso colaborativo, é uma atividade complexa e estabelecida no campo das redes, as tarefas são centradas na figura do aluno, em suas competências, habilidades e construções.

Desse modo, investir na aprendizagem colaborativa ao elaborar um projeto de pesquisa que deverá ser desenvolvido no ciberespaço, que para ele produz um universal sem totalidade, fortalece a autonomia e a educação emancipatória das participantes. Além disso, “desde a “Geração Y” até a “Geração Alpha” o mundo tem se convergido para uma realidade produzida colaborativamente” (ARAÚJO, 2015, p.125).

A plataforma *Google Meet* é disponibilizada pelo *Google* para realização de videoconferências a nível empresarial para todos que dispuserem de aparelhos compatíveis e que estejam devidamente registrados em uma conta do *Google*.

Agora qualquer pessoa com uma Conta do Google pode criar uma reunião on-line com até 100 participantes e duração de até 60 minutos. Empresas, escolas e outras organizações podem aproveitar os recursos avançados, como reuniões com até 250 participantes internos ou externos e transmissão ao vivo para até 100 mil espectadores em um domínio (GOOGLE MEET, 2020)

Assim como tem sido utilizada em realizações de eventos, aulas, cursos e encontros online, a plataforma pode fornecer um ambiente propício ao desenvolvimento de uma pesquisa. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação e a harmonia entre mídias e dispositivos como internet, vídeos, smartphones, construíram notórias mudanças no cotidiano, no compartilhamento de informação e seu acesso. “O computador é uma tecnologia privilegiada de

aprendizagem e que, a partir dele, é necessário dinamizar o uso das TIC nos processos de ensinar e aprender nos contextos escolares” (FARIAS, 2014, p. 69).

“O uso das TIC como instrumento à disposição de professores e alunos: se utilizadas de maneira adequada, poderão se constituir em valioso agente de mudanças para a melhoria do processo ensino-aprendizagem” (COUTO, 2014, p.300). Com tamanho potencial educacional, as TIC’s fornecem ferramentas propícias a desenvolvimento de pesquisas e a criação de espaços de aprendizagem e troca.

1.2 O protagonismo da experiência em um diário de bordo

A produção de um diário remonta características intimistas e afetivas. Seu uso comum para o registro de sentimentos, experimentações e recordações é bastante conhecido. Escrever um diário envolve a complexidade da leitura e da escrita. Para Vygotsky (2001), “a escrita funciona como uma ferramenta psicológica no desenvolvimento das funções psíquicas superiores: linguagem e pensamento”. “Numa perspectiva interativa, a leitura é, conseqüentemente, um processo de construção de significações nos diferentes momentos de recepção” (DOLZ, 2018, p.11). A escrita, para Dolz (2018), “convoca sempre a leitura quando escrevemos, nos documentamos, tomamos como referência as leituras precedentes e nos releemos permanentemente no processo de escrever”.

Catalogar os acontecimentos do dia a dia é um processo que surgiu junto à humanidade, possuindo várias facetas, iniciados desde o tempo das cavernas, atualmente nos deparamos até com registros em redes sociais.

Originado das anotações sobre acontecimentos em trajetos de navegações, o diário de bordo se configura não apenas como um instrumento náutico para expedições marítimas, mas também como a nomenclatura de uma espécie complexa que reúne conjuntos de documentos de processos de pesquisa e criação (PINTO, 2019, p. 102).

Utilizar o diário de bordo em uma pesquisa cartográfica, significa que será uma proposta construtiva, como uma cartografia deve ser, afinal não trabalharemos com conceitos previamente determinados e engessados, mas utilizaremos o mundo vivido e experimentado, que

acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido- e a formação de outros: mundo que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 1989, p.23).

Desse modo não coletamos dados, produzimos!

Com a escrita do diário, as jovens participantes experimentam a sensação de materializar suas vivências, seus devires, prazeres e desprazeres, tudo o que perpassa a construção de suas percepções de ser mulher, olhando para e por dentro. Almejo conseguir despertar a chama de vivenciar a experiência por meio da escrita assim como Jorge Larrosa as definiram.

Deixar que a palavra “experiência” nos venha à boca (que tutele nossa voz, nossa escrita) não é usar um instrumento, e sim se colocar no caminho, ou melhor, no espaço que ela abre. Um espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (e sobretudo para a paixão). Porque as palavras, algumas palavras, antes que se desgastem ou se fossilizem para nós, antes de permanecerem capturadas, também elas, pelas normas do saber e pelas disciplinas do pensar, antes que nos convertam, ou as convertamos em parte de uma doutrina ou uma metodologia, antes que nos subordinem, ou a subordinemos a esse dispositivo de controle do pensamento que chamamos “investigação”, ainda podem conter um gesto de rebeldia, um não, e ainda podem ser perguntas, aberturas, inícios, janelas abertas, modos de continuar vivos, de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe, talvez (LARROSA, 2014, p.75).

Fizemos da escrita uma linha de fuga e de encontros, de construção pessoal, subjetiva, e principalmente coletiva. “O que se escreve não pertence a quem o escreve, até porque dentro da escrita existem vários autores, inúmeros

agenciamentos, conexões infinitas de platôs, (...) para uma lógica arborescente, genealógica” (MELLO, 2015, p. 200). Afinal,

O que se escreve também não é de quem o lê, mas é de todos os que o leem e o releem, aqueles que sentem suas ideias funcionarem em conexão com aquelas. Por fim, o que se escreve também não significa uma fotografia estática de alguma realidade (MELLO, 2015, p. 201).

“Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensionar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13). Percorrendo esses caminhos, cheios de rizomas e devires, fomentamos a valorização da experiência enquanto potencial construção de conhecimento.

1.3 Campo de pesquisa: processo e participantes

A pesquisa foi retomada no ano de dois mil e vinte um (2021), tendo início no primeiro semestre do mesmo ano, com jovens mulheres do distrito de Retiro do Município de Coração de Maria-BA. A pesquisa foi desenvolvida com um grupo focal composto por cinco participantes, mulheres jovens de dezesseis (16) a dezoito (18) anos de idade. Saliento que são as mesmas participantes que construíram a primeira etapa da cartografia, mas agora são apenas cinco, das oito participantes que começaram a construir a cartografia em 2018.

Mas, afinal, em que cenário esta cartografia foi desenvolvida?

O Retiro (FIGURAS 04 e 05), é um distrito amplamente rural, pertencente ao Município de Coração de Maria-BA. Composto por uma sede com características urbanas em processo de desenvolvimento, e comunidades rurais (chamadas de Fazenda). CRISTINA YANG, BEATRIZ ARAUJO, JENNIFER SANTOS e EU, residimos na Fazenda Pedra Nova; Já ELISABETH MONSEHA, na Fazenda Mucambinho; FLÁVIA SANTANA, Fazenda Pitiá. Além dessas, existem tantas outras que compõem o distrito.

É na sede do distrito, que há o único Colégio Estadual do Retiro, no qual cursamos o ensino médio. É uma escola que faz parte da história das gerações nascidas aqui. Como a maioria dos estudantes moram distante, há algumas

décadas, a prefeitura passou a disponibilizar transporte escolar para os três turnos de aula, possibilitando que o máximo de moradores pudessem concluir o ensino médio. Mas não foi assim desde o princípio, e por isso, algumas pessoas só concluíram o ensino médio depois de adultos, por meio da Educação de Jovens e Adultos, e com o incentivo do transporte escolar. Minha mãe é o exemplo mais próximo, assim como muitas pessoas da época dela.

Figura 1: PRAÇA DO RETIRO



Fonte: Retiro, distrito de Coração de Maria mais parece uma cidade.

<https://coracaonoticias.com/2019/11/19/retiro-distrito-de-coracao-de-maria-mais-parece-uma-cidade/>

Figura 2: PRAÇA DO RETIRO



Fonte: Retiro, distrito de Coração de Maria mais parece uma cidade.

<https://coracaonoticias.com/2019/11/19/retiro-distrito-de-coracao-de-maria-mais-parece-uma-cidade/>

Mesmo em momentos diferentes, todas nós temos em comum o local de estudo do ensino médio. Eu concluí há 11 anos, elas, estão cursando agora o ensino médio. Nesse período, houve mudança de nome, mas em termos gerais, continua a mesma instituição.

Mesmo sendo moradores de Coração de Maria, temos uma relevante dependência da cidade de Feira de Santana, pois, a comunidade que moramos fica mais próxima a Feira que à sede do Município, pois o município de Coração de Maria possui uma área rural extensa. Além disso, o distrito ainda está em desenvolvimento, não atendendo as nossas necessidades, principalmente em relação a cuidados com a saúde, oportunidade de emprego e formação técnica e acadêmica.

Nesta etapa, continuaram comigo: Elisabeth Monseha, Jheniffer Santos, Cristina Yang, Beatriz Araújo e Flávia Santana. Esses são pseudônimos definidos pelas participantes, garantindo o sigilo de suas identidades. Porém, a máscara de Valentina Soares (pseudônimo que utilizei para começar a construir esta cartografia) não representa a minha realidade atual. Agora quero aparecer como Adriane, que está em constante movimento. Tal como as outras

participantes, que tiveram os seus pseudônimos mantidos para auxiliar a leitura no mapeamento dos percursos de cada participante, mas também vivem em “movimentos permanentes e imperceptíveis de criação de outras máscaras” (ROLNYK, 1989, p.36).

As vivências individuais não permitiram que estivessem todas participando desta etapa da cartografia, mas em suas subjetividades elas não deixam de existir, as suas impressões nos ajudaram a chegar até aqui.

São quebras, rupturas, demolições, que podem variar em ritmo e intensidade, mas que acontecem forçosa e repetidamente ao longo de nossa existência. Impossível evitá-lo: tais quebras são o efeito de uma implacável disparidade entre, de um lado, a infinitude do ser enquanto pura produção de diferença e, de outro, a finitude dos modos de subjetivação em que se expressam as diferenças, cristalizações provisórias do ser formando figuras, o humano propriamente dito. Tal disparidade é constitutiva da subjetividade: ela define o caráter trágico de nossa condição, a palpitação do transhumano no homem. Não há como se desfazer desta disparidade, muda apenas o modo como se lida com o trágico e as cartografias que se delineiam a partir daí (ROLNIK, 1995, p.2).

Neste momento, nos interessa o olhar das jovens sobre as questões de gênero e sexualidade e consideramos pertinente manter um grupo focal, em que todas as participantes sejam mulheres. “Os grupos focais partem de uma perspectiva interacionista e buscam mostrar o modo como uma questão é construída e alterada ao ser debatida em uma discussão de grupo” (FLICK, 2009, p. 187).

O primeiro contato com as participantes foi feito através do *Whatsapp*. Conversei com elas sobre a possibilidade de retomarmos o trabalho e as convidei para uma reunião online, via *Google Meet*, para explicar a proposta.

No primeiro encontro virtual expliquei sobre o que se tratava o projeto ao qual elas estavam sendo convidadas a participarem mais uma vez, expliquei sobre os termos¹¹ de consentimento e de assentimento (Apêndices B e C) que foram assinados pelos responsáveis legais das participantes menores de dezoito (18) anos, e pelas participantes. O grupo do *whatsapp* que fora criado antes

¹¹ O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em 01 de junho de 2021 sob o parecer de nº 4.747.282 e número CAAE 44154721.3.0000.0053, pois satisfiz as exigências da resolução 466/12 e 510/2016 e da forma operacional 001/2013.

dessa reunião, não foi utilizado como um ambiente de pesquisa, servindo apenas para agendar os encontros, visto que é mais ágil e pode funcionar de forma assíncrona, diferente do *Google Meet*, que exige a presença em tempo real. Realizamos quatro (04) encontros via *Google Meet*, que aconteceram em dias e horários combinados segundo a disponibilidade em comum de todas as participantes e da internet, pois tivemos que adiar alguns encontros pela indisponibilidade do serviço para algumas participantes.

Já é sabido que a Cartografia consiste em um processo de construção processual, a qual não delimita caminhos, muito menos predetermina resultados. Logo, é um trabalho conjunto entre pesquisadora e participantes da pesquisa, sendo que o segundo possui mais liberdade de expressão, delineando os caminhos para os resultados da pesquisa. Nesse sentido, devo utilizar estratégias que promovam tais resultados, pois o que se espera, é que com a evolução do trabalho, a cartografia seja construída através das concepções que cada participante tem acerca dos assuntos discutidos em grupo. Veja que a intenção aqui não é “dizer” para elas que suas opiniões estão certas ou erradas, mas cartografar a construção de suas percepções e subjetividades ao longo dos debates no grupo.

Nesse sentido, as reuniões e a escrita dos Diários de Bordo serão o guia na construção da cartografia. Mas de que forma? E por quê? Os assuntos serão selecionados e compartilhados segundo as subjetividades apresentadas pelas participantes. Podem ser relatos pessoais, da internet, reais ou fictícios sobre relações de gênero e sexualidade no contexto social coletivo de todas nós, a zona rural. A cada assunto escolhido e compartilhado, discutimos nos encontros *online*. Vale salientar que não houve um questionário engessado, muito menos gabaritos, e sim um espaço confortável para ouvi-las e compreender cada argumento e o que fizeram pensar assim, perceber as subjetividades nas falas e compartilhamento de emoções.

Em paralelo, cada participante recebeu um diário, em uma data e horário combinada previamente. Não houve um encontro coletivo presencial para este momento, pois ainda estávamos em período pandêmico. Os diários foram entregues pessoalmente, por um serviço de entregas, observando os cuidados

sanitários desde a compra até o recebimento dos diários pelas participantes. Os registros (escrita, gráfico e/ou imagens), expressaram acontecimentos, emoções ou pensamentos, do presente ou do passado que as levaram a atual experimentação de mundo e as relações individuais e coletivas. O diário foi devolvido ao fim dos encontros virtuais, pois ele faz parte da construção assíncrona desta cartografia.

Para proporcionar uma leitura mais fluída, as transcrições das falas das jovens estão em *itálico*, e as produções textuais do diário de bordo, em figuras.

2. (RE) ENCONTRO

Em quatro de fevereiro de dois mil e vinte e dois (04/02/2022), iniciei a conversa com as jovens que cartografaram comigo em dois mil e dezoito (2018), para juntas retomarmos o nosso trabalho e seguir as novas pistas que surgiram em nossas vidas de lá para cá.

Pretender que nossas cartografias sejam puras, eternas, universais ou simplesmente verdadeiras em si mesmas é reiterar exatamente o que faz adoecer: calar a diferença, calcificar o existente, impotencializar a vida, travar a processualidade do ser, breçar a história (ROLNIK, 1995, p.3).

Consegui manter contato com cinco (eram oito participantes) jovens, por meio do *Whatsapp Messenger*. Após elas aceitarem o convite, criei um grupo no *Whatsapp* (FIGURA 1), intitulado, O Retorno, afinal são as mesmas jovens que iniciaram este trabalho comigo há alguns anos e agora estamos juntas novamente, e lá propus que nos reuníssemos via *Google Meet* para que eu pudesse conversar e explicar a elas como seria essa nova etapa.

Figura 3: GRUPO NO WHATSAPP



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Após várias tentativas de encontrar um dia viável para todas, conseguimos nos reunir via *Google Meet*, em uma tarde de sábado, em cinco de março de dois mil e vinte e dois (05/03/2022), às 14h. Nessa reunião, combinamos a entrega dos diários e qual o objetivo dele, e como seria a logística dos encontros via *Google Meet*. Os termos de Assentimento (TALE) e Consentimento (TCLE) foram enviados no grupo do *Whatsapp*, e assinados eletronicamente pelas participantes. Os diários (FIGURA 2) foram entregues em oito de março do mesmo ano, junto a duas canetas.

Figura 4: CADERNOS PARA PRODUÇÃO DOS DIÁRIOS



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Nossas reuniões não ocorreram em um padrão quinzenal como eu havia previsto. As datas eram marcadas após uma reunião, de acordo com a disponibilidade das jovens. Por isso, todas as reuniões ocorreram à noite, pois elas estudavam em turnos diferentes. Conseguimos realizar a nossa primeira reunião em vinte e três de março (23/03) às 19h30min, com pouco mais de duas horas de duração (essa foi a média de duração de todas as reuniões). Os próximos encontros aconteceram em sete de abril (07/04), treze de abril (13/04) e vinte e seis de abril (26/04) de dois mil e vinte e dois. Os diários foram recolhidos duas semanas após a última reunião. Saliento que a identidade das participantes está mantida sob sigilo na produção do texto, sendo identificadas apenas por Pseudônimos definidos por elas.

2.1 Subjetivações em diários de bordo

Então, para resumir, eu oporia a ideia de reconhecimento de identidade uma ideia de processos transversais, de devires subjetivos que se instauram através dos indivíduos e dos grupos sociais. E eles podem fazê-lo, porque eles próprios são processos de subjetivação, eles configuram a própria existência dessas realidades subjetivas. Mas eles não podem existir em si, e sim num movimento processual; e isso que lhes da sua potência de travessia em todas as estratificações - estratificações materiais, de sentido, de sistemas maquínicos e assim por diante (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.74).

As produções¹² no diário de bordo materializaram o Devir feminino que não coube na tela do *Google Meet*. Lá, registraram as afetações e como elas interferem em nosso devir social. Devir é estar em movimento, em mudança e “assim por diante”.

As mulheres que produziram esta etapa da cartografia possuem as mesmas identidades de quando começaram, mas estão em momentos diferentes da vida, em outros devires, diferente de quando iniciamos. As identificações das participantes continuam as mesmas para manter uma leitura mais compreensível. A seguir, apresento as principais transcrições dos escritos de cada diário (não apresento as fotografias dos escritos, pois contém informações que comprometem o sigilo de identidade garantido as participantes).

Propus que elas registrassem como elas se enxergam no mundo e os atravessamentos cotidianos que influenciam em suas caminhadas. A seguir, apresento os devires femininos que protagonizaram este trabalho, por meio de suas escritas no diário de bordo¹³.

¹² Apesar de estarem inseridos como figuras no texto, as transcrições das conversas do Google Meet e as produções dos diários, são de fato elementos textuais e, portanto, não inserimos títulos, como figuras, para dar mais fluidez à leitura.

¹³ Toda produção escrita do diário de bordo das participantes, está em formato de figura no corpo do texto.

2.2.1. DEVIR JHENIFFER SANTOS

“Um pouquinho sobre me...

Bom, meu nome é JHENIFFER SANTOS, tenho 18 anos, moro na fazenda pedra nova, Retiro, Coração de Maria. Moro com meus Pais adotivos, tenho 1 irmã de sangue, e cinco de consideração, oito sobrinhos, tia baba tanto rsrs...

Estudo no Retiro, Colégio Estadual José Waldomiro, estou cursando o 2º ano do ensino médio, ano que vem me formo com fé em Deus! E em seguida pretendo fazer um curso, e seguir meus sonhos.”

2.2.2. DEVIR-BEATRIZ ARAUJO

“Olá, esse é meu diário onde vou fala um pouco sobre mim, e do meu dia também.

Meu nome é Beatriz Araujo nasci em 2005, esse ano completo 17 anos no dia 06-03, eu sou um tipo de pessoa bem alegre amo ver as pessoas felizes principalmente as que eu amo ou tenho carinho, não gosto de ver ninguém triste porque eu acho que deve aproveitar o máximo da vida sabe? porque as coisas quando tem de acontecer é tão rápido que aquele tempo triste deveria ter aproveitado mais.

Vou conta pra vocês 5 qualidades minhas e 5 defeitos.

Qualidades: humilde, bonita, carinhosa, engraçada e gentil.

Defeito: rir em momento sério, ser lerda. Não sei meus defeitos kkk”

“Moro com meus pais apenas, faço 2º ano, tenho namorado, já trabalhei fazendo faxina, minha religião é católica e é isso.”

2.2.3. DEVIR – ELISABETH MONSEHA

“Olá, me chamo ELISABETH MONSEHA, tenho 17 anos, sou parda, moro com minha mãe e meu irmão. Sou solteira, estou cursando o terceiro ano do ensino médio. Já trabalhei em um mercado durante 1 ano, mas sair para estudar. Atualmente apenas estudo, vendo perfumes e outras coisas mais. Estou fazendo curso de manicure. Gosto muito de ouvir música, rir com os amigos, e comer... amo comer, também amo dormir kkkk..”

2.2.4. DEVIR- FLÁVIA SANTANA

*“Meu Querido diário
hoje amanheci com uma saudade de um menino que
gosto muito, já namorei ele é um gostar antigo só que
não demonstro, ele já me pediu pra pedir meus pais
mais não aceitei porque se eu namorasse poderia
estragar alguns sonhos meus, e falei que s e fosse para a
gente dar certo que um dia nós se viria novamente (...)
Mas não quero namorar, depois que eu terminar meus
estudos também porque já vou está de maior, e eu
penso. Mas sei lá, na mesma hora uqe gosto para
namorar eu fico meio indecisa, enfim eu não penso em
namorar com quem não quer fututro. (...)”*

*“Meu querido diário!
Hoje acordei com um pensamento de querer ser
independente para saber lidar com a vida.
Trabalhar, estudar e querer realizar meus sonhos.
Sou uma pessoa que sofro com antecedência, tenho
uma ansiedade que só Jesus, eu sofro muito
querendo fazer e também achar que as coisas são
do meu jeito. O que eu peço a Deus é
discernimento e sabedoria para ter paciência e
saber viver um dia a cada dia e não querendo viver
o futuro em um dia.”*

“Sou FLÁVIA SANTANA nasci no dia 02 de julho de 2004, no horário 11:45h, no hospital Mater Dei, na cidade de Feira de Santana, comecei a me alfabetizar com 6 anos (...) Estou concluindo o segundo grau. Sou negra, tenho a pele na cor morena. Moro com 8 pessoas e elas são o amor da minha vida. Sou solteira. Eu trabalho fazendo as coisas dentro de casa, já trabalhei e trabalho ganhando dinheiro. Durante o trabalho eu deixei tudo o que me marcou em escrito. Essa experiência foi um grande aprendizado pois todos os dias que aconteceu algo eu escrevia e com isso aprendi mais a memorizar as coisas do dia a dia e isso foi gratificante. Fiquei tão entusiasmada que agora quero escrever com mais frequência. Sou de Classe baixa, minha religião é o catolicismo,

eu gosto muito de ir a igreja, sair muito, conversar com minhas amigas, fazer minhas orações, andar um pouco de moto, escutar muito músicas e pregações, ficar nas redes sociais. Foi de uma grande importância realizar este trabalho, pois achei que não era capaz e acabei tirando da cabeça que não há nada impossível quando se trata de conhecimento e determinação. Sou muito Grata a Deus, primeiramente e segundo a você, Adriane, você sempre estará em meu coração, pois foi uma experiência que irei levar pra toda a minha vida. Amei de coração, foi um período em que parei pra refletir minha vida.”

2.2.5. DEVIR- CRISTINA YANG

“Olá, eu me chamo CRISTINA YANG, tenho 16 anos e moro em Coração de Maria-Retiro, tenho uma irmã que é mais velha que eu 9 anos, moro com meus pais, e ainda estou no 2º ano, gosto muito de ficar no meu cantinho, de preferência no meu quarto, gosto de cozinhar e me considero muito risonha e amiga, as vezes sou impulsiva ou até rude, mais a maioria das vezes sou mais compreensiva e calma até, e o meu maior defeito é não saber expor meus sentimentos.”

“Me chamo CRISTINA YANG, tenho 16 anos, sou negra, moro com meus pais, ao todo são 3 pessoas, eles são tudo na minha vida, já trabalhei em uma loja de roupas, atualmente não estou trabalhando, mais queria rrsrs, classe média, sou católica e meu hobbie é maquiagem”.

3. ENCONTRO DE DESEJOS

Lembro-me que desde a educação básica aprendi que biologicamente, os seres vivos possuem um ciclo de vida que garante a manutenção e perpetuação da espécie: nascem, crescem se reproduzem e morrem. Assim como uma árvore frutífera produz sementes com frutos garantindo a perpetuação da espécie, aqui estou eu, regando esta semente, guardada dos frutos das estações passadas, e preparando um solo fértil para um novo 'nascimento'. O caso *Sexting* (APÊNDICE A), discutido na primeira etapa dessa Cartografia, despertou muita inquietação nas adolescentes quando eu as apresentei em dois mil e dezoito. Por se tratar de um assunto atual e bem comum entre relacionamentos, convidei as jovens a visitar suas memórias e a analisar o mesmo caso novamente, após quase quatro anos de primeira leitura. Ao indaga-las sobre, elas disseram que lembravam “por alto” da história do caso.

Eu acho que foi uma traição dos amigos, aquele que divulgou a foto, o que ela falou, a conversa que ela teve e tal pra população, eu acho isso uma falta de respeito e uma falta de consideração daquela pessoa que confiou em contar, e acabou sendo surpreendida por essa decepção, pq isso aí se torna ... Porque confiar na pessoa e depois saber que ela não é nada daquilo que você pensava (FLÁVIA SANTANA).

Com assertividade, as outras concordam com FLÁVIA SANTANA. E então ela continua.

Não só desse exemplo que a senhora falou, mas tipo assim, na nossa vida, na realidade na nossa vida, a gente confia muito nas pessoas, se ela chegar ao ponto de fazer uma coisa dessas, isso aí é uma falta de consideração mesmo, porque tipo assim você confia, tem a confiança de contar suas coisas pra aquela pessoa, tipo, exemplo, como eu e Elisabeth, porque é o único exemplo que eu tenho a dar, ela é a minha melhor amiga, tipo, eu confio muito nela, conto minhas coisas pra ela, e tipo assim, exemplo, se ela fosse, caso um dia a gente for se separar, que Deus não vai deixar isso, e ela fosse contar o que aconteceu, isso aí seria uma falta de empatia dela, e tipo o inverso também. Se acontecesse isso com ele e eu falasse seria o mesmo. Isso aí eu acho, que tipo assim, você confiou em contar, você pode ter o problema que for com aquela pessoa, você tem que guardar pra si, porque ali foi uma confiança que ela teve em você. Né Elisabeth? Meu amor! (FLÁVIA SANTANA)

Em suas colocações, FLÁVIA SANTANA enfatiza a confiança como um elo importante das diversas formas de relações. Desse modo, a exposição do que ocorreu após o fim do relacionamento, seja amizade ou amorosa, se constitui em uma “*falta de empatia*”. No caso *sexting* essa falta de empatia configura um crime que tem se tornado bastante comum após término de relacionamentos, devido a globalização, ganhando mais visibilidade por meio da mídia, e constituindo mais uma possibilidade de violência de gênero. Infelizmente, os danos causados por esse tipo de violência são menosprezados pela sociedade que é estruturalmente machista, haja vista que as vítimas são em quase totalidade de mulheres. No Brasil, chamada de Pornografia de Vingança, o *sexting* é mais um reflexo de como estão estabelecidas de formas desiguais, as relações de poder entre homens e mulheres, o que garante ao homem esse tipo de comportamento violento que é aceito e perdoado pela sociedade. Enquanto isso, a mulher (vítima) e sua rede de afetos, padece dos efeitos morais, sociais, financeiros e psicológicos das ações machistas de seus opressores.

Eu acho assim, no mundo que a gente vive hoje, que a gente vê vários exemplos sobre isso aí, pela parte da mulher a mulher sofre muito, tem muitas que se matam por causa disso, porque manda pra o namorado e o namorado depois que termina vai lá e envia pra várias pessoas e tal, e aí ela não se aceita porque todo mundo tá sabendo, e acontece tudo muito isso, mas tipo de um homem mandar pra mulher, eu acho...eu me vejo assim, no mundo de hoje, pelas pessoas que eu vejo ao meu redor , eu acho que não sairia tão feio quanto pra mulher, sabia? Alguns ia achar bonito, ia achar ali é homem mesmo, e já a mulher não, ia ser chamada de puta e tal, de muita coisa aí. (FLÁVIA SANTANA)

O homem, é encorajado desde a infância a explorar a sua sexualidade, a demonstrar virilidade e desejo por mulheres, como sinônimo de virilidade. A mulher por sua vez, percorre o caminho inverso. Somos reprimidas. Não somos ensinadas a conhecer o nosso corpo, muito menos a sentir prazer ou buscar esse prazer. Segundo Guacira Louro (2000b, p. 14) os corpos "são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos...".

“Acho que as pessoas que moram no interior são mais fáceis de ser difamadas ou algo do tipo, pelo fato que é uma região com poucas pessoas e todo mundo se conhece. Muitas esquecem do seu passado e gostam de julgar os outros de mais da conta.”

Para nós, mulheres moradoras de zona rural, a moral e o respeito estão condicionados a uma vida sexual restrita ao matrimônio ou relações sólidas, caso contrário não somos bem-vistas aos olhos do poder patriarcal e machista da nossa sociedade. “Não seria, pois, o fazer da mulher que determina sua condição, mas o sentido social que esse fazer adquire. Um sentido engendrado nas malhas das lutas de poder que envolvem o corpo social” (LOPES; MATOS, 1999, p.53)

A maioria das estudiosas e estudiosos consideram que a sexualidade supõe ou implica mais do que corpos, que nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações, mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres. “Haveria de se compreender a sexualidade como um constructo histórico, como sendo produzida na cultura, cambiante, carregada da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade” (LOURO, 2007, p. 2010).

A sexualidade feminina ainda é vista como um elemento para o homem possuir e dominar, o corpo é visto como uma casa vazia, que só estará preenchida por um possuidor masculino.

Tais discriminações são observadas no comportamento do agressor, que, assumindo a condição de possuidor do corpo e da sexualidade da vítima, publica a intimidade feminina de forma deliberada e não consentida. Dessa forma, acontece a reafirmação dos discursos socioculturais que, desaprovando o comportamento permissivo da

vítima, intensificam nela o sentimento de culpa e autopunição, mesmo quando está sendo vítima de violência de gênero (SILVA; PINHEIRO, 2017, p.248).

“É por isso que eu digo que o homem não evoluiu, que o cérebro é do tamanho de um grão de areia” (ELISABETH MONSEHA).

Na Biologia, afirmamos que o processo evolutivo ocorre em decorrência da Seleção Natural do ambiente, permanecendo e perpetuando a espécie somente aqueles que possuem características que o permitem serem mais adaptados, assim, ao longo das gerações a espécie é mantida. Pensando dessa forma, será mesmo que o homem não evoluiu? Parece que esse caractere foi mantido e foi fundamental no desenvolvimento da espécie”. (ADRIANE)

Pensar no comportamento masculino como uma característica pouco racional é uma consequência da infantilização masculina, permitindo que comportamentos violentos sejam tratados como resultado de uma imaturidade, que sempre é permitida ao homem, mas nunca é concedida a mulher. É mais um privilégio masculino, conferindo ao mesmo a justificativa de possuírem esses comportamentos sem a intenção de privar as mulheres da plena liberdade. Ao homem, tudo é permitido e justificado, e nós, mulheres, imersas nesse universo de dominação masculina acabamos repetindo esse padrão, que a nós é incutido desde o início do nosso convívio social.

Eu o qualifico de devir feminino por se tratar de uma economia do desejo que tende a colocar em questão um certo tipo de finalidade da produção das relações sociais, um certo tipo de demarcação, que faz com que se possa falar de um mundo dominado pela subjetividade masculina, no qual as relações são justamente marcadas pela proibição desse devir. Em outras palavras, não há simetria entre uma sociedade masculina, masculinizada, e um devir feminino (GUATTARI; ROLNYK, 1996, p.73).

Ao me tornar mãe de Gabriel, me senti culpada inúmeras vezes por não ser a mãe e a esposa que a minha rede de convívio social idealiza. Mesmo tendo ciência que eu não sou a única responsável pela casa e seus afazeres e por Gabriel, me senti ‘fraca’ várias vezes, por me cobrar algo que estava incutido em mim por violência simbólica, através dos exemplos que presenciei a minha vida

inteira, que a mãe tem que dar conta do filho e da casa para “ser uma boa esposa”, e que o marido “não pode ser incomodado”.

Há uma glamourização destas supostas figuras estáveis e donas de si, especialmente insuflada pela mídia, e que produz miragens de eternos vencedores. No reluzente espelho de tais miragens, é grande a chance de, em algum momento, os personagens enxergarem-se como fracassados: a cada vez que um deles é abalado pela disparidade entre os planos, a reação mais comum é tomar o mal –estar que este abalo mobiliza como sinal de alarme anunciando perigo de desagregação (ROLNIK, 1996, p.120)

Quebrar esse padrão tem sido uma escolha diária e requer disciplina e muito desejo, pois além de lutar com toda uma sociedade machista, eu preciso lutar contra uma parte de mim, fruto de uma educação machista e relações de poder, que ainda luta para me dominar. “São justamente esses processos que a gente poderia chamar, citando Guattari, de "devir mulher": devir mulher do homem, devir mulher da mulher, enfim, devir mulher de nossa sociedade” (GUATTARI; ROLNYK, 1996, p.81).

Estamos inseridos em uma estrutura social organizada historicamente sob o poder masculino e suas necessidades, por isso, mesmo de forma inconsciente, repetimos padrões, pois nossos pensamentos e ações são resultado de um longo processo dominador. E como um ciclo vicioso, nós acabamos repetindo esse padrão, principalmente, na família.

E a criação, já vem da criação, tipo: uma família que tem um casal de filhos cria a mulher diminuindo ela, o valor dela na sociedade. Que ela não pode ser isso, não pode ser aquilo, mas o homem já quer colocar aquela ideia de menino macho que tem que pegar mulher que isso que aquilo, e aí acaba que os meninos crescem que não sabem nem respeitar uma mulher da forma devida. (ELISABETH MONSEHA).

Vejamos aqui o exemplo de quanto o contexto social em que uma criança está inserida é importante. A educação de filhas e filhos é fundamental para diminuir ou aumentar a multiplicação do machismo. O discurso machista naturaliza a sobreposição de gênero, pondo o masculino como livre, superior e independente. E mais uma vez, vemos como a exploração da sexualidade no ambiente familiar é um benefício estimulado em sua grande maioria, aos homens. À mulher, fica a necessidade de uma liberdade supervisionada, a

inferioridade e a dependência ao homem. A mulher está fadada ao estigma, necessitando buscar uma legitimação que nunca é suficiente para lhe conferir o prestígio que o homem tem consigo, apenas por ser Homem. Um gênero se sobressai ao outro por meio da submissão do segundo. O esperado, é que as mulheres estejam atentas ao cumprimento das regras, e sorridente, como uma boa dominada.

Não há espaço criado para nós, tivemos que reivindicá-los a força. A própria família nos poda, desde a infância, cortam nossas asas, “*cria a mulher diminuindo ela, o valor dela na sociedade. Que ela não pode ser isso, não pode ser aquilo*” (ELISABETH MONSEHA). Desde o nascimento, já somos condicionadas a uma cultura construída por meio de desigualdades e inferiorização do feminino. Acredito que o principal marcador para tamanha distinção, e uma das principais vias de subordinação feminina, é o fato de poder ser mãe. Já parou pra pensar que somos preparadas para isso desde que nascemos? “*Que ela não pode ser isso, não pode ser aquilo*” (ELISABETH MONSEHA), pois estamos sendo preparadas para cuidar da casa e dos filhos, e tudo o que possa atrapalhar essa logística ocupacional vai afetar o homem de alguma maneira, pois, para o homem ascender socialmente, ele precisa que alguém esteja em casa, fazendo o trabalho (que não é considerado trabalho) de manter toda uma vida familiar organizada.

Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe- exigiria, acima de tudo, uma moral sólida, e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro (LOURO, 2004, p. 446-447).

A capacidade reprodutiva feminina se torna uma característica limitante para as mulheres, como se houvesse um limite que podemos alcançar em decorrência dessa reprodução. O papel de cuidadora que vem junto com a maternidade, nos mantém ligadas a casa e a tantos afazeres domésticos, em que a sociedade patriarcal se vale para manter a sua dominação, inferiorizando a mulher e suas responsabilidades.

Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é, já o vimos, a conciliação de seu papel de reprodutora com seu trabalho

produtor. A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é sua escravização à função geradora (BEAUVOIR, 1970, p. 153).

Por isso, é tão difícil encontrar mulheres ocupando espaços públicos de poder, o trabalho feminino ainda carrega o estigma de estar ligado ao cuidado ou à cozinha. Um exemplo comum: olhe uma creche, uma escola de educação básica, e verá quem compõe em grande maioria o quadro de funcionários docentes e da merenda. É uma profissão feminilizada, pois está atrelada ao cuidado com afeto, atrelada à responsabilidade materna.

Quando estas jovens mulheres leram o caso pela primeira vez, lá em 2018, definiram a situação como um problema ético, além de pontuarem sobre o quão desigual é a avaliação de homens e mulheres que estão protagonizando casos como esse, a vítima (que costuma ser a mulher) acaba sendo responsabilizada pelo dano causado pelo algoz. Também argumentaram que a respeito do desejo da mulher em compartilhar esses conteúdos, consentindo com a ideia que a vítima também seria responsável. Um discurso fortemente influenciado pelo machismo. Agora, surgiram novos elementos à medida que outros não foram lembrados.

O desejo, aqui, consiste também num movimento contínuo de desencantamento, no qual, ao surgirem novos afetos, efeito de novos encontros, certas máscaras tornam-se obsoletas; movimentos de quebra de feitiço; afetos que já não existem máscaras que já perderam o sentido (ROLNIK, 1989, p.36).

Agora, elas visualizaram elementos novos: a confiança e a família. Para elas, a confiança seria um pressuposto para que todas as relações pessoais acontecessem de forma respeitosa; e como a família possui um papel importante no processo de construção da mulher e seus devires, e na liberdade opressora do masculino sob a prisão excludente do feminino. Além de enfatizarem o quanto todo esse processo torna a vida da mulher mais difícil na sociedade.

A seguir, apresento a vocês os desejos que compõem a subjetividade feminina das jovens participantes, imersas em uma realidade rural e com poucas ou nenhuma oportunidade de concretizarem esses desejos. Junto com os

escritos de seus diários, e em suas falas carregadas de si e de suas experimentações de vida.

3.1 Desejos de ser

O pior não é permanecer estratificado — organizado, significado, sujeito — mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca. Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos d intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22).

Essa etapa da Cartografia havia sido planejada para ser a mola propulsora da discussão, o primeiro passo, porém, a necessidade de falar sobre o autocuidado e a necessidade de praticar o amor próprio todos os dias foi mais importante naquele momento. Então o primeiro momento da nossa reunião foi basicamente sobre como a mídia, principalmente as redes sociais tem influenciado o modo de pensar seus corpos e suas personalidades, e o quanto isso causa insatisfação sobre a aparência e o quanto a pressão estética sobre a mulher tem sido agressiva.

Ao perceber que esse assunto era emergente e era uma pista que necessitava de atenção, enquanto ainda passam pelo processo de chegar ao Corpo Sem Órgão (CsO) descrito por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995)¹⁴, sugeri que elas pusessem no diário como essa relação de padronização e mídia estão afetando as suas trajetórias e o seu Eu. Elisabeth já percebeu que precisa esvaziar o seu corpo, pois ele já “se cansou dos órgãos e quer licenciá-los, ou antes, os perde” (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

¹⁴ que seria “o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.???)

*“19/03/22, Sábado – 18h30
Boa tarde meu querido diário... A fase da adolescência é uma fase muito complicada. É uma fase onde você nunca se sente satisfeita, um lado do rosto é diferente do outro, um olho menor do que o outro, tudo isso a gente começa a enxergar, e isso começa a afetar o nosso psicológico, ainda mais agora no século 21 onde as pessoas só são aceitas se forem padrão. Se você é muito magra você é criticada e ainda recebe vários comentários destrutivos que acabam nos deixando muito pra baixo. (...) Eu comecei a escrever hoje, e estava muito pra baixo, tinha acabado de sair do choro e vi que eu fui escrevendo aqui, foi como se eu estivesse me libertando de um peso que estava dentro de mim. Então, é isso, por hoje é só!”*

“Mas por que este desfile lúgubre de corpos costurados, vitrificados, catatonizados, aspirados, posto que o CsO é também pleno de alegria, de êxtase, de dança?” (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Porque tratar o corpo com tanta hostilidade? Sendo este corpo responsável por carregar as dores e as alegrias de cada experiência da vida, porque trata-lo apenas como um objeto?

O lucro capitalista é, fundamentalmente, produção de poder subjetivo. Isso não implica uma visão idealista da realidade social: a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material. O que se poderia dizer, usando a linguagem da informática, é que, evidentemente, um indivíduo sempre existe, mas apenas enquanto terminal; este terminal individual se encontra na posição de consumidor de subjetividade. Ele consome sistemas de representação, de sensibilidade, etc. – sistemas que não tem nada haver com categorias naturais universais (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.32).

As pessoas reais, os corpos reais não encontram espaço nas mídias sociais, muito menos nas propagandas publicitárias, pois esses corpos não são rentáveis ao comércio capitalista que vem ditando, há anos, o que é belo e o que não é. Essa mídia nos diz que a adolescência é a fase mais complicada da vida, nos diz qual é o corpo ideal para ir à praia, a idade ideal para isso e para aquilo,

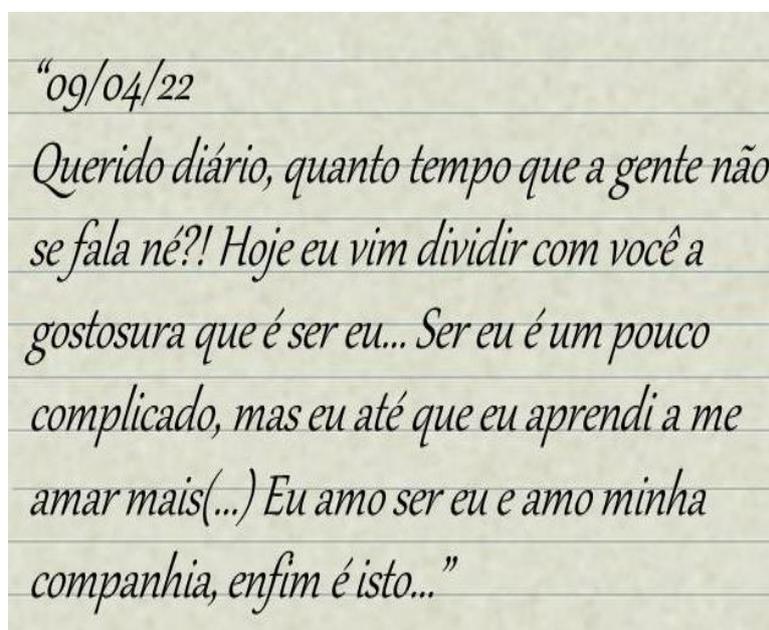
enfim... Se observarmos com atenção, boa parte de quem somos e como agimos foi e está sendo determinado sob a influência que o poder da mídia tem sobre nós. Para nós, mulheres, experimentar o nosso corpo e a nossa sexualidade de forma plena é ainda mais desafiador.

São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga a sua própria identidade de um modo coercitivo (FOUCAULT, 1995 p. 234-235).

Criaram um padrão para a mulher ideal, que naturalmente é surreal. Geneticamente falando, é impossível haver um padrão, devido a alta variabilidade genética existente na espécie humana, por isso, a indústria da estética vem construindo com seus bisturis ‘mágicos’, um monte de mulheres e homens robotizados, afirmando que o ideal é sermos todos iguais. ELISABETH reconhece que somos diferentes, e que essa é uma característica normal, que não se resume a aparência, mas aos nossos processos individuais de vida e subjetivação. Por isso, “a diferença deve sair de sua caverna e deixar de ser um monstro” (DELEUZE, 2015, p.38).

*“Quarta-feira, 16 de março...
(...) A sociedade impôs um padrão nas
mulheres, que você só será inclusa se for
magra, branca, cabelo liso. Mas não é possível,
até porque não somos todos iguais, temos
diferenças, e é isso que está adoecendo os
jovens. Você entra no instagram e ver a vida
“perfeita” das blogueiras, aquilo muita das
vezes nos deprime, porque a nossa realidade é
muito diferente da delas. Temos que nos
aceitar e ficar onde nos faz bem.”*

Durante as reuniões e por meio das escritas de Elisabeth em seu diário, que estava ocorrendo um processo de reconhecimento de fatores que havia levado ela a construir um corpo esquizo, “acedendo a uma luta interior ativa que ele mesmo desenvolve contra os órgãos, chegando à catatonia” (DELEUZE; GUATTARI, 1995), o qual ela estava tentando esvaziar. Ainda é preciso ir mais longe. A mídia tem influenciado na construção desses padrões citados por ELISABETH, e tantos outros comportamentos e estilos de vida, sendo um meio efetivo para propagação e criação de conceito(s) e preconceito(s). As redes sociais tem construído uma realidade paralela para seus usuários, por meio de seus recursos de edição de imagem, exercendo poder sobre seus usuários, influenciando a forma de experimentar o mundo real e construir a própria identidade.



“09/04/22
Querido diário, quanto tempo que a gente não se fala né?! Hoje eu vim dividir com você a gostosura que é ser eu... Ser eu é um pouco complicado, mas eu até que eu aprendi a me amar mais(...) Eu amo ser eu e amo minha companhia, enfim é isto...”

JHENIFFER, por sua vez parece estar aproveitando o Devir do seu CsO, e faz dele sua força.

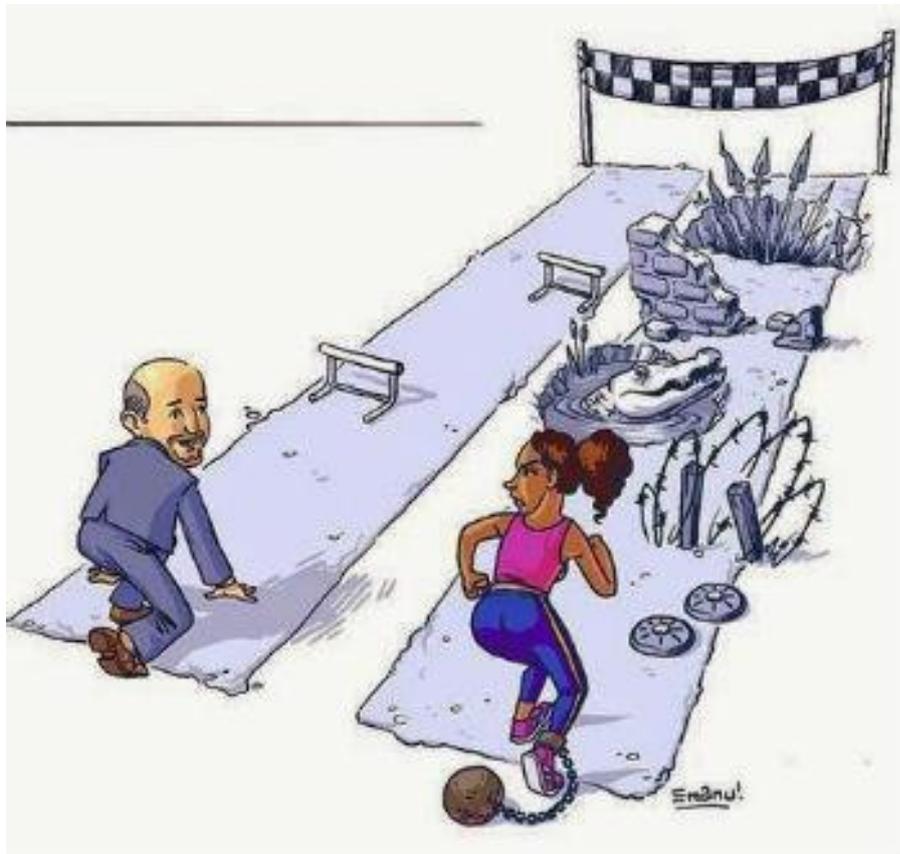
Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.10)

*“My me...
Que significa “Meu eu”, hoje acordei mais disposta,
com outros pensamentos, pensamentos bom,
positivo...
um pensamento de amadurecimento, mais atenta,
mais bem resolvida comigo mesma, ter os meus, ser
reconhecedora das minhas forças, mais certa de que
hoje, mais que nunca, estou no melhor lugar que eu
poderia estar, por seu Eu.”*

Talvez JHENIFFER esteja desejosa da produção de um CsO, pois despreocupa-se da padronização do seu corpo, o entende em devir, diferente dos outros, o que é algo muito potente!

Vamos às afetações do segundo momento da nossa reunião: Quando escolhi a imagem a seguir (FIGURA 3), eu me senti atravessada por essa mulher na pista de corrida, e revisei a minha memória, percorrendo as lembranças de quantos obstáculos enfrentei até aqui, durante a vida e principalmente na produção desse trabalho. Mas, não quero falar de personagens fictícios, pois somos pessoas cheias de particularidades e repletas de histórias únicas, por isso, propus as jovens que ao olhar a imagem, se colocassem no lugar daquela mulher. Mulher que muito nos representa, disputando com um homem branco, a mulher negra que por ser quem é já é inferiorizada ao seu ‘concorrente’, possui tantos obstáculos a sua frente. Colocamo-nos no lugar dessa mulher, e compartilhamos quais são os nossos obstáculos, individuais e coletivos, rumo ao objetivo planejado.

Figura 5: SERÁ QUE NO BRASIL TODOS TEM A MESMA OPORTUNIDADE?



FONTE: [HTTPS://WWW.TODAMATERIA.COM.BR/MERITOCRACIA/](https://www.todamateria.com.br/meritocracia/)

A dificuldade financeira foi o elo de todas as problemáticas que foram apontadas pelas participantes como obstáculos que as atrapalham a realizar seus desejos. Como definem Guattari e Rolnik (1996, p. 28): “Todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade”.

*“Bom dia, Diário!
Hoje acordei com o pensamento de focar em meus objetivos porque trabalhei o final de semana que passou, e fiquei pensativa eu não quero uma vida trabalhando para pessoas querendo me fazer de escrava isso é questão de tempo, no mundo de hoje não pode escolher trabalho, me contento com o que tenho, tomando tapa de criança, e tendo muita paciência para lidar com criança, e tendo muita paciência para lidar com criança, trabalhando final de semana, por isso tenho o maior esforço para estudar e ter um trabalho digno, não tendo muita humilhação e você não é reconhecida por eles...”*

Todas nós moramos em uma zona rural, em que a produção agrícola familiar não é mais suficiente para a subsistência, por isso, a maioria da população que aqui reside, vive uma rotina viajante de trabalho e estudo em Feira de Santana-BA, que fica à aproximadamente 20 km de Coração de Maria, município onde residimos.

ELISABETH MONSEHA: Acho que a questão financeira e a falta de... a dificuldade de transporte até chegar a esse objetivo. Por exemplo, se o objetivo da gente precisar ir pra Feira (Feira de Santana), o deslocamento da gente aqui, a estrada, eu coloco isso como uma dificuldade né, porque cansa a gente, a dificuldade de tá todo dia ali no ônibus né, indo pra feira, passagem cara, aí vem a questão financeira, você não tem dinheiro pra pagar uma faculdade, tem que tentar entrar numa pública, e isso dificulta tudo, porque vem os custos, não só do custo aqui, mas em Feira

BEATRIZ ARAUJO: No meu caso também é como Elisabeth fala, a questão financeira atrapalha bastante, é um grande obstáculo, porque por aqui a gente não consegue fazer nada assim, porque tudo que a gente quer pra ter uma oportunidade tem que ser em Feira (Feira de Santana), em outro lugar, tem os gastos com passagem, gasto do lugar que a pessoa quer, porque tudo hoje em dia é pago, se for um curso uma faculdade tudo tem que pagar, e vem muitos mais obstáculos ainda.

O percurso diário Retiro-Feira, Feira-Retiro tem sido muito cansativo e caro. Boa parte é estrada de chão, em péssimas condições estruturais. Vivi essa rotina viajante durante toda a minha graduação na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e durante os dois primeiros anos, não havia transporte Universitário fornecido pela prefeitura, então precisava de dois ônibus para chegar a UEFS, e voltava como meu pai, que ao sair do trabalho me buscava todos os dias de moto.

E também pra poder chegar até o objetivo, as vezes uma pessoa que os pais tem condição de ajudar chegar até aquele objetivo, é mais fácil. E a gente que não tem ninguém pra bancar, tem que tá lutando de um lado e estudando do outro, é bem mais difícil ainda (ELISABETH MONSEHA).

Foram dias muito difíceis, mesmo com o apoio financeiro e emocional da minha família, precisei trabalhar para me manter 'mais confortável' na universidade, pois a minha família me ajudava, mas o orçamento ficava 'apertado'. E dessa forma, consegui me manter durante toda a graduação sem me preocupar muito se teria dinheiro, porém foi muito custoso. Trabalhava de segunda a sexta, todas as manhãs aqui no Retiro, até as 11h20min, e as 11h30min 'pegava' o ônibus para Feira, muitas vezes nem conseguia almoçar, almoçar sentada então, impossível! Após a Prefeitura daqui do Município disponibilizar um transporte para nós, estudantes, melhorou significativamente. Com a implementação do transporte universitário, os estudantes que já haviam ingressado em cursos técnicos e de nível superior tiveram redução de custos para continuarem na universidade/faculdade, e muitas pessoas que ainda não estudavam por não ter condições de arcar com as despesas de transporte ou moradia em Feira de Santana, puderam realizar o sonho de ingressar e permanecer nos cursos desejados.

Ai tipo assim, muitas das vezes pra outra pessoa aquilo dali não é nada mas pra gente que sabe da nossa dificuldade, aquilo pesa tanto. é isso. Porque a oportunidade que a maioria das pessoas daqui encontra é em Feira, mas o transporte não ajuda. Você tem que se deslocar e alugar uma casa em Feira e o custo fica maior ainda, ainda a estrada não ajuda. Segunda-feira eu fui pra Feira, quando tava dentro do ônibus falei: "meu Deus do céu que humilhação", dá um desgosto, véi,

aqueles estradas, mas tem que aturar né? Pra chegar no objetivo!
(ELISABETH MOSEHA).

Por isso é tão importante que haja políticas públicas efetivas de ingresso e permanência no ensino superior, pois após a aprovação no processo seletivo, é uma prova por dia para conseguir permanecer na universidade. Para nós, que somos moradoras da zona rural, temos o preconceito, o medo, a geografia, o financeiro, e tantos outros empecilhos que nos desafiam todos os dias.

Somos a primeira geração das nossas famílias a ingressarem em curso superior. Somos filhas de pais, mães, avós, avôs, familiares que viviam do que a “terra dava”, mas foram obrigados a aprender novos ofícios que gerasse renda, pois a agricultura familiar não é uma profissão tão rentável para os pequenos produtores daqui do distrito. Por isso, há uma preocupação constante das famílias para que a geração atual consiga estudar, pois aqui, não há oportunidades. Por isso, muitos jovens têm saído para outras cidades e estados, em busca de oportunidade de trabalho, pois, para estudar, é preciso que a família forneça um aporte financeiro, mas poucas famílias podem o fazer.

E aqui, ressalto mais uma vez a importância das políticas públicas de permanência estudantil. É urgente desmistificar esse conceito que quem estuda não faz nada. Enquanto mulher moradora de uma zona rural, ser beneficiada com a bolsa da CAPES desde o início do mestrado, garantiu que eu pudesse passar esses dois anos, me dedicando a este trabalho sem me preocupar em conciliar com um emprego. Enquanto mulher mãe, descobri (pois não é uma informação disseminada na academia) que teria direito a uma licença maternidade remunerada sem prejuízo na bolsa, durante quatro meses.

Ao descobrir que me tornaria mãe, iniciei as buscas sobre os meus direitos junto ao Programa de Pós-graduação, e percebi que não possuíam essa informação. Então, acessando o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), encontrei a Portaria Nº 248, DE 19 de Dezembro de 2011, em seu artigo primeiro:

Os prazos regulamentares máximos de vigência das bolsas de estudo no país e no exterior, iguais ou superiores a 24 (vinte e quatro meses), destinadas à titulação de mestres e doutores, poderão ser prorrogados por até 4 (quatro) meses, se comprovado o afastamento temporário

das atividades da bolsista, provocado pela ocorrência de parto durante o período de vigência da respectiva bolsa (BRASIL, 2011, p.21).

Essa portaria possibilita que as mulheres que se tornam mães durante a pesquisa financiada pela bolsa CAPES, não percam esse subsídio financeiro fundamental para sua permanência nos programas de mestrado e doutorado, além de garantir o direito a licença remunerada.

Percebi uma constante preocupação na fala das jovens em relação as condições sociais que elas vivem e como isso pode afetar a realizar seus sonhos. O relato sobre a educação escolar que elas têm acesso leva a uma importante reflexão sobre o quão profunda é a lacuna que há entre a educação pública e a educação privada.

Exatamente, e a gente vê assim também sobre o ensino da escola pública e particular em relação ao ENEM, porque uma pessoa que é de classe baixa, tem que fazer o enem pra conseguir alguma coisa na vida, porém essas alterações aí que tão fazendo tá dificultando mais ainda pra pessoa de escola pública e facilitando mais ainda pra da escola particular, minha opinião. [...] Ainda mais com o aumento das coisas né, estamos vendo aí o preço do bujão, quem diria que uma lata de óleo ia tá de R\$13,00, as coisas só estão piorando cada dia mais e a gente só vê que a balança, o rico tá lá em cima e nós que somos pobres estamos lá em baixo e cada dia tá mais difícil da gente conseguir nossos objetivos. (CRISTINA YANG).

Com a chegada da pandemia, a diferença de oportunidades de aprendizado e de mobilidade social por meio da educação, foi mais acentuada entre jovens da classe baixa e classe média. Aqui no distrito, e acredito que essa seja a realidade de boa parte das escolas públicas do país, o nível de aprendizagem durante o período de isolamento social, caiu demasiadamente. Devido a situação econômica das famílias, os estudantes não possuíam condições adequadas para que seus filhos e filhas pudessem ter qualidade para estudar naquela situação. Casas com poucos cômodos, sem pessoas capacitadas para ajudar na realização das atividades, um aparelho para mais de uma pessoa, além da demora para o início das aulas online e a dificuldade de se adequar a esse formato de dar e assistir aulas online. Com o retorno das aulas presenciais, houve uma maior preocupação com a recuperação do ano letivo no

sistema, mas e como fica aquele ano letivo cursado levemente? Como tudo isso afeta o processo de oportunidades educacionais na vida desses jovens?

As escolas da zona rural já sofrem com o descaso de políticas públicas que garantam um ensino de qualidade e que valorizem a inserção social rural. E durante a pandemia, foi mais acentuado. Além disso, com a pandemia, com aumento do desemprego, muitas pessoas não puderam manter a internet em casa, visto que a inflação tem assolado a classe trabalhadora.

Todos esses fatores tem comprometido a trajetória dessas jovens mulheres que buscam a mobilidade social por meio da educação. A independência financeira é uma situação em que elas desejam se encontrar nos próximos anos, e por isso, acreditam que a educação seja o melhor caminho. Mas não é o mais fácil. E em alguns casos, não encontram apoio em seu círculo de afeto, principalmente na família. Talvez pelo medo da frustração ou a preocupação em não poder ajudar ou dar o subsídio financeiro necessário, optam por desencorajar do percurso.

ELISABETH MONSEHA: Sem contar nos obstáculos que não são físicos, muitas vezes são pessoas querendo diminuir a gente e colocar pra baixo dizendo que a gente não vai conseguir, é um dos obstáculos também

JENIFFER SANTOS: A pior coisa que tem é o ser humano, não é nem vários que as meninas falou aí, mas o pior é o ser humano. Adriane? Aí ninguém sabe o que a pessoa tá passando e chega: "tá cansada de que?", aiai.

Aqui e em tantas outras zonas rurais, não há investimento em oportunidades para que os jovens permaneçam em sua terra natal, obrigando-os a buscar estabilidade financeira na cidade, em outros estados. O êxodo rural é uma característica marcante daqui, visto todas essas dificuldades apontadas acima, a melhor alternativa para boa parte dos jovens acima de 18 anos é migrar para o Sul do País, em busca de um trabalho formal com poucas exigências para contratação.

Tanta gente que não acha oportunidade nem em Feira e tem que ir pra Santa Catarina. Acho que é o maior obstáculo mesmo da classe baixa é a questão financeira, pq pra se alimentar bem precisa de dinheiro, você não vai roubar comida, tem que comprar, pra vestir uma roupa

precisa de dinheiro, tudo envolve dinheiro, então acho que a questão financeira é o maior obstáculo que tem. (ELISABETH MONSEHA).

Para as mulheres rurais ainda é mais difícil. Desde cedo o cuidado com as atividades domésticas já é de sua responsabilidade, assim como o cuidado de irmãos mais novos. Ainda é bastante comum a divisão do trabalho doméstico baseada no machismo, ainda ambos trabalhem fora, o cuidado da casa e dos filhos ainda é da mulher. Em uma jornada tripla de trabalho. Além disso, não há creche municipal (e particular) para as mães que desejam continuar em seus empregos após o nascimento do bebê, condicionando a obrigatoriedade de pedir demissão. Ainda vivemos sob influência do cenário educacional do século XX pois,

Seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de algum modo universais dentro daquela sociedade. Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens (LOURO, 2004 p. 444)

Durante a infância e parte da adolescência, trabalhei na roça com meu pai e minha mãe, nos períodos de plantio, capina e colheita de feijão, milho e mandioca. Era um costume da comunidade reunirmo-nos para raspar mandioca em esquema de mutirão, de crianças a idosos, até que todos tivessem com sua carroça de mandioca 'raspada'. Para fazer a farinha (processo de enxugar a massa e torrar), os homens e algumas poucas mulheres se encarregavam do processo. Lembro-me que quando bem pequena, dormimos (meu pai, minha mãe e eu) em uma casa de farinha, pois o processo de torra era iniciado na madrugada, pois logo cedo já teria outra massa de mandioca para torrar.

Com o tempo, a farinha foi ficando barata, perdendo espaço no mercado, assim como o feijão, e nesse momento (há uns 10 anos) o empenho em manter o cultivo dessas sementes foi diminuindo. Meu avô, transformou boa parte de suas 'roças' em pastagem para o gado, e meu pai e minha mãe, diminuíram o investimento de tempo e dinheiro com a lavoura. Meu pai, que já estava há muitos anos trabalhando em Feira de Santana, como Pedreiro, passou a "plantar

de meia¹⁵". Antes de minha mãe se tornar funcionária pública aqui do município (em 2008), ela cuidava da roça, da casa e das filhas enquanto meu pai trabalhava na empresa. Neste período, eu já ajudava. Aqui, era costume nessa época, que as crianças desde cedo ajudassem, da forma que aguentassem. Eu plantava feijão e milho, e ajudava a manter a casa em ordem. Com aproximadamente 10 anos de idade, ajudava a cuidar da minha irmã também, além de todas as outras tarefas que já fazia. Minha mãe e meu pai foram criados assim, e assim o ciclo se repetiu. Desde cedo, aprendi a ter muitas responsabilidades, algumas que não eram minhas. Mas todo esse processo compõe o meu Devir mulher e serve como um repertório para minha experimentação da vida.

Observando a realidade feminina rural e as relações de gênero existentes e o depoimento das jovens e a minha história de vida, os principais fatores que tem impulsionado essa saída do campo rumo à cidade, são: estabilidade financeira, emprego e aumento no grau de escolaridade. Mas, eu ainda resisto a essa saída, aqui é meu lugar, de onde as minhas raízes se nutrem. Ainda sob o domínio do patriarcado, o trabalho desenvolvido na família pela mulher, é menosprezado, seja na agricultura ou no cuidado da casa e da família, há pouco reconhecimento financeiro e social.

Diversos estudos que examinaram a divisão do trabalho por sexo na agricultura permitem concluir que as mulheres (e, de um modo geral, também as crianças e os jovens) ocupam uma posição subordinada e seu trabalho geralmente aparece como 'ajuda', mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles (BRUMER, 2004, p.210).

A globalização tem despertado cada vez mais nas jovens moradoras da zona rural deste distrito o desejo de assumir o protagonismo em suas vidas. Há algumas décadas, havia pouca ou nenhuma expectativa de crescimento pessoal e profissional para as mulheres daqui, além de um casamento. Com a aproximação do urbano ao rural, criação de políticas públicas, acesso a

¹⁵ Plantar de meia: quando dá a terra para que outra pessoa cultive e no fim do processo, dividem o lucro na metade.

conclusão do ensino médio, as possibilidades para construção de uma história diferente de nossas mães e avós aumentaram cada vez mais.

Esse ritmo frenético de mudanças na vida das noivinhas fica bem evidente. O cartógrafo testemunha o quanto elas estão se desterritorializando do lar, do ninho, da família. O primeiro sinal que ele nota é que as noivinhas estão mais na rua do que em casa (ROLNIK, 2011, p.88)

E há aproximadamente uma década, cursar nível superior se tornou uma realidade palpável para nós. No século passado, as mulheres e homens só estudavam até o do início de plantio e cultivo das lavouras. A maioria estudava só os anos iniciais do ensino fundamental I, isto é, até ter capacidade corporal para desenvolver trabalhos manuais na lavoura. As meninas só estudavam se tivessem irmãos que as acompanhasse na escola, e em famílias numerosas, para apenas um filho era concedido o direito de ir à escola e concluir o ensino médio.

(...) as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas (LOURO, 2004, p. 445).

O acesso à educação básica para todas as pessoas moradoras desta zona rural, com mais condições de permanência (merenda e transporte escolar) possibilitou oportunidades de melhores empregos (mesmo que seja em cidades vizinhas), familiarização em áreas profissionais antes desconhecidas, acesso a cursos técnicos e de nível superior. Com o pouco investimento na agricultura familiar, as famílias precisaram se reinventar e incentivar os mais jovens a seguir outros caminhos possíveis para sustento das famílias, seja por meio da educação, de empregos formais em outras áreas ou migração.

Atualmente, as jovens se preocupam desde cedo em dispor de capital próprio, pois isso é sinônimo de autonomia e implica diretamente em sua autoestima. Durante toda a conversa, todas elas listaram que o maior empecilho no trajeto de suas caminhadas rumo a seus objetivos seria a dificuldade financeira, e sanando esse problema, boa parte dos demais estaria resolvido. Pois, a demanda financeira para elas estudarem está além do que ela e seus

familiares podem financiar, e isso as preocupava, pois, até para encontrar um emprego elas precisariam de qualificação.

Essa foi a reunião mais longa que tivemos, e mesmo assim, o tempo que destinamos para ela não fora suficiente para acolher as necessidades de tantos desejos de SER, por isso CRISTINA YANG pediu que no próximo encontro seguissemos as pistas que

3.2 Desejos: há espaço para eles?

No encontro anterior, Cristina Yang sugeriu que neste continuássemos falando sobre as dificuldades em ser uma jovem mulher moradora da zona rural, e assim o fizemos. Porém, este encontro não atendeu as expectativas de nenhuma de nós. Foi uma noite difícil, estávamos todas cansadas e com problemas que não caberiam numa tela. Ficamos todas dispersas. Elas estavam reclamando muito da merenda escolar, de baixa qualidade, e tantos outros assuntos que aconteceram na escola naquela semana. Eu estava com um bebê inquieto, demandando atenção. Dentre tantos devaneios, expuseram uma inquietação sobre a negligência com os cuidados de higiene das mulheres na escola que elas estudam.

BEATRIZ ARAUJO: Como é que não tem papel higiênico em um banheiro feminino? Era pra ter um espelho pelo menos.

ADRIANE: E absorventes?

ELISABETH MONSEHA: Não. Eu tava até pensando em dar essa ideia pra diretora, já que eu sou líder, pra ver se eles aceitam a ideia" [...] Teve um dia que eu entrei no banheiro, que não tinha papel higiênico, aí tinha alguém que tava menstruada e se limpou com folha de papel e máscara. Eu falei: "não acredito que eu tô vendo isso aqui".

Não podemos ignorar o fato que durante o período menstrual a mulher necessita de cuidados específicos com a higiene íntima, o que requer a disponibilidade de pelo menos um banheiro com água própria para uso e absorventes descartáveis. Na escola, é necessário que também haja os meios adequados para que as estudantes consigam cuidar adequadamente da higiene,

mantendo a intimidade preservada e com segurança para continuarem participando da rotina escolar. Quando a escola não dispõe dos itens básicos de higiene, ou os mantém de forma 'secreta', priva o direito de bem-estar de suas discentes.

A menstruação, é um processo fisiológico natural no ciclo de vida da mulher, carregando o estigma da vergonha. Atualmente ainda é considerada como um tabu. Há silêncio social em torno da menstruação, assunto restrito a intimidade familiar, não havendo preocupação do Estado muito menos ser tratada como uma questão de saúde pública. Historicamente, tudo vem sendo planejado e construído para atender as necessidades do homem, do masculino, e talvez, esse seja o motivo pelo qual a menstruação e quem menstrua, sejam negligenciadas.

ADRIANE: Mas vocês já procuraram saber se a escola dispõe de absorvente em algum lugar?

BEATRIZ ARAUJO: Não sei, nunca procurei saber.

CRISTINA YANG: Tem. Na sala de rádio, tem as caixas lá, a professora fala que se precisar é pra pedir na sala dos professores, falaram que não coloca lá porque o povo destrói tudo.

Essa é mais uma forma de reprimir a sexualidade, de colocar o desejo e a necessidade da mulher sob amarras que estão sob o poder masculino. Poder que repudia a experiência do menstruar, que silencia os gemidos de cólica, e deprecia as alterações de humor em decorrência de um processo natural feminino. Ao tempo que sente nojo do sangue que aparece na roupa, não se preocupa em garantir que ele não apareça.

O poder está em toda parte; não porque engloba tudo e sim porque provém de todos os lugares. E "o" poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 1988, p. 89).

A escola, enquanto detentora de poder, deveria utilizar desta prerrogativa para proporcionar um ambiente acolhedor e construtor de novas perspectivas, ao invés de repetir padrões sexistas. Proporcionar as estudantes a possibilidade de estar menstruada e ir à escola, sem invalidar os desconfortos decorrentes do período menstrual.

ADRIANE: *Além desses problemas estruturais, tem mais algum problema, como algum tipo de preconceito?*

BEATRIZ ARAÚJO: *Eu acho que não.*

ELISABETH MONSEHA: *Nunca vi.*

JHENIFFER SANTOS: *Eu já sofri, principalmente na escola. Até que agora não, mas quando eu era mais nova, sofria. Lembro que era bullying de verdade, só que no tempo agente não conhecia igual agora. Cor de pele, tipo do cabelo, essas coisas assim. Eu ficava triste né, sabia que era preconceito, em casa todo mundo conversa sobre, até que mainha foi na secretaria falar, e resolveu bastante com a pessoa que fazia o bullying, e resolveu bastante, com a pessoa que fazia, mas a escola não apoiou e os primeiros a fazer bullying eram os primeiros a fazer, pois os funcionários eram preconceituosos (antiga escola). Hoje acho que não sofro mais.*

Nos relatos das participantes, vemos o quanto a escola ainda serve como um palco para apresentações das diferentes formas de preconceito, e como essas experiências marcam a vida e influenciam na construção da subjetividade, visto que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que estes trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 44).

JHENIFFER relatou que em outra escola, sofreu “*bullying de verdade*”, mas pela descrição do acontecimento, não devemos tratar sob essa nomenclatura.

Bullying é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para designar comportamentos agressivos e antissociais. Compreende todas as formas de atitudes agressivas, realizadas de forma voluntária e repetitiva, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro/s, causando dor e angústia e realizada dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima (PEREIRA, 2019, p.9)

O que JHENIFFER conta é a história de inúmeras crianças e adolescentes deste país, que são vítimas de ações preconceituosas no ambiente escola e fora dele e tem suas dores subestimadas. É na escola que mantemos o contato duradouro com a diversidade, mas isso não implica na construção de relações de respeito as individualidades. Há pouco ou nenhum compromisso do Estado em construir políticas efetivas para a construção de um ambiente respeitoso a todas as individualidades coletivas, pelo contrário, transformam essas pluralidades (mulheres, pretos e pretas, LGBTQI+, indígenas, pessoas com deficiência, pobres, quilombolas) em minorias.

Não se preocupam com as pluralidades, pois ao invés de criarem uma educação escolar preocupada com a formação social de seus discentes, preocupam-se apenas em aprovações em vestibulares e em formar profissionais para o futuro. O debate sobre as desigualdades não encontra espaço, pois as suas vítimas não são interessantes, são apenas engrenagens dessa enorme fábrica de relações de poder.

Portanto, não se educa "para alguma coisa", educa-se porque a educação é um direito e, como tal, deve ser garantido de forma igualitária, equânime e justa. O objetivo da educação e das suas políticas não é formar gerações para o mercado, para o vestibular ou, tampouco, atingir os índices internacionais de alfabetização e matematização. O foco central são os sujeitos sociais, entendidos como cidadãos e sujeitos de direitos. Essa interpretação tem sido adensada do ponto de vista político e epistemológico pelos movimentos sociais ao enfatizarem que os sujeitos de direitos são também diversos em raça, etnia, credo, gênero, orientação sexual e idade, entre outros. Enfatizam, também, que essa diversidade tem sido tratada de forma desigual e discriminatória ao longo dos séculos e ainda não foi devidamente equacionada pelas políticas de Estado, pelas escolas e seus currículos (GOMES, 2012, p.688)

A escola, enquanto instituição de ensino é um reflexo da sociedade, tem sido relapsa em relação as práticas de racismos que ocorrem sob camuflagem na sala de aula, no pátio, nas relações aluno - aluno e aluno – funcionário. A raça, assim como a orientação sexual e classe social, tem motivado atrocidades na história da humanidade.

Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, e terá sido a causa

de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas (MBEMBE, 2014, p11)

A diferença é uma característica intrínseca a existência dos seres, e não deve servir como suporte para o estabelecimento de relações de superioridades e inferioridade, assim como aconteceu no período da escravidão, em que além de escravizarem homens e mulheres negros, impuseram as suas crenças como cultura predominante.

A questão é: O que queremos dizer com a palavra diferença? Por que ela está tão naturalizada? E o que devemos fazer com a diferença? A premissa aqui é de que a diferença tem que ser reconhecida, aceita e ao mesmo tempo transcendida. Pois a suposição – não apenas no mundo em que vivemos hoje, mas também em períodos anteriores da história humana – é de que a diferença é um problema com o qual se precisa lidar. Então o primeiro movimento que poderíamos desejar fazer é questionar tal suposição. Por que é que achamos que a diferença é um problema? Por que ela não é simplesmente um fato da realidade? A diferença é um problema apenas se acreditarmos que a uniformidade é o estado normal das coisas. A diferença se tornou um problema político e cultural no momento em que o contato violento entre povos, por meio da conquista, do colonialismo e do racismo, levou alguns a acreditarem que eram melhores que outros. No momento em que começamos a fazer classificações, institucionalizar hierarquias em nome da diferença, como se as diferenças fossem naturais e não construídas, acreditando que são imutáveis e portanto legítimas, aí sim estamos em apuros (MBEMBE, 2016, p.1).

A discussão sobre a desigualdade racial deve sair das páginas dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas e partir para uma reflexão aprofundada com aporte teórico e preocupação coletiva com os conflitos causados pela dualidade das raças, e como os efeitos do período da escravidão ainda influenciam no comportamento e nas relações sociais.

Além dessas problemáticas que envolvem a desigualdade racial, CRISTINA YANG relatou em seu diário um fato que aconteceu na escola que a deixou “*incomodada*”.

“Gravidez na adolescência

Hoje no colégio teve uma palestra e uma certa professora pegou o microfone e disse que o que ela achava mais feio era uma jovem grávida. Eu fiquei muito incomodada com o que ela disse, e fiquei pensando “se tiver alguma menina grávida aqui” ela iria se sentir horrível e muito desconfortável com a situação. Acho que ela como professora deveria chamar as alunas e falar como se prevenir para evitar a gravidez, ao invés de julgar e humilhar.”

“O que ela achava mais feio era uma jovem grávida”. Vejamos como há uma insistência em vigiar e punir os corpos femininos, e como a discussão sobre diferença, que tratamos em outros momentos do texto é gritante aqui. Em outro momento, ELISABETH MONSEHA, relata em seu diário como a adolescência é uma fase difícil, devido a questões com o corpo e com padrões corporais estabelecidos na sociedade. A fala da professora que incomodou CRISTINA YANG reforça e perpetua o padrão que criaram para a adolescência, e ignora a diferença como sendo um elemento real e inalienável.

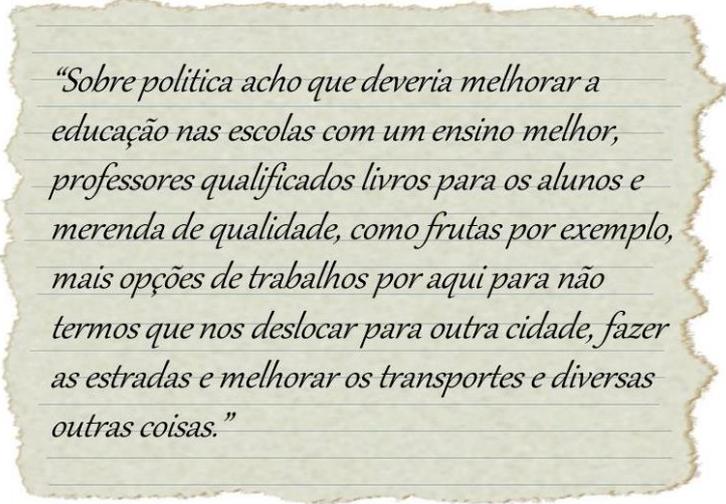
Torna-se necessário reivindicar o uso mais dinâmico do conceito de cultura juvenil, explorando inclusive seu sentido antropológico, apelando para modos de práticas cotidianas e modos de vida específicos, os quais expressam determinados significados e valores para além do nível institucional, mas pautados na própria história construída cotidianamente pelos sujeitos sociais (REBOUÇAS, 2017, p.50).

Ao definir que uma jovem grávida é feia, subjetivamente ela cria a ideia de que existe uma fase ideal da vida para engravidar, negando as individualidades e partindo de uma premissa essencialmente biológica. O processo de gestar atravessa outras dimensões além da pura biologia humana.

Além disso, o corpo ao qual a professora atribui a feiura, é apenas o feminino. E o jovem pai? Quais as afetações que a professora sente? Talvez nunca saibamos. Mas o fato de negligenciar a figura masculina no processo da gestação, principalmente nessa fase da vida, reforça mais um padrão, em que a mulher deve assumir a responsabilidade, o homem apenas escolhe se sim ou não.

Nesse percurso, a escola ainda não é um espaço que investigue e se preocupe em conhecer os desejos de seus discentes, ainda se constitui num espaço que continua a repetir ciclos que enclausuram ideias. Mas não se enclausuram desejos, por isso, no tópico a seguir, apresento a vocês que esses desejos estão materializados nessa cartografia e podem, um dia quem sabe, serem determinantes para a população do país!

3.3 Desejos de fazer



“Sobre política acho que deveria melhorar a educação nas escolas com um ensino melhor, professores qualificados livros para os alunos e merenda de qualidade, como frutas por exemplo, mais opções de trabalhos por aqui para não termos que nos deslocar para outra cidade, fazer as estradas e melhorar os transportes e diversas outras coisas.”

Durante os nossos encontros *on line*, percebi o quão desejosas elas estavam, sempre comentavam sobre as dificuldades que permeiam a vida delas, e como essas dificuldades poderiam ser amenizadas se houvessem mais oportunidades e preocupação do poder público com a classe trabalhadora. O último encontro aconteceu na mesma semana que o protagonismo juvenil nas eleições estava em alta, se tratando da inscrição para a solicitação da criação do Título Eleitoral. Aproveitando o momento em que estávamos vivendo, e as

constantes críticas que as participantes faziam sobre a ausência de políticas públicas efetivas para quem morava na zona rural, conduziram o encontro propondo que elas apresentassem possíveis soluções para os problemas que elas haviam apresentado nas reuniões anteriores.

ADRIANE: Como vocês acham que está à representatividade na política? É igualitária? Nossos representantes políticos estão em quantidade igual em relação ao gênero, homem mulher?

TODAS: mais homens.

ADRIANE: e vocês acham que isso interfere de qual maneira na sociedade?

ELISABETH MONSEHA: Eu acho que interfere, porque tipo assim, as mulheres sabem as necessidades das outras, aí elas poderiam chegar com um projeto de lei que poderia mudar a vida da gente em alguma coisa, já os homens não pensa dessa maneira, muitos que estão lá vê a mulher como diminuída, que não tem muito valor na sociedade, aí não fazem muitas leis pra prevalecer o direito da mulher. Se tivesse uma mulher à frente da bancada, ela teria uma visão mais aguçada, para as necessidades das mulheres, igual a lei do absorvente que foi aquela confusão toda, se fosse uma mulher a frente seria mais fácil de ter aceitado logo assim.

A representatividade feminina na política ainda é um obstáculo a ser vencido, as mulheres ainda são excluídas da vida pública. Mesmo representando maior parte da população do país e de eleitores, a porcentagem na ocupação de cargos políticos é desigual. Em 2018, “dados estatísticos da Justiça Eleitoral mostram que 52% do eleitorado brasileiro é formado por mulheres, somando 77.076.395 até fevereiro deste ano” (BRASIL, 2018, p.1). Porém, “a Câmara dos Deputados possui apenas 15% de mulheres; e o Senado Federal, 12%. Em âmbito municipal, 900 municípios não tiveram sequer uma vereadora eleita nas eleições de 2020” (BRASIL, 2021, p. 1).

A presença das mulheres na política, ainda que com pouca representatividade, se constitui em um processo histórico de lutas. Não foi um lugar concedido, mas conquistado. “A primeira constituição brasileira a garantir o direito das mulheres ao voto foi a de 1934”, “o voto feminino já era previsto no Código Eleitoral de 1932, mas foi a Assembleia constituinte de 1933 que assegurou esse direito na lei máxima do país” (BRASIL, 2021, p. 1-2). Porém,

“O alistamento e o voto só passaram a ser obrigatórios definitivamente na Constituição de 1946” (AGÊNCIA SENADO, 2016, p.1.).

Bertha Lutz, bióloga e líder feminista (segunda mulher a chegar ao parlamento, após Carlota Pereira de Queiroz, a primeira mulher brasileira a votar e ser votada), descreveu em seu discurso em 1936, a situação da mulher na política brasileira que permanece até a atualidade.

A mulher é metade da população, a metade menos favorecida. Seu labor no lar é incessante e anônimo; seu trabalho profissional é pobremente remunerado, e as mais das vezes o seu talento é frustrado, quanto às oportunidades de desenvolvimento e expansão. É justo, pois, que nomes femininos sejam incluídos nas cédulas dos partidos e sejam sufragados pelo voto popular (AGÊNCIA SENADO, 2016, p. 1-2).

Dilma Roussef é a primeira e única mulher a fazer história nesse país, ocupando a presidência da República, e o “seu governo foi o que registrou o maior número de mulheres como ministras de Estado” (BRASIL, 2021, p.15).

É de suma importância que as minorias, sobretudo, as mulheres, observem atentamente sobre a existência (ou não) de representantes políticos engajados com a luta histórica da mulher nos processos de tomadas de decisão. Garantindo que haja, por meio do voto consciente, pessoas que possam assegurar lutas e conquistas de direitos que atendam as necessidades do grupo e suas especificidades. Pensando nisso, propus que as participantes pensassem sobre a possibilidade que “*Se as eleições fossem amanhã, o que um candidato ou uma candidata precisaria ter em seu plano de governo para receberem o seu voto?*” (ADRIANE).

Ai gente, eu nunca votei, e nunca parei muito assim pra observar mas, eu gosto quando a pessoa não promete muita coisa. Muitas mulheres por verem que não tem a voz alta, muitas nem chegam a se candidatar. É minoria o que a gente acha de candidata mulher. (ELISABETH MONSEHA)

O legado do patriarcado institui barreiras concretas e abstratas para a inserção da mulher na política. “*Muitas mulheres por verem que não tem a voz alta, muitas nem chegam a se candidatar*”. A pouca representatividade oprimi até as mulheres que conseguem ocupar espaços políticos, por falta de apoio aos ideais femininos do coletivo, são silenciadas e obrigadas a mudarem o foco. Além disso, essa tão pouca representatividade feminina é reflexo da escolha da população, que ainda vislumbra a capacidade de gerir, decidir e se expor publicamente, ao homem.

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social, e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p.27).

É um traço estrutural do patriarcado e da divisão sexual do trabalho, que desencoraja as mulheres a seguirem os caminhos da política e de apoiar aquelas que assumiram os riscos desse percurso.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

Não é suficiente eleger apenas mulheres, é preciso eleger homens e mulheres que estejam preocupados com a valorização humana de toda a nação, e dos seus grupos historicamente marginalizados. Por isso

ADRIANE: Se vocês estivessem ocupando algum cargo de representatividade política, vereadora, por exemplo, qual projeto faria para ajudar a criar mais oportunidades para as mulheres moradoras do Retiro?

ELISABETH MONSEHA: Levaria um projeto que abria uma fábrica que o projeto seja direcionado, principalmente as mulheres, por

exemplo, uma fábrica de tecidos onde só trabalhasse a maioria mulheres, para terem um salário digno, para ter a independência financeira, e ensinar elas a se empoderarem.

ADRIANE: E pq uma fábrica de tecidos?”

ELISABETH MONSEHA: eu acho que é porque uma área que a maioria que a gente vê são mulheres.

ADRIANE: e porque tu acha que a maioria são mulheres e não homens?

ELISABETH MONSEHA: acho que o preconceito, machismo do homem não querer costurar.

ADRIANE: e quando você fala que vai ser uma fábrica de tecidos, especificamente, você também não está sendo machista? Você não acha que dessa forma estaria repetindo um padrão de exclusão da mulher nas carreiras profissionais, visto que ela estaria em uma redoma, segregada e restrita ao convívio exclusivo com outras mulheres?

ELISABETH MONSEHA: tô, rs. Eu ia falar isso, eu acho que é até uma questão, que pode parecer machismo, e é. Mas não foi intencionalmente.

ADRIANE: Eu sei, é algo estrutural. A gente tá aprendendo a não ser mais machista, racista, homofóbicos... enfim. fomos ensinadas para sermos tudo isso, mesmo que de forma ‘inconsciente’, mas a sociedade é estruturalmente assim. Você falou sobre ensinar as mulheres a se empoderarem. De que forma?

ELISABETH MONSEHA: Eu acho que é porque uma área que a maioria que a gente vê são mulheres.

O trabalho de tecer e na costura já eram exercícios domésticos atribuídos à mulher antes mesmo do surgimento das fábricas e suas maquinarias. O serviço privado, assim como tudo que estivesse ligado a atividades que envolvesse cuidado, era de sua responsabilidade. Mas, com a implantação das indústrias têxtil, a mão de obra feminina foi preferível por muito tempo, pois as habilidades que as mulheres já possuíam seriam favoráveis para a produção e rendimento financeiro, pois além de ser uma mão de obra capaz, era barata, seus salários estavam aquém ao dos homens.

No entanto em virtude do aparecimento das fábricas de tecidos, o trabalho dessas mulheres sofreu grande impacto, a produção artesanal de tecidos foi substituída pelos produtos industrializados, desta forma, muitas mulheres foram obrigadas a inserirem-se como operárias nas fábricas. Esse processo ocorreu em consequência das dificuldades destas mulheres em encontrar outra forma de prover o sustento da

família além da fragilidade e do desamparo social ao qual elas estavam sujeitas. Salieta-se, portanto, que as diferenças de classe foram determinantes para a transformação da mulher em operária (ROSA, 2018, p.43).

“Acho que o preconceito, machismo do homem não querer costurar.” (ELISABETH MONSEHA); A mulher passou a ocupar espaço nas linhas de produção quando “a máquina cada vez mais potente, exigia muito mais destreza no seu manuseio do que propriamente a força física (...) transformando a mulher em força de trabalho, fazendo dela uma operária” (ROSA, 2018).

Deste modo, a força de trabalho passa a ser regulada como qualquer mercadoria, com a substituição do trabalho masculino pelo feminino e a substituição do trabalho dos adultos pelo trabalho infantil aumenta-se o número de operárias/os, possibilitando assim a redução salarial e a precarização das condições de trabalho de todos/as (ROSA, 2018, p.40-41).

Após um tempo de longo silêncio, em que as participantes disseram estar pensando no que deveriam propor, ELISABETH, mais uma vez, marcou o ritmo da conversa.

ELISABETH MONSEHA: CRISTINA YANG ia criar um instituto pra ensinar as mulheres a se auto maquiar, ensinar a maquiar.

CRISTINA YANG: É mesmo, com workshops grátis.

BEATRIZ ARAUJO: ia empoderar a gente, a gente ia se sentir uma mulher empoderada, uma mulher bonita”.

BEATRIZ ARAUJO: eu faria um projeto de cursos gratuitos. Muitas mulheres aqui no município não faz cursos porque não tem dinheiro para ir pra outra cidade, então tem que ter mais oportunidade pra gente daqui.

FLÁVIA SANTANA: Uma associação para vender produtos artesanais produzidos pelos moradores da comunidade. A maioria das pessoas não trabalha não é porque não quer é porque não acha. Hoje exige experiência, cursos, faculdade, e nem todo mundo tem dinheiro pra fazer.

É interessante como elas pensaram em projetos que estão ligados a áreas de interesse pessoal, e até mesmo áreas que elas já trabalham, investindo em seus projetos pessoais, potencializando seu desejo. Necessidades que existem em nossa comunidade rural. A reclamação constante em relação ao cuidado com

a beleza é reflexo de uma necessidade pessoal e coletiva, visto que há uma baixa oferta desses serviços por aqui, por isso,

ADRIANE: se comparar com as influencers do Instagram é uma barbaridade com nós mesmos, não tem se quer uma academia por aqui.

ELISABETH: sem falar que nem temos o dinheiro que elas têm para fazer tantos procedimentos estéticos.

CRISTINA: Sem falar dos filtros, né gente?

Perceber a nossa realidade, reconhecer os nossos processos, torna a caminhada mais prazerosa. Perceber o quanto a experimentação da diferença foi construída do primeiro encontro até o último é demasiadamente prazeroso. Juntas, conseguimos compreender alguns conflitos internos, que são coletivos, e demos o primeiro passo rumo ao desejo de viver bem com as diferenças. Tá, mas e o meu projeto?

Eu enviaria o projeto para criação de uma creche, para que as mulheres mães pudessem escolher se retornariam a trabalhar fora ou não, ao invés de terem que pedir demissão por não poderem pagar uma babá e o município não oferecer uma creche pública e de qualidade. (ADRIANE).

Antes de ser mãe, a questão sobre como a sociedade não se preocupa em criar espaços reais para que as mulheres mães ingressem e permaneçam no mercado de trabalho já me incomodava, agora mais ainda. Por isso, exprimi esse desejo, que também é uma demanda social.

No Brasil não existem instituições públicas para atender todas as crianças desde a tenra idade, nem educação em tempo integral para todas as faixas etárias. Há ainda menos serviços públicos que atendam a demanda de cuidados e atenção exigida pela população idosa e deficiente, o que penaliza as mulheres que decidem pela inserção no mercado de trabalho com jornadas remuneradas menores, empregos mal remunerados, e com excessiva carga de trabalho quando somado o trabalho reprodutivo ao trabalho produtivo (SOUSA; GUEDES, 2016, p.131).

Quero deixar claro que aqui não estou impondo que toda mulher que se torna mãe, deve trabalhar fora, mas que as mulheres que são mães possam escolher sobre isso. Que tenhamos políticas públicas que nos deem o direito de

fazer escolhas conscientes e responsáveis sobre a nossa vida, para que possamos viver os nossos desejos e experimentar os nossos devires com plenitude.

Seguimos as pistas que surgiam a cada encontro, e escrevemos essa história. Conversamos tanto sobre as nossas necessidades, sobre tantos desejos e quantas possibilidades temos ainda em nossa caminhada, por isso propus que neste momento desejássemos ter o poder de planejar projetos que suprissem as necessidades dos diversos devires que as mulheres experimentam ao longo da vida. Essa foi a nossa última reunião *online*, e nela refletimos o quão importante foi essa caminhada e o quanto contribuiu para a percepção da nossa experimentação da realidade.

CARTOGRAFAR É EXPERIMENTAR DESAFIOS

A sexualidade e suas diversas formas de reger a experiência da vida individual e coletiva faz parte dos meus pensamentos há algum tempo. Quando finalizei a primeira etapa desta cartografia, em 2018, pensei, dentre tantas pistas que surgiram, o quão importante seria pensar a zona rural a qual estamos inseridas, como um marcador importante para nossas vivências. Por isso, segui este rizoma, para conhecer as formas como são construídas as relações de gênero e sexualidade entre as jovens mulheres do Distrito rural de Retiro do Município de Coração de Maria, Bahia, e como essas relações influenciam em suas vivências e na construção e experimentação do desejo.

Foram muitos desafios desde a tomada da decisão, mas listarei apenas três: A Pandemia de COVID-19; Saúde Emocional; Maternidade.

A Pandemia: Quando me vi aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEFS, passou um filme em minha cabeça. Quando eu ingressei nessa mesma universidade para cursar Licenciatura em Biologia, eu nem sabia o que era Mestrado, nunca tinha ouvido falar nada sobre carreira acadêmica. Mulher da zona rural (filha de pai com Ensino Fundamental incompleto, e mãe que concluiu o Ensino Médio depois que já estava casada há quinze anos e com duas filhas, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)), encarei o desafio de estudar para o vestibular, sem ao menos saber onde era a UEFS. Minha mãe, minha maior influenciadora, de tanto sonhar que eu estudaria e que tivesse mais oportunidades do que ela, eu acabei desejando e conseguindo!

Ao encontrar-me com as pessoas que junto a mim, formariam a turma de Mestrado do PPGE-UEFS 2020, vi que assim como os meus, os olhos delas também brilhavam. Cada uma com sua história de vida, mas que naquele momento estavam na mesma sintonia. Imagina, uma semana após a nossa frustração. E uma palavra nova passa a ser o tema de todos os telejornais: lockdown (confinamento), e nosso sonho escorre pelas mãos. Estávamos à deriva. O que fazer? Após muita resistência, enfim entendemos que a única forma de continuarmos, seria por detrás de uma tela. Com isso, toda ideia inicial, de convidar pessoas novas para cartografar conosco precisou ser repensada.

Assim como a substituição das reuniões presenciais pelo *Google Meet* e o diário de bordo. Mas antes de fazer essas alterações, havia desistido dessa proposta, e construído outro projeto, com uma nova perspectiva, mas vi que o ideal seria retomar a ideia inicial.

Saúde Emocional: Antes da pandemia, com a vida bem corrida, eu não dava o tempo que as minhas emoções precisavam para aparecer, e as escondia 'sob o tapete'. Vez ou outra, o tapete ficava muito empoeirado, e eu dava umas 'batidinhas', e seguia adiante. Mas, com o confinamento, tive que lidar com o tapete empoeirado, ele estava ali, diante de mim, diariamente, então o que eu fiz? Aspirei? Não! Enrolei e coloquei onde não pudesse ver. Mas ele estava tão empoeirado, que mesmo distante dos olhos, a poeira já estava impregnada em mim, a ponto de atrapalhar a minha produtividade e reconhecer quem eu sou. Ao iniciar os encontros com as participantes, senti o quanto algumas participantes tinham angústias que as paralisavam, assim como também me paralisou por alguns meses. Nos diários, encontrei verdadeiros relatos de ansiedade patológica, mas não abordei sobre esse assunto na produção escrita da cartografia, pois ainda estou vivendo o meu processo de cura, e por isso, não tenho condições psíquicas, tampouco teóricas para discorrer sobre o assunto.

Maternidade: Fui pega de surpresa com esse genuíno e trabalhoso presente durante o mestrado. Desacreditada dessa capacidade biológica por inúmeras ginecologistas, Deus me deu a graça de gestar e maternar, e sou muito grata por isso! Mas o meu tempo não é mais o mesmo. E foi muito desafiador, produzir esta cartografia durante esse processo único de gestar e maternar. Mas, todos estes desafios me fizeram encontrar linhas de fugas para construir esta cartografia.

Mesmo padecendo de algumas dificuldades, dentre elas: conseguir conciliar horário com todas as participantes, e que todas estivessem dispondo de *internet*; além de alguém pra ficar com o meu bebê, ou fazer a reunião com ele no colo; conciliar os meus devires (mulher, mulher-esposa, mulher-esposa-mãe, mulher-esposa-mãe-pesquisadora), conseguimos cartografar as afetações cotidianas a respeito das relações de gênero e sexualidade, e localizamos os principais marcadores de gênero e sexualidade na vida da mulher moradora do

Retiro na zona rural de Coração de Maria. O diário de bordo serviu como um momento para a produção do Eu, e foi muito prazeroso ler cada linha daquelas jovens, que ali se colocaram, porém, esperava que elas produzissem mais, não houve muito empenho no diário quanto houve nas reuniões do *Google Meet*. Devo admitir que subestimei o *Google Meet*, presumi que as jovens não ficariam confortáveis em abrir a câmera muito menos em dialogar sobre os assuntos, visto que elas haviam passado o ano letivo anterior estudando assim. Mas ambos dispositivos foram excepcionais no processo cartográfico, o fato de ter superestimado o diário de bordo em relação ao *Google Meet* não descaracteriza o processo, ao contrário, reafirma a essência do projeto, para criar esta cartografia deixei que a caminhada me afetasse!

Ao reencontrar estas jovens, após alguns anos, percebi o quanto amadurecemos e como novos atravessamentos surgiram com mais intensidade, como por exemplo, as relações entre autoestima e a influência da mídia. Percebemos o quanto o mercado da estética tem influenciado e construído padrões uniformes que ignoram a diferença como elemento intrínseco aos seres. Conseguimos ver com clareza quais as barreiras visíveis e invisíveis estão permeando a construção e realização dos nossos desejos. Além disso, há uma questão importante: há espaço para esses desejos ou temos que reivindicá-los? O campo dos desejos ainda está sob constante vigilância. O devir-feminino é uma potência de desejos que, sob o domínio do pensamento colonizador que recusa a diferença, foi colocado sob a constante punição. Mas isso não impede de continuarmos identificando os marcadores que delimitam a nossa sexualidade e tudo que vem após e com ela.

Acompanhar a construção desses devires femininos cheios de subjetividade e desejo e como vivenciam o mundo, é uma experiência que transcende as teorias, é acima de tudo perceber-se enquanto sujeito ativo e passivo desse processo. São quatro anos de rizomas, desejos, experiência... Enfim, vivências. Produzir essa dissertação foi um desafio, surgiram assuntos que eu não havia planejado: insatisfação com o corpo, assuntos ligados a autoestima, racismo, pobreza menstrual, gravidez na adolescência e questões

ligadas a ansiedade. Talvez, esses assuntos sejam pistas para a próxima etapa!
Então, cara leitora e caro leitor, o que acham?

REFERÊNCIAS

ABREU, C. Hipervisibilidade e self-disclosure: novas texturas da experiência social nas redes digitais. **Visualidades**, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/34196/20846> . Acesso em: 28 nov. 2018.

AGÊNCIA SENADO. Senado Notícias. **Discurso de Bertha Lutz há 80 anos permanece atual**. Disponível em:< <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/mulheres-na-politica-1/discurso-de-bertha-lutz-ha-80-anos-permanece-atual>> Acesso em: 16 jun.2022.

ARÁN, M; PEIXOTO JUNIOR, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 129-147, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n28/07.pdf> . Acesso em: 26 out. 2018.

ARAÚJO, R. H. P. de. **Advento da emancipação humana pelo estatuto das redes ciberculturais de aprendizagem colaborativa'** 15/04/2015 263 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE UnB, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18789>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ÁVILA, A. D.; #Estupro não é culpada vítima: Notas sobre a violência de gênero e a cultura do estupro. In: RIBEIRO, C. R. P.; MAGALHÃES, C. J. **Debates contemporâneos sobre Educação para Sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. 284p.

BARRETO, M. do P. S. L. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis**, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2363/2095> Acesso em : 27 out. 2018.

BARROS, S. da C.; RIBEIRO, P. R. C. O sexting e o dispositivo da sexualidade. **Ensino em Re-Vista**, v. 23, n. 2, p. 411-436, 2016.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: 1 fatos e mitos. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia. 4. ed, 1970.

BRASIL. Portaria nº 248, de 19 de dezembro de 2011. Dispõe sobre a adequação das normas de concessão de bolsas de estudo à proteção conferida por Lei às mulheres, em função da maternidade. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. p. 21. 23 de dez. de 2011. Seção 1. Disponível em < <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/33375863/dou-secao-1-23-12-2011-pg-21> Acesso em: 07 jun. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Mulheres representam 52% do eleitorado brasileiro**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Marco/mulheres-representam-52-do-eleitorado-brasileiro> Acesso em: 15 jun.2022.

BRASIL. Agência Câmara de Notícias. **Especialistas lamentam baixa representatividade feminina na política**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/800827-especialistas-lamentam-baixa-representatividade-feminina-na-politica/>> Acesso em: 15 jun.2022.

BRASIL. Senado Federal. **Mulheres na política: uma história de lutas**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/mulheres-na-politica-uma-historia-de-lutas>> Acesso em: 16 jun.2022.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**. 2004, v. 12, n. 1 p. 205-227. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vz3j55w5HNq95Kj5QQkqFCR/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 13 jun.2022.

BUTLER, J. **Mecanismos psíquicos del poder**: teorías sobre la sujeción. 5.ed. Universitat de València: Ediciones Cátedra, 2015. Disponível em: <<http://www.redmovimientos.mx/2016/wp-content/uploads/2016/10/Judith-Butler-Mecanismos-psiquicos-del-poder.compressed.pdf>> Acesso em: 15 jul.2022.

CARNEIRO, L. de A. et al. Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e267985485, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5485. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5485>. Acesso em: 21 jan.2021.

COSTA, A. G. A.; FREIXO, A. A. Cartografando casos de violência de gênero em um grupo no Facebook. **Revista Teias**, v. 20, n. Esp, p. 93-117, 2019. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/43044/31264> Acesso em: 01 Fev. 2021.

COUTO, H. H. O. de M. Jovens professores no contexto da prática e as tecnologias de informação e comunicação (TIC). **Educ. Soc.** Campinas, v. 35, n. 126, p. 257-272, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000100015&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 24. Jan. 2021.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2015. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp->

<content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Diferenca-e-repeticao1.pdf> Acesso em: 28. jul. 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DIAS, M. B. **União homossexual**. 2010. Disponível em: [http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_655\)39_uniao_homossexual.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_655)39_uniao_homossexual.pdf) Acesso em: 14. nov. 2018.

DOLZ, J. O diário de leituras: um gênero reflexivo entre leitura crítica e escrita dinâmica reguladora. *In*: SMOLKA, A. L. B. et al. (Orgs). **O Diário de leituras na escola e na universidade: estudos do gênero e práxis pedagógica**. São Paulo: Mercado de Letras, 2018. p. 9 – 15. Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br/resumos/pdf-15-01-19-9-25-02.pdf>. Acesso em: 25. jan. 2021.

FARIAS, L. M. C. B. DE. **Discursos sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação – uma análise das políticas de currículo ibero-americanas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=950412. Acesso em: 24 de jan. de 2020.

FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 187.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249. Disponível em: <https://monoskop.org/images/2/29/Rabinow_Paul_Dreyfus_Hubert_Foucault_Uma_trajetoria_filosofica.pdf> Acesso em: 31.jul.2022.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1867820/mod_resource/content/1/FOUCAULT%20-%20Michel%20-%20A%20ordem%20do%20discurso.pdf> Acesso em: 31.jul.2022.

FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. Disponível em: https://monoskop.org/images/0/06/Foucault_Michel_Resumo_dos_cursos_do_College_de_France_1970-1982.pdf Acesso em: 28 nov. 2018.

- GOOGLE MEET. Como realizar videoconferências com o Google Meet. Disponível em: <https://apps.google.com/intl/pt-BR/meet/how-it-works/>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- GOMES, N. L. Desigualdades e diversidade na educação. **Educação & Sociedade**. 2012, v. 33, n. 120. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/sZMWK9Q7ZFGnVpV55X85WZD/#>> Acesso em: 31 jul. 2022.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1064654/mod_folder/content/0/Textos%20-%20aula%2013/GUATTARI%2C%20Felix%3B%20ROLNIK%2C%20Suely.%20Cartografias%20do%20desejo%20%5Blivro%20completo%5D.pdf?forcedownload=1> Acesso em: 06 jul. 2022.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**. 2007, v. 37, n. 132 ,p. 595-609. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/cZtcWVvvtWGDvFqRmidsBWQ/abstract/?lang=pt#>> Acesso em: 16 jun.2022.
- ILLOUZ, Eva. **O Amor nos tempos do capitalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- KELLNER, D.; SHARE, J. **Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação**. Educação & Sociedade. Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>. Acesso em: 24 jan.2021.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/64202965/larrosa-jorge-tremores-escritos-sobre-a-experiencia-pdf>. Acesso em: 25 Jan. 2021.
- LINS, B. A. A Internet Não Gosta De Mulheres? Gênero, Sexualidade, E Violência Nos Debates Sobre —Pornografia De Vingança. **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia**, 2015. Disponívem em <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a_internet_nao_gosta_de_mulheres.pdf> Acesso em: 06 fev. 2019.
- LOURO, G.L. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000a.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b. 176p.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: *PRIORE, Mary Del. (org.). História das Mulheres no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-481. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4255776/mod_resource/content/1/mulherenasaladeaula.pdf Acesso em: 31.jul.22.

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>. Acesso em: 15 fev. 2021.

LOPES, E. S.; DE MATOS, A. A. Gênero e Devir. *Cad. psicol.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 9, p. 50-60, dez. 1999. Disponível em:<
https://www.researchgate.net/profile/Eduardo-Simonini-2/publication/329453220_Genero_e_Devir/links/5c095ec6299bf139c744586f/Genero-e-Devir.pdf> Acesso em: 08 jul.2022.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014. Disponível em: <http://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2020/11/MBEMBE-Achille.-Cr%C3%ADtica-da-raz%C3%A3o-negra1.pdf> Acesso em: 31.jul.22

MBEMBE, A. “Por que julgamos que a diferença seja um problema?” Achille Mbembe. [Entrevista concedida a Katharina von Ruckteschell-Katte]. **Portal Geledés**, Online, dez.2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-julgamos-que-diferenca-seja-um-problema/#:~:text=A%20diferen%C3%A7a%20%C3%A9%20um%20problema%20apenas%20se%20acreditarmos%20que%20a.que%20eram%20melhores%20que%20outros>. Acesso em: 31 jul. 2022.

MEAD, G. H. **Mind, self and society**. Chicago: The University of Chicago Press, 1950.

MELLO, M. B. C. de. O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n 25: nov/2015 - abril/2016, p. 192-209. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/download/4798/4372>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MONTARDO, S. P.; PASSERINO, L. M. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Renote**, v. 4, n. 2, 2006.

MORO, G. H. M. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 17, n. 43, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22552> Acesso em: 26 out. 2018.

NARVAZ, M; KOLLER, S. h. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia e sociedade**, v. 18, n. 1, p. 49-55., 2006.

NOGUEIRA, E. J.; GOMES, L. F.; SOARES, M. L. de A. Netnografia: considerações iniciais para pesquisas em educação. **Quaestio**: revista de estudos em educação, v. 13, n. 2, p. 185-202, 2012. Disponível em <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/696> Acesso em: 18. set. 2017.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEQUENO, M. Ética, educação e cidadania. In: FERREIRA, G. F. de L.; ZENAIDE, T. N. de M.; NÁDER, G. A. A. **Educando em direitos humanos: fundamentos histórico filosóficos e políticos-jurídicos**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2016. p, 41-47. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wpcontent/uploads/2017/04/EducandoEmDireitosHumanosV1.pdf#page=42> Acesso em: 23 set. 2018.

PEREIRA, R. A. **Como combater o bullying na sua escola: guia para educadores e gestores**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2019. Disponível em:< https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/564663/2/Produto%20Educacional_PROFEPT_Ricardo.pdf> Acesso em: 31.jul.22

PINTO, L. de C. L. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. **ouvirOUver**, v. 15, n. 1, p. 100-111, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/42646>. Acesso em: 25 Jan. 2021.

RABENHORST, E. R. O que são Direitos Humanos?. In: FERREIRA, L. de F. G.; ZENAIDE, M. de N. T.; NÁDER, A. A. G. **Educando em direitos humanos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016. v.1.

REBOUÇAS, J. S. DOS S. **Quem pariu Mateus que balance?** Uma cartografia dos desejos maternos na adolescência CERG-São Félix/Ba. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011 (Coleção Cibercultura).

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/25214157/rolnik-suely-cartografia-sentimental-transformacoes-contemporaneas-do-desejo>. Acesso em: 25 jan. 2021.

ROLNIK, S. Guerra Dos Gêneros & Guerra Aos Gêneros. **Estudos Feministas**. v. 4, n.1, p.118-123, 1996. Disponível em < <https://www.jstor.org/stable/43903928?seq=3>> Acesso em: 29 jun. 2022.

ROLNIK, S. O mal-estar na diferença. **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em< http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000200007&lng=en&nrm=is&tlng=pt> Acesso em: 05 jul. 2022.

ROSA, M. A. G. **A divisão sexual do trabalho na indústria têxtil: interlocuções com a ergonomia**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Quirino

Gonçalves. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em:<

<https://www.periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9807> > Acesso em: 16 jun. 2022.

SILVA, A. da S. e; PINHEIRO, R. B. Exposição que fere, percepção que mata: a urgência de uma abordagem psicossociojurídica da pornografia de vingança à luz da Lei Maria da Penha. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, PR, Brasil, v. 62, n. 3, p. 243-265, set./dez. 2017. ISSN 2236-7284. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/direito/article/view/53834> Acesso em: 24 mai. 2022.

SOUSA, L. P. De.; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**(online). 2016, v. 30, n. 87.

Disponível em:<

<https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?format=html&lang=pt#ModalArticles>> Acesso em: 16 jun.2022.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2477794/mod_resource/content/1/A%20construcao%20do%20pensamento%20e%20da%20linguagem.pdf . Acesso em 25 jan.2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A. SELEÇÃO DE CASOS PARA DEBATE NO GRUPO FACEBOOK¹⁶

Caso 1: Sexting

Leila é uma menina adolescente de 16 anos que namora com Felipe Eduardo, com 17 anos de idade. Leila é uma menina super antenada nas redes sociais, utilizando todos os recursos tecnológicos de que dispõe para fazer novas amizades e divulgar fatos de sua vida pessoal. Seu namoro com Felipe Eduardo é amplamente socializado nas redes sociais, fato que dá margem para os pitacos das amigas e amigos. Leila e Felipe trocaram mensagens pelo Whatsapp e o conteúdo tinha conotação sexual e foi divulgado no grupo de amigas e amigos do Colégio. Isto gerou um enorme constrangimento para Leila, pois muitas pessoas a atacaram de maneira preconceituosa, dizendo que ela não poderia expor sua intimidade desta maneira. Para Felipe, houve maior condescendência, pois para a maioria dos meninos e adolescentes ele é homem.

Questões norteadoras:

- O que vocês acham sobre o compartilhamento do conteúdo da conversas entre Leila e o Namorado?
- Vocês concordam que os colegas da escola agiram de forma correta punindo Leila e isentando Felipe da culpa? Porque?

Caso 2: Violência de gênero na sala de aula

Na aula de Sociologia, a professora Frida, abordava a temática sobre a Instituição Familiar e as relações de gênero, junto aos estudantes da turma do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Chiquinha Gonzaga. Começou um tumulto por conta de uma discussão entre dois colegas de sala. Rosa, uma adolescente de 14 anos e Rodrigo da mesma idade, discutiram de maneira acirrada. Isto porque, Rodrigo não aceitou de Rosa uma defesa sobre os direitos das mulheres e teceu um comentário ofensivo à colega, dizendo que: “lugar de mulher é na cozinha, esquentando a barriga no fogão e esfriando no tanque”.

¹⁶ Extraídos de:

PARANÁ. Estudos de caso violência de gênero. 2015. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2semestre_2015/estudos_de_caso_fa_dedi_genero.pdf. Acesso em: 05. mar. 2018.

Questões norteadoras:

- Quais sentimentos você sentiu ao ler a frase dita por Rodrigo? “Lugar de mulher é na cozinha, esquentando a barriga no fogão e esfriando no tanque”.
- Em uma família, deve existir tarefas e/ou responsabilidades atribuídas em consequências do gênero?
- Em sua casa, como acontece?

Caso 03: Violando o direito de livre expressão da orientação sexual

Cássia e Daniela são estudantes do 2º ano C do Colégio Clarice Lispector e estão namorando há dois meses. Na semana passada o pai de uma colega foi até a diretoria do Colégio indignado por ter assistido as duas se beijando em frente ao muro do Colégio.

O pai comentou isso com seu filho e outro colega que comentaram com o restante da turma.

Na semana seguinte esses meninos cercaram as adolescentes no horário do recreio dizendo que elas precisavam de homens para aprenderem a ser mulheres de verdade. Disseram ainda que iriam dar “um jeito nisso”. A agente educacional observou a aglomeração e aproximou-se do grupo fazendo com que voltassem as suas salas de aula. Desde então as adolescentes estão com muito medo de ir e voltar da escola mas não quiseram comentar o fato com a família por medo de serem repreendidas por estarem namorando uma a outra.

Questões norteadoras:

- Hipoteticamente, sua filha ou seu filho estuda na mesma escola que Cássia e Daniela, e você presenciasse a mesma situação que o pai do caso acima presenciou. O que você faria?
- E se você tivesse uma amiga e descobrisse que era lésbica? Mudaria alguma coisa na relação entre vocês?
- Nessa escola já aconteceu alguma situação parecida? Poderia descrevê-la? Qual sua opinião sobre o assunto?

APÊNDICE B. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A jovem sob sua responsabilidade está sendo convidada para participar em uma pesquisa que se refere ao projeto intitulado “ CARTOGRAFANDO AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES EGRESSAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE” que tem como pesquisadora responsável a professora Dra. Alessandra Alexandre Freixo, do Departamento de Educação da UEFS, orientadora do trabalho dissertativo da estudante do Curso de Mestrado em Educação , Adriane Gomes Araujo Costa. Este projeto tem como objetivo geral a compreensão de processos que levaram a construção de conhecimentos sobre as relações de gênero e sexualidade entre alunas egressas da educação básica da zona rural do Município de Coração de Maria- Ba. A pesquisa terá início em Maio de 2021 e término em Setembro do mesmo ano. Ela será realizada com a participação de estudantes egressas da educação básica (que concluíram a educação básica- Primeiro grau) moradoras da zona rural de Coração de Maria-Bahia. Toda e qualquer necessidade de alteração de datas será informada as participantes envolvidas na pesquisa. Para atingir o objetivo desta pesquisa e respeitando as medidas preventivas a disseminação do COVID-19, os encontros serão realizados utilizando recursos disponíveis na internet através do *Google Meet*. O primeiro encontro é planejado com o objetivo de apresentação pessoal e do projeto de pesquisa, através do *Google Meet*, explicando os principais aspectos da pesquisa, falar um pouco sobre a trajetória pessoal e profissional da pesquisadora e o que motivou a desenvolver uma pesquisa sobre este tema. Além disso, é o momento para despertar o interesse das possíveis participantes para enriquecer este trabalho por meio das suas experiências e formar o grupo no *Whatsapp*. Neste grupo, marcaremos as próximas reuniões e também será útil para sugestões e esclarecimento das dúvidas que surgirem entre os encontros virtuais. Neste grupo também, deveremos combinar o melhor dia para as participantes receberem os cadernos para a produção dos diários de bordo, que poderão ser feitas por agendamento, em acordo com os melhores dias para as participantes. Os registros (escrita, gráfico e/ou imagens), poderão expressar acontecimentos, emoções ou pensamentos, do presente ou do passado que as levaram a atual experimentação de mundo e as relações individuais e coletivas. Este diário deve ser devolvido ao fim dos encontros virtuais, pois ele faz parte da construção assíncrona desta cartografia. Os próximos encontros virtuais serão marcados em conjunto, escolhendo dia e horário considerando a disponibilidade das participantes. Será realizado um encontro a cada quinze dias, com duas horas de duração via *Google Meet*, totalizando dez encontros virtuais. Durante os encontros virtuais, discutiremos alguns casos que estejam relacionados aos seguintes subtemas: Relações de Gênero, corpo e sexualidade, e que deveram ser escolhidos e apresentados por cada jovem. Para a realização deste trabalho, nós necessitaremos gravar (em áudio e vídeo) os encontros virtuais, e fotografar as produções do diário de bordo. Os vídeos e as conversas não serão exibidos publicamente, sendo disponíveis apenas para as pesquisadoras (Alessandra e Adriane). Esta pesquisa pode oferecer alguns riscos, tais como a exposição de suas imagens, algum constrangimento ao expressar suas opiniões, contudo nos

comprometemos a não registrar, caso não se sinta confortável em expor suas imagens e ideias, além de tomarmos todos os cuidados éticos necessários para assegurar a participação segura e livre. Como esta pesquisa envolve a produção individual e coletiva, informamos que não será possível manter a identidade em segredo entre as participantes da pesquisa, visto que utilizaremos a plataforma *Google Meet* para encontrarmos-nos virtualmente. Contudo, esclarecemos que será respeitado seu direito ao anonimato na publicação da pesquisa, se assim o desejar poderá escolher um pseudônimo (nome falso) para nomeá-la no texto dissertativo e em toda forma de publicação e veiculação dos dados da pesquisa. As participantes têm o direito assegurado de poder desistir da pesquisa a qualquer momento. Dentre os benefícios dessa pesquisa está a oportunidade de acrescentar de forma positiva na construção social e educacional das estudantes, que poderão conhecer um pouco mais sobre si mesmas e suas experiências juvenis, contribuindo também na formação inicial e continuada de professores, por meio da ampliação de sentidos em torno de conceitos-chave em torno da sexualidade e gênero, além de propiciar um espaço de escuta e construção para mulheres jovens por meio de suas trajetórias individuais e coletivas de construção social da mulher. Todo o material produzido durante esta pesquisa (gravações, imagens, áudios, e conversas) será guardado por um período de, no mínimo, cinco anos, nos arquivos de nosso grupo de pesquisa, na UEFS. Informamos que esta pesquisa não terá nenhum custo para as participantes e garantimos indenização no caso de eventual dano decorrente da mesma, caso haja algum custo, garantimos o ressarcimento de gastos oriundos de sua participação e asseguramos o direito de buscar indenização caso sofra algum dano em consequência de sua participação na pesquisa. Os resultados desta pesquisa serão socializados com as participantes em uma reunião final, que deverá acontecer no mês de fevereiro de 2022 em melhor dia e horário para as participantes. Desde já nos colocamos à disposição para esclarecer dúvidas, antes, durante e após a realização deste trabalho e garantimos assistência imediata a participante, caso ocorra algum dano decorrente de sua participação nesta pesquisa, pelo tempo que for necessário. Se você concorda que a estudante sob sua responsabilidade colabore com o trabalho que acabamos de apresentar, assine conosco este termo, em duas vias. Uma dessas vias é sua e a outra ficará aos nossos cuidados. Caso você se recusar a consentir a participação da menor de idade, não será penalizado de forma alguma. Querendo entrar em contato conosco, a qualquer momento, estaremos disponíveis no telefone (75) 3161-8084 (telefone do Departamento de Educação da UEFS), ou por endereço eletrônico (agomesbiol@gmail.com, ou aafreixo@hotmail.com). Em caso de dúvida em relação aos princípios éticos desta pesquisa, indicamos contato com o Comitê de Ética da UEFS, órgão criado para defender os interesses dos participantes em uma pesquisa com seres humanos: cep@uefs.br ou telefone - (75) 3161-8067.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO (Ao clicar no botão abaixo, você concorda em permitir a participação da menor de idade que é sua responsabilidade legal na pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador)

() Eu, (responsável legal) Declaro permitir a participação de (nome da participante) na pesquisa.

Pesquisadora:

Responsável legal da estudante:

Local e data:

APÊNDICE C. TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “CARTOGRAFANDO AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES EGRESSAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE”, que tem como pesquisadoras responsáveis a prof^a. Dr^a. Alessandra Alexandre Freixo e a estudante de Mestrado prof^a. Adriane Gomes Araujo Costa, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEFS. Este projeto tem como objetivo geral a compreensão de processos que levaram a construção de conhecimentos sobre as relações de gênero e sexualidade entre alunas egressas (que concluíram a educação básica – Primeiro Grau) da educação básica da zona rural do Município de Coração de Maria- Ba. A pesquisa deve ocorrer na forma síncrona (online) e assíncrona(off-line). Na forma síncrona, por meio de encontros virtuais via *Google Meet* que serão marcados em conjunto, escolhendo dia e horário considerando a sua disponibilidade e das demais participantes. Será realizado um encontro a cada quinze dias, com duas horas de duração via *Google Meet*, totalizando dez encontros virtuais. Na forma assíncrona, por meio dos registros no Diário de Bordo (escrita, gráfico e/ou imagens), você poderá expressar acontecimentos, emoções ou pensamentos, do presente ou do passado que a levou a atual experimentação feminina de mundo e as relações individuais e coletivas. Este diário deve ser devolvido ao fim dos encontros virtuais, pois ele faz parte da construção assíncrona desta cartografia. A pesquisa terá início em Maio de 2021. Será realizado um encontro a cada quinze dias, com duas horas de duração via *Google Meet*, totalizando dez encontros virtuais. Qualquer alteração do cronograma desta pesquisa será informada as participantes. Esta pesquisa será realizada com estudantes egressas da educação básica pública. Para a realização deste trabalho, nós necessitaremos gravar (em áudio e/ou vídeo) todos os momentos das reuniões online, assim como fotografar as produções registradas no diário de bordo. Como esta pesquisa envolve a produção individual e coletiva, informamos que não será possível manter a identidade sob sigilo entre as participantes da pesquisa. Contudo, esclarecemos que será respeitado seu direito ao anonimato na publicação da pesquisa, se assim o desejar poderá escolher um pseudônimo para nomeá-la no texto dissertativo e em toda forma de publicação e veiculação dos dados da pesquisa. Desse modo, caso você concorde em divulgar sua imagem ou imagens por você produzidas ao longo da pesquisa, solicitamos que assine o termo de autorização de uso de imagem, que segue abaixo neste formulário. Esta pesquisa pode oferecer alguns riscos, tais como a exposição de suas imagens, algum constrangimento ao expressar suas opiniões, contudo nos comprometemos a não registrar, caso não se sinta confortável em expor suas imagens e ideias, além de tomarmos todos os cuidados éticos necessários para assegurar a participação segura e livre. As participantes têm o direito assegurado de poder desistir da pesquisa a qualquer momento. Dentre os benefícios dessa pesquisa está a oportunidade de acrescentar de forma positiva na construção social e educacional das estudantes, que poderão conhecer um pouco mais sobre si mesmas e suas experiências juvenis, contribuindo também na formação inicial e continuada de professores, por meio da ampliação de sentidos em torno de

conceitos-chave em torno da sexualidade e gênero, além de propiciar um espaço de escuta e construção para mulheres jovens por meio de suas trajetórias individuais e coletivas de construção social da mulher. Garantimos o acesso ao resultado da pesquisa e salientamos que ao fim da pesquisa, estaremos mais uma vez reunidas para fazer a socialização dos resultados e das afetações individuais e coletivas resultantes da participação e construção desse trabalho. Desde já nos disponibilizamos a esclarecer dúvidas antes, durante e após a realização desta pesquisa. Querendo entrar em contato conosco, estaremos disponíveis pelos endereços eletrônicos: agomesbiol@gmail.com / aafreixo@uefs.br. Tendo dúvidas sobre os princípios éticos desta pesquisa, indicamos contato do Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS, órgão criado para defender os interesses dos sujeitos envolvidos em uma pesquisa com seres humanos: cep@uefs.br .

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO (Ao clicar no botão abaixo, você concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador)

Declaro que concordo em participar da pesquisa

APÊNDICE E. TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente, você autoriza o uso da sua imagem, ou de imagens por você produzidas, no âmbito da pesquisa “CARTOGRAFANDO AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES EGRESSAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE”, a ser desenvolvida sob a coordenação da prof^a. Dr^a. Alessandra Alexandre Freixo e da estudante de mestrado, prof^a. Adriane Gomes Araujo Costa, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens acima mencionadas, exclusivamente para fins acadêmicos, artísticos e culturais, nas seguintes formas: (I) em vídeos educativo-culturais; (II) eventos acadêmicos, exposições e/ou mostras culturais divulgadas em diversos espaços; (III) mídias de divulgação de massa, em ambientes privados, coletivos, institucionais, virtuais, dentre outros; (IV) relatórios do projeto de pesquisa; (V) em relatos de experiência de quaisquer membros d equipe executora do projeto, seja professores ou estudantes, eventualmente publicados em reuniões e/ou periódicos científicos; (VI) em possíveis eventos academicos que envolvam a temática dessa pesquisa.

Por esta ser a expressão de sua vontade, você autoriza o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem.

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

autorizo o uso de minha imagem, retratada em forma de ilustração, fotografia ou audiovisual.

autorizo o uso das imagens por mim produzidas, em forma de ilustração, fotografia ou audiovisual

não autorizo o uso de minhas imagens, mas concordo em participar da pesquisa